



4º Anuário

2012-2013

ARrede

de Inclusão Digital

**PROJETOS DA
SOCIEDADE CIVIL**

Terceiro Setor
Setor Privado



Soluções que aproximam

SÓ SEDEX SABE ONDE ENCONTRAR O PRÓXIMO THOMAZ BELLUCCI DO TÊNIS.

Jair Júnior é aluno do Projeto Social WimBelemDon de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e pode ser o próximo Thomaz Bellucci, tenista número um do Brasil. O SEDEX sabe exatamente onde encontrar os maiores talentos do País. São milhares de crianças beneficiadas em projetos sociais desenvolvidos pelas confederações esportivas patrocinadas pelos Correios. Mais que encomendas, a gente entrega um futuro melhor para as crianças brasileiras. Só SEDEX é SEDEX.

103



artplan

Jair Teixeira
Mendes Júnior
Aluno do Projeto Social
WimBelemDon de
Porto Alegre - RS



correios.com.br

SEDEX
MANDOU, CHEGOU.

Passo à frente

A história dos bons projetos de formação, sejam na área de educação, de cultura ou de inclusão digital e social, é feita de acúmulos. E, ao atingir um determinado patamar de amadurecimento, muitas vezes ocorre um salto de qualidade marcante ou mesmo a quebra de paradigma. Os 56 projetos de inclusão digital que compõem esta edição do **Anuário ARede**, focado nas iniciativas desenvolvidas pelas organizações do Terceiro Setor e por empresas, mostram um avanço dos programas em direção a políticas inclusivas mais consistentes.

Ao contrário do que acontecia no passado, e continua ainda a ser realidade em muitas iniciativas patrocinadas por empresas, os projetos aqui descritos vão além da oferta de conexão à internet e da alfabetização digital básica. Estão atentos ao uso das ferramentas tecnológicas para atingir objetivos educacionais, à capacitação do público atendido para o mercado de trabalho, ao desenvolvimento do potencial criativo dos alunos para serem produtores de cultura digital.

Em relação aos projetos da edição 2010-2011 do Anuário ARede, é nítida a evolução dos que compõem esta edição. Mas ainda não atingiram a etapa do salto qualitativo, de transformar o potencial da informação em rede e do trabalho em rede em ferramentas de uso cotidiano nos projetos para o exercício da cidadania. O desafio que se coloca, agora, é a quebra de paradigmas.

Lia Ribeiro Dias
Diretora Editorial

Diretora Editorial **Lia Ribeiro Dias**
Diretora Associada **Miriam Aquino**
Editora-Executiva **Áurea Lopes**
Repórter **Rafael Bravo Bucco**
Diagramação **Mandacaru | Manaira Abreu e Apolo Longhi**
Projeto Gráfico **Gisela Dias**
Colaboradores **Ana Carolina Silva, Carmen Nery, Bernardete Toneto, João Varella, Patricia Benvenuti, Marina Pita, Luciana Machado** (reportagem),
Sandra Leite (revisora), **José Américo Gobbo** (ilustrações)
Diretora de Publicidade **Meire Alessandra**
Executivo de Contas **Leonardo Rodrigues**
Gerente de Circulação e Marketing **Edna Foneca**
Gerente Administrativo-financeira **Adriana Rodrigues**
Assistente Administrativa **Camila Carvalho**
Web e Suporte de rede **Renan Cisi**
Impressão **Gráfica Ipsis**
Produção **Bit Social**, Av. São Luiz, 258 - conj. 2110
Cep 01046-000 São Paulo SP tel. 11 3129-79928
Jornalista responsável **Lia Ribeiro Dias** (MT 10.187)

*As informações das reportagens foram coletadas no período de julho a setembro de 2012. O Anuário está disponível para baixar, gratuitamente, no site da revista ARede. A publicação adota licença Creative Commons 3.0-By-SA (com exceção das imagens, cujos direitos pertencem aos autores).
Para falar com a redação - aurea@arede.inf.br*

Produção **bit social** Apoio **nic.br**



Tecnologia para Cidades Digitais

Um novo Caminho para a Cidadania



A facilidade de acesso à informação torna os cidadãos cada vez mais conscientes, participativos e exigentes. Assim, os gestores públicos necessitam de soluções para ampliar a conectividade e a integração das áreas de sua administração. Nesse cenário, o CPqD oferece suporte para transformar os municípios brasileiros em cidades digitais, seja qual for o seu estágio de evolução, com tecnologias e serviços inovadores que ampliam a interação entre governo e cidadão, com transparência, agilidade e eficácia.



Projeto VozMóvel
Mobilidade, Informação
e Comunicação
ao Alcance de Todos.

TRANSFORMANDO
a sociedade conectada
EM REALIDADE

www.cpqd.com.br



4 EDITORIAL

11 APRESENTAÇÃO

138 ÍNDICE DOS PROJETOS

TERCEIRO SETOR

20 ASSOCIAÇÃO CIVIL CRESCER NO CAMPO
CyberCafé Rural

24 BRITISH COUNCIL
Connecting Classrooms

26 CASA DE CULTURA TAINÃ,
Rede Mocambos

**28 CENTRO PARA DEMOCRATIZAÇÃO
DA INFORMÁTICA**
CDI Comunidade

32 CENTRO SOCIAL MARISTA (CESMAR)
CRC Cesmar e CRC do Recife

34 CIRCUITO FORA DO EIXO
Observatório Fora do Eixo

38 COLETIVO DIGITAL
Paulo Freire Memória e Presença,
Telecentros.BR e Intercâmbios Sonoros

**40 COMUNIDADE ATIVA NO DESENVOLVIMENTO
SOCIOCULTURAL EDUCACIONAL DE CIDADE
TIRADENTES**
Telecentro Cadesc

42 COMUNIDADE KOLPING DE TRÊS LAGOAS
Inclusão Digital de Três Lagoas

44 FEDERAÇÃO AVAPE
Parceria para Oportunidades de Empregos através
da Tecnologia nas Américas (Poeta)

48 FUNDAÇÃO LEMANN
Khan Academy e Lidera

50 FUNDAÇÃO PENSAMENTO DIGITAL
Centro Infante Juvenil Zona Sul

52 FUNDAÇÃO SEMEAR
Centro de Vivência Redentora

**54 GRUPO DE INFORMÁTICA, COMUNICAÇÃO
E AÇÃO LOCAL (GIRAL)**
Agentes de Desenvolvimento da Comunicação (ADC)

56 INSTITUTO AYRTON SENNA
Programa Escola Conectada

58 INSTITUTO EDUCADIGITAL
Recursos Educacionais Abertos-Brasil

60 INSTITUTO EMPREENDER
Programa Enter Jovem Plus

**62 INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO
E COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES**
Escrevendo com Escritor

64 INSTITUTO MILHO VERDE
Ponto de Cultura Cordão Cultural por Milho Verde

**66 INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO
VTECNOLÓGICO E SOCIAL (IDEAR)**
SeLiga!

68 INSTITUTO ROGERIO STEINBERG
Informática Educativa

**70 OXIGÊNIO DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS
PÚBLICAS E SOCIAIS**
Projovem Trabalhador – Juventude Cidadã,
PlanSeQ – Próximo Passo, CRC Oxigênio

72 PONTO DE CULTURA COCO DE UMBIGADA
Centro Cultural Coco de Umbigada

74 PORTO DIGITAL
Porto Digital

76 PROGRAMA REDE JOVEM
Wikimapa - Localização ao Alcance de Todos

78 PROGRAMANDO O FUTURO
Estações Digitais, Estação de Metarreciclagem
de Samambaia, Polo Centro-Oeste do Programa
Telecentros.BR

80 PROJETO SAÚDE & ALEGRIA
Conexão Amazônia

82 REDE GEMAS DA TERRA
Rede Gemas da Terra de Telecentros Rurais

84 TEIA CASA DE CRIAÇÃO
Pontão de Cultura Nós Digitais

86 THYDÊWÁ
Oca Digital , Índio Educa, Índios Online e R.I.S.A.D.A.



SETOR PRIVADO

- 90 CASAS BAHIA**
Amigos do Planeta - Inclusão Digital
- 92 CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL (CECAFÉ)**
Produtor Informado e Criação do Café na Escola
- 94 CPQD**
Qualificar para Incluir
- 96 FUNDAÇÃO ARCELORMITTAL**
Programa Cidadania Digital
- 98 FUNDAÇÃO CSN**
Garoto Cidadão
- 100 FUNDAÇÃO IOCHPE**
Projeto Formare
- 102 FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL**
Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro e Brasil Hoje
- 104 FUNDAÇÃO NOKIA DE ENSINO**
Inclusão Digital e Curso Preparatório Pré-Nokianos
- 106 FUNDAÇÃO ODEBRECHT**
Programa de Inclusão Digital Caia na Rede
- 108 FUNDAÇÃO ORSA**
Interação Digital
- 110 FUNDAÇÃO TELEFÔNICA | VIVO**
R.I.A.
- 112 FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL**
Rede Jovem Comunica
- 114 FUNDAÇÃO VALE**
Ação Educação
- 116 IBM BRASIL**
KidSmart
- 118 INSTITUTO ALGAR**
Programa Algar Educa
- 120 INSTITUTO CLARO**
Prêmio Instituto Claro
- 122 INSTITUTO EMBRTEL**
Embratel Educação
- 124 INSTITUTO NEXTEL**
Conexão Direta e Conexão Digital
- 126 INSTITUTO DA OPORTUNIDADE SOCIAL**
Capacitação profissional em administração, tecnologia da informação e direcionamento para o mercado de trabalho
- 128 INTEL BRASIL**
Intel Aluno Técnico e Intel Aprender
- 130 NET SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO**
Net Educação
- 132 OI FUTURO**
Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia e Núcleo Avançado em Educação (Nave)
- 134 QUALCOMM E INSTITUTO AMBIENTAL BRASIL SUSTENTÁVEL**
Pescando com Redes 3G
- 136 UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**
Mutirão pela Inclusão Digital, Kit Escola Livre



Para ser uma empresa respeitada no mundo inteiro,



é preciso mais do que tecnologia.



A Petrobras alinha suas atividades aos 10 princípios do Pacto Global da ONU e, há sete anos, integra o Índice Dow Jones de Sustentabilidade Mundial. Os projetos da Petrobras são selecionados por processos públicos, com igualdade



de condições entre os inscritos e ampla participação social. São iniciativas concretas, que valorizam principalmente a diversidade cultural, os direitos da criança e a biodiversidade. Se o futuro é um desafio, a Petrobras está pronta.



Ministério de Minas e Energia



O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Da alfabetização digital à inclusão qualificada

O crescimento do uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) no Brasil vem sendo apontado, com frequência, em diversos estudos e levantamentos. Por trás dos números, pessoas transformam suas histórias de vida. E algumas delas aparecem aqui, na 4ª edição do **Anuário ARede de Inclusão Digital**, anos 2012-2013, que traz um panorama dos projetos da sociedade civil - no ano anterior, foram apresentados os do setor público. Estão descritos, nas próximas páginas, 56 projetos: 31 de responsabilidade e gestão de organizações não governamentais e 25 mantidos por institutos, fundações ou empresas. São reportagens sobre gente que amplia horizontes ao botar o pé no mundo digital. E sobre comunidades, sobretudo as de baixo índice de desenvolvimento, beneficiadas por serviços eletrônicos ou por novas oportunidades de geração de renda, que se tornam viáveis pela internet.

Gestores de programas, monitores de telecentros, educadores, estudantes, trabalhadores rurais, entre outros, contam suas conquistas e os desafios que se colocam ao processo de apropriação cidadã das ferramentas tecnológicas. Fica claro, nas experiências tanto urbanas quanto rurais, que a inclu-



ção digital não trata mais de abrir telecentros, ensinar a usar máquinas, ligar uma antena de sinal via satélite. Em um país cada vez mais conectado – o uso individual da internet tem crescido 8% ao ano, segundo a pesquisa intitulada “O início, o fim e o meio digital: cobertura, capacidades e convergência” (julho de 2012), realizada pela Fundação Getulio Vargas (FGV) em parceria com a Fundação Telefônica Vivo –, para além de dar acesso, torna-se urgente qualificar a inclusão.

No entanto, essa é uma preocupação ainda distante, na grande maioria dos projetos da sociedade civil, mais acentuadamente os de iniciativas de origem empresarial – que mantêm a prática da alfabetização digital, alguns sequer oferecendo cursos e oficinas, mas limitando-se a suprir o entorno dos locais onde atuam as companhias com telecentros para acesso gratuito. Destacam-se, nesta edição, os programas que vão além. Aqueles que passam a encarar as ferramentas tecnológicas como meios para atingir objetivos educacionais ou para alcançar informações relevantes ao desenvolvimento de seus projetos, como o Escola Conectada (pág.56), o Garoto Cidadão (pág. 98), o Informática Educativa (pág. 68) e o Intel Aprender (pág. 128).

O Anuário ARede 2012 detectou ainda que, nos projetos que trabalham na linha da formação, predomina a qualificação de jovens voltada ao universo do trabalho. A maioria prepara os usuários para o domínio de programas

Destacam-se os programas que encararam a tecnologia como meio para atingir objetivos educacionais ou alcançar informações relevantes ao desenvolvimento





Outra barreira que vem se erguendo e precisa rapidamente ser desfeita é a dissonância na interlocução do poder público com o terceiro setor

mais utilizados em escritórios, 90% ensinam a usar produtos proprietários. Poucos dão um passo à frente, oferecendo capacitação para uso de aplicativos mais complexos de gestão, como acontece no projeto do Instituto da Oportunidade Social (pág. 126), ou em recondicionamento de máquinas, tônica dos cursos da ONG Oxigênio (pág. 70).

Da edição anterior (2009-2010) para esta (2012-2013), observamos um aumento de ações focadas na criação de portais e redes de conteúdos, como Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro (pág. 102) e o Escrevendo com o Escritor (pág. 62). Surgiram até parcerias com instituições estrangeiras que trazem para o Brasil iniciativas já consolidadas em outras partes do mundo – Connecting Classrooms (pág. 24) e Khan Academy (pág. 48).

Mas ainda é pouco, se considerarmos o potencial da cultura digital. “Temos de pensar em qual é o papel dos centros públicos de acesso à internet”, diz a pesquisadora Marta Voelcker, da Fundação Pensamento Digital. Com base em um trabalho de campo nas bibliotecas públicas dos Estados Unidos, que atuam em ações de inclusão digital, Marta avalia que os telecentros e os projetos de inclusão sociodigital brasileiros poderiam, por exemplo, pensar nas TICs para a organização e disseminação de informações de interesse público. Ela dá um exemplo: “Poderíamos criar redes sociais

de grupos segmentados e fazer circular a informação entre eles, via celular. Mães de menores em situação de conflito com a lei... elas têm muito em comum, precisam das mesmas informações, podem se articular para o desenvolvimento de atividades de seu interesse”.

Sinal amarelo

A qualidade da inclusão sociodigital não é o único desafio estrutural de um país onde as TICs, aliadas a políticas públicas de democratização digital, podem trazer soluções antes impraticáveis para problemas seculares – basta ver o que uma antena 3G levou de benefícios à saúde das populações ribeirinhas, por meio do projeto Conexão Amazônica (pág. 80). Outra barreira que vem se erguendo e precisa rapidamente ser desfeita é a dissonância na interlocução do poder público com o terceiro setor. É enorme o contingente de organizações da sociedade civil que atua em parceria com iniciativas de governo, em especial o governo federal, mas também das esferas estadual e municipal. Com o lançamento do programa Telecentros.BR, proposta de ação guarda-chuva das práticas públicas, muitas em convênio com ONGs e organizações civis, as iniciativas do terceiro setor foram diretamente impactadas pelos desdobramentos do programa-mãe, que enfrentou e ainda enfrenta dificuldades.

Paulo Lima, do Projeto Saúde & Alegria, alerta: “Todas as críticas à distribuição de antenas parabólicas, videocassete e televisores pelo MEC e a incapacidade de instalar e gerir os equipamentos, levando à sua depreciação, podem se repetir. São milhares de computadores do Telecentros.BR já espalhados pelo país sem poder ser instalados, sob o risco de perda de garantia, causando grande frustração em comunidades com grandes dificuldades de comunicação”. O alerta foi ouvido pelo Ministério das Comunicações, responsável pela logística do programa, que montou um mutirão, no segundo semestre deste ano, para acelerar a entrega, instalação e conexão das máquinas nas entidades parceiras que, de fato, se prepararam para receber um telecentro. Várias entidades selecionadas não conseguiram superar as



Venha construir a
educação do século XXI.

VII Encontro Internacional de Educação 2012-2013.

A Fundação Telefônica Vivo está promovendo um grande **debate virtual** sobre os desafios da educação no mundo digital. Venha participar desse intercâmbio de conhecimentos entre educadores e especialistas de países latino-americanos. Sua contribuição é muito importante.

Fundação Telefônica

Próximos temas

A educação integral na era digital
O que e como ensinar e aprender na sociedade digital

Participação gratuita e recebimento de certificado.

Acesse www.fundacaotelefonica.org.br
e compartilhe suas experiências. Participe.

Telefônica

vivo

dificuldades. A dúvida era se as ações emergenciais para fazer a roda emperrada girar seriam suficientes para vencer os desafios, especialmente de logística e da burocracia estatal num país de dimensões continentais.

Também o Cultura Viva, programa do Ministério da Cultura (MinC) que abriga os Pontos e Pontões de Cultura, enfrenta dificuldades que vêm desde 2010. Um exemplo dos prejuízos causados pela falta de uma política pública consistente é a desativação, em Porto Alegre, do Pontão de Cultura Minuano, criado em 2008 pela Associação Software Livre (ASL) e reconhecido pelo trabalho de difusão de tecnologias livres para 70 pontos da região Sul. O convênio assinado com o Ministério da Cultura, que tinha garantido o repasse de R\$ 444 mil em 2009, não foi renovado em 2010, nem nos anos seguintes. O Pontão suspendeu as atividades e oficinas, não conseguiu investir em novos equipamentos e desfez a equipe. “Ocorreram algumas iniciativas isoladas, por interesse da associação e de outros parceiros”, complementa Sady Jacques, da ASL.

Sinal vermelho

O cenário, para o terceiro setor, fica ainda mais complicado a médio e longo prazo, à medida que os atuais convênios forem terminando, pois surgiram impedimentos legais para assinaturas de novos. Determinações governamentais para melhorar o controle sobre recursos públicos impuseram restrições severas e estabeleceram exigências que a grande maioria das organizações da sociedade civil é incapaz de atender.

Se há dificuldades pelo caminho, também já se veem sinais de vontade política em resolver os problemas e reduzir a burocracia nos convênios entre governo e sociedade civil.

“Agora é preciso ter um certificado de utilidade pública, três anos de CNPJ, não pode renovar o convênio mais de uma vez... Está muito difícil para o terceiro setor fazer projetos com o governo”, diz Maurício Favignna, da organização social Sampa.org. Ela conta que, dentro desses padrões, até iniciativas já maduras, com tradição e reco-

nhecimento, terão dificuldades: “Se tiver de cumprir todas essas exigências, até o Cesmar de Porto Alegre [pág. 32] vai ter de encerrar o convênio”. Paulo Lima acrescenta: “Essa asfixia a que estão submetidas as ONGs e os movimentos sociais poderá matar no nascedouro uma das mais democráticas formas de gestão pública que o país buscou experimentar”.

Se há dificuldades pelo caminho, também já se veem sinais de vontade política em resolver os problemas e reduzir a burocracia nos convênios entre governo e sociedade civil, sem descuidar do controle da aplicação do dinheiro público pelas entidades conveniadas. A Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural do MinC vem fazendo um grande esforço para zerar o passivo de convênios firmados entre 2006 e 2010, e até setembro já tinha conseguido liquidar mais de 50% dos restos a pagar. A ampliação do diálogo com a sociedade civil e a simplificação dos processos é o caminho, na visão da secretária de Cidadania Márcia Rollemberg, para tornar os convênios exequíveis e produtivos. No entanto, a ministra Marta Suplicy deixa claro, diante das demandas da sociedade civil pela redução da exigências, que algumas são essenciais para garantir o bom uso do dinheiro público. “Reduzir a burocracia não significa eliminar os controles”, afirma.



SHAPING THE NETWORKED SOCIETY



ERICSSON

APROVEITE A MELHOR OFERTA DE IPAD DO MERCADO.



Oferta válida até 31/10/2012 e sujeita a análise de crédito. Valores válidos para os primeiros 24 meses de contrato. Após esse período, os valores vigentes serão cobrados. A Oferta iPad2 de R\$ 89,90 por mês é composta de plano Liberty Web Empresa Tablet (R\$ 34,90) + aparelho Apple iPad2 16GB em venda facilitada (24x de R\$ 55,00). Sujeito a cobrança das parcelas vincendas do aparelho em caso de rescisão contratual antecipada. Confira as regras de negociação com um consultor de vendas TIM do seu Estado. Liberty Web Tablet: navegação com

COM **LIBERTY WEB EMPRESA TABLET**, SUA EMPRESA
NAVEGA ILIMITADO EM QUALQUER LUGAR DO BRASIL.

iPad 2 +
**Liberty
Web
Empresa
Tablet**

R\$ 89,90/mês

- **LIGUE GRÁTIS 1056 E DIGITE 5 PARA AGENDAR UMA VISITA.**
- **CLIENTE EMPRESA TIM: COMPRE DIRETO PELO *144.**

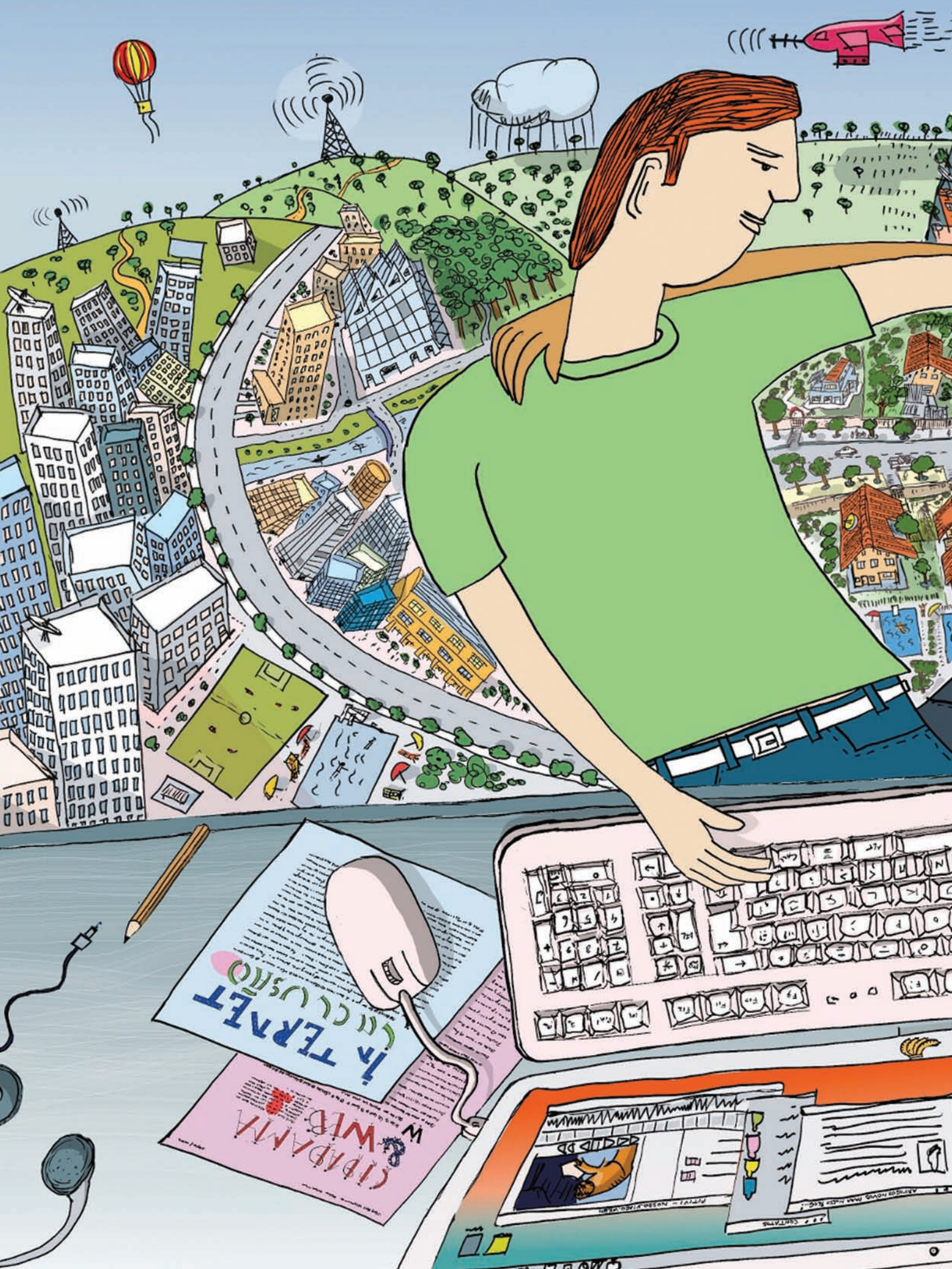
**BASTA TER
CNPJ**

A TIM renova seu compromisso
de qualidade para que todos
os brasileiros possam se comunicar
mais, fazer mais e ir mais longe.



Você, sem fronteiras.

velocidade máxima de até 3,6Mbps em áreas 3G. O conceito Ilimitado dos planos TIM Liberty Web aplica-se exclusivamente ao volume de dados trafegados. A TIM reserva-se o direito de aplicar restrições de uso fora do Estado (UF) onde o serviço foi contratado. No plano Liberty Web Empresa Tablet, ao atingir a Regra de Uso (800MB), a velocidade de conexão será limitada em até 100kbps e restabelecida no ciclo de faturamento subsequente. Consulte as condições dos serviços, a disponibilidade de cobertura e outras informações em www.tim.com.br.





Terceiro Setor

Uma chance para o campo

Internet e oficinas criativas mudam a vida de crianças e jovens da área rural e da periferia urbana, em Espírito Santo do Pinhal



Fotos Divulgação

Nos dois núcleos, a conexão à internet acontece via ondas de rádio resultado de parceria com uma empresa de telecomunicações.

Ser criança no campo não é nada fácil. Mudar de residência é quase uma rotina, em função do trabalho nas colheitas, e a escola raramente fica perto de casa. Ser criança no campo, boa parte das vezes, significa não ter atividades além da escola, passar muito tempo ocioso ou ajudando os pais no trabalho da roça. Uma exceção a essa regra acontece em Espírito Santo do Pi-

O CyberCafé hoje abriga 139 crianças e jovens, 49 a menos do que em 2009. A previsão, de acordo com os responsáveis pelo projeto, é receber mais 40 no segundo semestre. As vagas são concorridas, há lista de espera. A educadora e coordenadora Giovanna Maria de Matos Alvarenga informa que pelo menos cem candidatas aguardam a vez. O projeto atende um público entre 5

Branca, para 80 crianças.

Ao desembarcar do ônibus escolar, os estudantes almoçam e se dividem em três grupos de trabalho: um dedicado às artes, outro à ecologia e o terceiro à tecnologia. Muitas delas experimentam a internet, *blogs* e redes sociais pela primeira vez no CyberCafé. As aulas acontecem todas as tardes, das 12h30 às 17 horas, e complementam o aprendizado da escola.

As crianças trabalham com *softwares* educacionais que ajudam na alfabetização e no reforço escolar. Nas atividades, aprendem a produzir conteúdos, trocar informações e se relacionar por meio de *blogs* e *e-mails*. Boa parte delas passa a tirar notas melhores, segundo a professora Maria Rita da Costa Pinto, que leciona em uma escola parceira à unidade Areia Branca.

No projeto Rurbano (nome dado pelas crianças para identificar o que é rural e urbano), os estudantes

Nas atividades, as crianças aprendem a produzir conteúdos, trocar informações e se relacionar por meio de blogs e envio de e-mails.

nhal (SP), cidade situada na Serra da Mantiqueira, entre Mogi-Guaçu (SP) e Poços de Caldas (MG). Lá, desde 2005, o CyberCafé Rural, projeto da Associação Civil Crescer no Campo, apoia a formação de crianças e adolescentes e resgata o valor da cultura rural por meio da tecnologia.

e 16 anos, em duas unidades, nos bairros de Areia Branca e Floresta. A unidade de Monte Azul, que funcionava no bairro de Santa Luzia, fechou por não comportar mais de 40 estudantes e se localizar em um bairro de condição socioeconômica melhor. No lugar, foi aberta a unidade Areia

abordam as diferenças e semelhanças de quem vive no campo e na cidade. Saem às ruas com bloquinho e caneta em mãos, anotam o que veem, analisam brincadeiras, sotaques, músicas e hábitos de quem mora, como eles, na área rural, e de quem mora na cidade. Em seguida debatem as experiências em *blogs*, fóruns e compartilham na internet. “É uma forma de construção da identidade de quem mora em áreas remotas”, diz Maria Rita.

O assunto permeia todas as atividades que ocorrem no local, da experiência com computadores, às atividades ambientais e artísticas. As crianças estudam sobre plantas nativas e sobre a interferência do homem na natureza. São estimuladas a desenvolver trabalhos e expor em feiras de ciência.

“Ao tentar entender as diferenças de cada ambiente a gente acaba esbarrando em várias disciplinas. Sem querer, estudamos geografia, história e biologia”, diz a estudante Julia Silva, de 12 anos, uma das beneficiadas pelo projeto. “Eu não tenho computador em casa e na escola é muito concorrido; aqui aprendi como pesquisar e me comunicar pela rede”, conta.

Bruno Vieira, de 13 anos, diz que para ele a experiência no projeto está sendo muito importante, especialmente pela inclusão digital. “Sei que um dia, no futuro, poderei usar todos os meus conhecimentos em mídias digitais no meu trabalho, em meu favor”, diz. “A oficina Jornalista Rural Mirim, em que produzimos material jornalístico, me ensinou que o lugar onde vivemos ainda tem muito a ser explorado”, afirma.

Nos últimos dois anos, o CyberCafé Rural reduziu a quantidade de atendidos, mas passou a receber também crianças e adolescentes moradores da periferia da zona urbana e avançou em suas propostas pedagógicas. Foram criadas novas oficinas como o Click Ideia, Jornalista Rural Mirim e Rede de Informação e Comunicação. No ano passado foi lançado o CyberVídeo, em que os jovens elaboram vídeos com temas de sua preferência. As atividades desenvolvidas pelo projeto foram certificadas pela Fundação Banco do Brasil como práticas de Tecnologia Social.

A Prefeitura se responsabiliza pelo transporte e pela alimentação dos estudantes. Nos dois núcleos, a conexão à internet acontece via ondas de

rádio, resultado de uma parceria com a empresa RedeNilf Serviços de Telecomunicação. As duas unidades totalizam 28 computadores. Os recursos para financiar o projeto vêm da Prefeitura de Santo Antônio do Pinhal, dos bancos Itaú, HSBC, da Fundação Itaú Social e da empresa Odebrecht. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, bazares de Natal, bingos e festas complementam o orçamento.

O engajamento das crianças e dos adolescentes se deve em parte à parceria entre os educadores e as famílias, que se reúnem periodicamente para debater as dificuldades e parcerias que podem ser feitas.



Nos últimos dois anos, o projeto reduziu a quantidade de atendidos, mas passou a receber também crianças e adolescentes moradores da periferia urbana.

A valorização da cultura do campo reforça a identidade e a autoestima. Na rede, as crianças se reconhecem como indivíduos e passam a ter uma



comunicação com o mundo que nunca imaginaram ser possível.

GIOVANNA MARIA DE MATTOS ALVARENGA

25 anos, educadora, formada em Ciências Biológicas e estudante de Pedagogia.

CYBERCAFÉ RURAL

Instituição responsável

Associação Civil Crescer no Campo

Parceiros

Prefeitura de Espírito Santo do Pinhal, Scuzinet Comunicação & Web, Unipinhal, Porto Lauand Advogados, Colégio Claretiano de São Paulo

Abrangência geográfica

Bairros rurais de Espírito Santo do Pinhal e periferia (Areia Branca e Eloy Chaves)

Público

139 crianças e adolescentes

www.crescernocampo.org.br e www.facebook.com/associacao.crescernocampo

A VIDA ÚTIL DO SEU CELULAR ACABOU? PRA GENTE, NÃO.

TRAGA SEU APARELHO E SUA BATERIA ANTIGOS
PRA RECICLAGEM NUMA LOJA OI.

A Oi tem compromisso com a natureza. São várias iniciativas no seu Programa Oi de Sustentabilidade e um único objetivo: promover um futuro melhor pra todos. Isso se traduz na permanência da Oi pelo quarto ano no ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) e pelo segundo ano no ICO2 (Índice Carbono Eficiente), ambos os índices iniciativas da BM&FBovespa. É a Oi fazendo a sua parte, pra você também fazer a sua. Consulte os pontos de coleta: www.oi.com.br/coletadebaterias



Intercâmbio com o mundo

Estudantes aprendem inglês e ampliam fronteiras por meio de plataforma digital onde compartilham conhecimentos com alunos de outros países

A ampliação de horizontes é a força motora do aprendizado no projeto Connecting Schools, trazido ao Brasil em 2009 pelo British Council (BC), organização sem fins lucrativos que atua em

que estudantes de diversas faixas etárias aproveitam o contato com estrangeiros para treinar o idioma inglês. Mais que isso, se relacionam com estrangeiros a partir de temas como artes, esportes, educação e

outros países, e discutem, em rede, o resultado das experiências na formação dos alunos.

O portal Connecting Classrooms Online traz ferramentas de comunicação como fóruns e conteúdos educacionais em formatos como vídeos, áudios, textos, fotos. Tudo em inglês. Na sala de aula, porém, as atividades podem ser desenvolvidas em português, a critério de cada escola. Tudo o que os alunos produzem é trocado com os demais participantes do Connecting Schools em outras partes do mundo. Atualmente, o programa está implantado em escolas de 51 países. No Brasil, já envolveu cerca de 800 professores. Cada escola ins-

O projeto também beneficia educadores, que fazem intercâmbio de práticas pedagógicas com professores de outros países.

mais de cem países. Em parceria com o Instituto Crescer para a Cidadania, o BC coloca à disposição de escolas públicas e particulares brasileiras uma plataforma digital em

língua inglesa, aumentando seus conhecimentos de novas culturas. O projeto também beneficia educadores, que fazem intercâmbio de práticas pedagógicas com professores de



Fotos: Divulgação

Qualquer professor pode candidatar sua instituição a receber o projeto, que tem duração de dois meses; e a escola escolhe a temática que deseja abordar.



A escola escolhe a temática que deseja abordar, de acordo com um cardápio que varia segundo as faixas etárias dos alunos.

creve, em média, dois educadores.

Qualquer professor pode candidatar sua instituição a receber o projeto, que tem duração de dois meses. A escola escolhe a temática que deseja abordar, de acordo com um cardápio que varia segundo as faixas etárias dos alunos. Para 2011-2012 foram colocados à disposição cinco diferentes módulos para o ensino fundamental I, cinco para o fundamental II e cinco para o médio.

Na Escola Estadual Monsenhor José Paulino, de Pouso Alegre, Minas Gerais, as crianças estudaram as grandes personalidades brasileiras. “Meus alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre as contribuições de pessoas de diversos países para tornar o mundo um lugar melhor. Eles também compartilharam suas experiências e fortaleceram sua autoestima com o uso de uma língua estrangeira”, assinala a professora de inglês Ângela Barroso dos Santos Duarte. No módulo Contos Folclóricos, dirigido a alunos do ensino fundamental I, as crianças têm de elaborar e apresentar um texto. Para isso, vão pesquisar. Depois de produzidas e ilustradas, as histórias circularão pelo mundo. Para os estu-

dantes do fundamental II, há o módulo Conhecer para Preservar: Animais em Extinção. Uma das tarefas é elaborar materiais de sensibilização para divulgar na comunidade escolar. Os jovens do médio trabalham com o projeto Fenômenos da Natureza. Além de analisar os eventos naturais mais recorrentes na região, os garotos vão propor ações para amenizar o impacto desses fenômenos.



Tudo o que os alunos produzem é trocado com os demais participantes

Trabalho em uma escola na periferia de, São Paulo e antes ficávamos limitados no nosso mundo. É uma oportunidade para quem não pode viajar, trocar experiências e culturas. Foi muito enriquecedor.

SILVIANA DO CARMO DE FARIA GROSSI
da Escola Estadual Jardins Moraes Prado II.

CONNECTING CLASSROOMS

Instituição responsável

British Council

Responsável pelo projeto

Aliandra Barlete, do British Council

Parceiro

Instituto Crescer para a Cidadania

Abrangência geográfica

Mundial

Público

Mais de quatro mil escolas em 51 países; no Brasil, cerca de 800 professores capacitados para usar a plataforma

Investimento

Não informado

<http://ccprojeto.wordpress.com>
<http://schoolsonline.britishcouncil.org/brazilprojects>

Pajelanças tecnológicas

Comunidades tradicionais se apropriam de ferramentas digitais para resgatar suas histórias e preservar suas culturas

Como conectar – ao mundo e entre seus pares – uma região rica em cultura, com infraestrutura precária de internet? Na Casa de Cultura Tainã, instituição social sem fins lucrativos que se dedica a fazer a inclusão socio-digital de comunidades indígenas e quilombolas no Brasil, surgiu uma proposta concreta. A ideia surgiu a partir de uma necessidade real, que é a interligação da Rede Mocambos – uma rede solidária de comunidades nativas que atua na preservação da identidade cultural, no desenvolvimento local, na apropriação tecnológica e na inclusão social dessas populações.

Com 180 comunidades distribuídas por 18 estados, a Rede Mocambos ganha muito se puder dispor de uma arquitetura não comercial e independente de comunicação. Assim surgiu a solução que está sendo chamada de Baobáxia. Trata-se de uma rede autônoma, mas ligada à

internet, que interliga computadores locais e permite o compartilhamento entre os usuários de vários pontos. “Queremos criar uma cultura local de rede, independente da conexão, para difundir informações de maneira inteligente”, diz o italiano, naturalizado brasileiro, Vincenzo Tozzi, desde 2005 no Brasil e na Casa de Cultura Tainã, que fica em Campinas (SP). Com o sistema, os usuários podem subir qualquer conteúdo (imagens, vídeos, textos) para um servidor local e decidir se querem deixá-lo restrito aos integrantes da comunidade ou aberto ao público. “Esse projeto já está na fase de testes e implementação, que demanda investimentos altos”, conta Antônio Carlos Santos Silva, conhecido como TC, um dos fundadores e coordenador da Tainã. Em tempos de buscar patrocínios, a solução foi apresentada até no Rio+20.

A Rede Mocambos foi constituída em 2001 e se apoia fortemente nos

Há uma série de saberes muito importantes que estão nas próprias comunidades, porém muitos nem se dão conta do valor que isso tem. Queremos garantir mais contribuições e trocas de conhecimentos, para uma melhor formação.

SAY MALTA

32 anos, uma das diretoras e educadora da instituição

recursos tecnológicos. No portal que agrega as iniciativas que integram a rede circulam informações das comunidades, documentos dos encontros, imagens, vídeos, agenda cultural. Também no *site*, um exemplo de como as ferramentas digitais podem potencializar as ações do grupo é o aplicativo Rota dos Baobás (www.mapa.mocambos.net). Um sistema de georreferenciamento baseado em um programa de código aberto (Ushahidi) faz uma cartografia de comunidades quilombolas, urbanas e rurais, terreiros e telecentros do país.

Outro trabalho, em conjunto com o Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) e o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), deu origem ao Projeto Tambor, Acervos e Comunicação. Trata-se de uma biblioteca digital com ferramentas para produzir, sistematizar e catalogar conteúdos artísticos, culturais, linguísticos produzidos por grupos de origem africana no Brasil. “Queremos criar instrumentos para validar o saber popular”, ressalta TC.



Fotos Divulgação

No portal que agrega as iniciativas da rede circulam informações das comunidades, documentos dos encontros, imagens, vídeos, agenda cultural.



A Casa Tainã também promove formações e oficinas sobre conteúdos digitais como audiovisual, softwares livres, entre outros.

Um dos momentos emblemáticos em que esse saber se manifesta é nas “pajelanças quilombólicas digitais” – reuniões de formação e conhecimento, que promovem discussões estratégicas sobre a agenda social dos movimentos. Em 2011, foi realizada uma pajelança que debateu a pesquisa de técnicas construti-

beres, com tijolos de adobe (técnica ensinada no encontro por quilombolas de Alcântara, do Maranhão) e bambu. As técnicas sustentáveis de construção também preocupam a Casa do Boneco, em Itacaré (BA), uma associação de afrodesenvolvimento que defende o modelo de bioconstrução. “Mas temos problemas

Mocambos organizam ciclos de formação sobre temas específicos. A partir de uma oficina de gráficos, por exemplo, os participantes conseguiram fazer a editoração do jornal comunitário local.

A Baobáxia é uma rede autônoma, ligada à internet, que faz a conexão de computadores locais e permite o compartilhamento entre os usuários de vários pontos.

vas com bambu. “Várias comunidades recebem imóveis do programa federal Minha Casa, Minha Vida, que empurra um modelo muito distante da cultura local”, explica Tozzi. A equipe da Casa de Cultura Tainã, em parceria com o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), pesquisa e desenvolve tecnologias para tratar a matéria-prima e propõe novas possibilidades para o uso do bambu na habitação que contemplem a participação dos moradores. Durante a pajelança, construíram a Tenda dos Sa-

de infraestrutura”, conta Say Malta, uma das diretoras e educadoras da instituição. A Casa do Boneco faz parte da Rede Mocambos desde 2008 e já sediou o encontro regional da Rede, em 2010, para os estados do Norte e Nordeste.

Além de eixos como educação e cultura negra, um dos pilares da Casa Tainã é a apropriação tecnológica. A instituição realiza formações e oficinas sobre conteúdos digitais, como audiovisual, *softwares* livres, entre outros. Voluntários da Rede

REDE MOCAMBOS

Instituição responsável

Casa de Cultura Tainã, núcleo da Rede Mocambos

Responsável pelo projeto

Antônio Carlos Santos Silva, fundador e coordenador

Parceiros

Centro Cultural Itaú, Fundação Palmares, MST, Prefeitura de Campinas, ministérios da Cultura e das Comunicações, Sanasa, Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Igualdade Racial, Fundação Banco do Brasil, Instituto Agrônomo de Campinas

Abrangência geográfica

18 estados

Público

Comunidades quilombolas, indígenas, urbanas e rurais, organizações civis

Investimento

Informação não disponível

www.mocambos.net

<http://wiki.mocambos.net>

Pioneirismo e abrangência

Projeto consolidado pela distribuição de equipamentos e cursos técnicos agora foca formação e produção de conteúdos

Já não bastasse estarem doentes, as crianças internadas no hospital federal Cardoso Fontes, no Rio de Janeiro, tinham de passar a maior parte do tempo na cama, sem ter o que fazer. Mas a rotina desses garotos e garotas mudou quando os voluntários do núcleo CDI Montreal, no Rio de Janeiro, criaram a Caixa da Diversão – que nada mais é do que um *laptop* com jogos e programas educacionais que melhoram o raciocínio e a cognição. O projeto seguiu à risca os valores da organização não governamental (ONG) Centro para Democratização da Informática (CDI): identificar os problemas de uma comunidade e desenvolver uma solução a partir das necessidades dos que serão beneficiados. A Caixa de Diversão também foi muito útil para aliviar o sofrimento das crianças vítimas das inundações em Petrópolis, em janeiro de 2011.

O CDI Montreal é um dos 717 espaços de inclusão digital da ONG, uma das primeiras a trabalhar com inclusão digital no Brasil, e que hoje está presente em 17 estados (mais o Distrito Federal) e 12 países. Com a convicção de que a tecnologia é um agente de transformação que possibilita inserção e crescimento no mercado de trabalho, a organização procura capacitar pessoas no domínio das ferramentas digitais de modo a prepará-las para fazer mudanças nas suas vidas e nos lugares onde vivem. Quando foi criado, em 1995, a maior preocupação do CDI era garantir computadores para a população brasileira. Hoje os esforços estão direcionados à produção de conteúdo – como a Caixa de Diversão. No en-



Fotos Divulgação

A metodologia do CDI se apoia em cinco pontos: ler o mundo, pesquisar os dados, planejar a ação, mobilizar para agir e avaliar a ação.

tanto, a distribuição de equipamentos continua forte – em 2011, foram entregues 6.521 computadores, dos quais 86% com conexão a banda larga.

“Ainda não há uma plena compreensão da revolução que representa o uso de um computador”, afirma o diretor de operações do CDI, José

dias sociais, instalação de rede, edição de sites e robótica, entre tantos outros. Em cada unidade, há públicos bem diferentes – população carcerária, indígenas, portadores de necessidades especiais, populações rurais e urbanas. Independentemente do perfil, grande parte dos participantes das

Os três pilares básicos que norteiam o trabalho são ensino, geração de renda (empregabilidade e empreendedorismo) e voz para as comunidades.

Edimilson Canaes. Por meio de parcerias com instituições locais (igrejas, escolas, presídios, hospitais etc.), a ONG instala os CDIs Comunidades, espaços não formais de ensino, com cursos variados, em que as pessoas aprendem a usar o pacote Office, mí-

formações são os jovens (65% têm de dez a 18 anos) de baixa renda (63%).

A metodologia do CDI se apoia em cinco pontos: ler o mundo, pesquisar os dados, planejar a ação, mobilizar para agir e avaliar a ação. A ideia é que os participantes consigam apli-

car o que estão aprendendo em favor do ambiente local. E os três pilares básicos que norteiam o trabalho são ensino, geração de renda (empregabilidade e empreendedorismo) e voz para as comunidades. “No Brasil nós temos capital humano de alto grau, mas falta mão de obra média, ou seja, pessoas com habilidades para usar tecnologias da informação e de comunicação como quem opera o sistema de caixa”, avalia Canaes.

Os educadores dos telecentros são escolhidos entre moradores da região. São preparados em cursos e participam de atividades de formação continuada – caso contrário, o parceiro é desqualificado. Em 2011, o CDI contabilizou 805 educadores e 78.048 alunos em todo o país. Para avaliação do trabalho das unidades, existem metas numéricas (quantidade de educandos por semestre, por exemplo) e metas de qualidade (impacto social dos projetos). Os resultados são alentadores: 78% dos que passam pelos CDIs têm aumento de renda (melhores empregos, abertura de negócios próprios, promoções etc.) e 13% retomam o ensino formal.

André Luiz Paula de Oliveira, conhecido como André Alpo, fazia

limpeza no Instituto Central do Povo (ICP), no Morro da Providência, e também realizava manutenção de computadores por conta própria. Ele queria aprender a mexer no Word e Excel para fazer a documentação dos seus serviços e, para isso, participou de vários cursos externos. Porém, sempre se sentia rejeitado. Até que o educador Mario Chagas, do CDI Comunidade do próprio ICP, o convidou para ajudá-lo a monitorar um curso de informática. “Eu tinha a ilusão de que havia aprendido alguma coisa nos outros cursos. Quando comecei a ajudar o Mario, percebi que nem negrito eu conseguia fazer. Ele tinha noção de que eu sabia pouco, mas acreditei em mim”, conta. Um dia, Mario avisou que precisaria sair por 15 minutos. André teria de assumir a classe. “Meu chão desabou, mas consegui segurar. E esses 15 minutos estão durando até hoje. Já tem quatro anos!”, conta o monitor.

Além dos CDIs Comunidade, existe outra frente de ação junto a empresas privadas como Motorola, Coca-Cola, Casas Bahia e Google, que desenvolvem ações sociais em parceria com a ONG. No ano passado foram 69 projetos.

Se alguém me falasse alguns anos atrás que estaria ministrando aulas de informática, eu não acreditaria. É muito gostoso saber que você é capaz de entender um pouquinho das coisas e poder compartilhar esse pouquinho com os outros. A inclusão abre possibilidades de mudanças e transformação e por isso trabalhamos muito na sala de aula a questão de valores.



ANDRÉ LUIZ PAULA DE OLIVEIRA
42 anos, educador do CDI Comunidade ICP, no Morro da Providência, Rio de Janeiro.

CDI COMUNIDADE

Instituição responsável

Centro para Democratização da Informática

Responsável pelo projeto

José Edmilson Canaes, diretor de operações do CDI

Parceiros

Accenture, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Casas Bahia, Coca-Cola Brasil, Dell, Google, Grupo Sá Cavalcante, GVT, Inter-American Foundation, Instituto Rolex, Light, Microsoft, Skoll Foundation, Sul América e Vivendi

Abrangência geográfica

No Brasil: Amazonas, Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito de Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo.

No exterior: Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, México, Peru, Uruguai, Venezuela

Público

Comunidades de baixa renda, penitenciárias, instituições de saúde, aldeias indígenas e ribeirinhas, centros de ressocialização e empresas. Estima-se que, em 17 anos, tenham sido beneficiadas 1,4 milhão de pessoas

Investimento

Informação não disponível

www.cdi.org



Os educadores, escolhidos entre moradores da região, são preparados por meio de cursos e atividades de formação continuada.

cuidado ambiental



solidariedade econômica



protagonismo social



respeito cultural

Tecnologias Sociais são produtos, técnicas ou metodologias desenvolvidas em interação com as comunidades e que resultam em soluções efetivas de transformação social. Atuando por meio deste conceito, nas dimensões social, cultural, econômica e ambiental, a Fundação Banco do Brasil mobiliza diferentes atores sociais na busca por soluções efetivas de desenvolvimento sustentável.

Tecnologia Social
para superar a pobreza



Nova vida com máquinas velhas

Centros de formação de Porto Alegre e Recife aliam recuperação de equipamentos, qualificação profissional e inovação tecnológica



Fotos Divulgação

O CRC do Recife direciona seu trabalho para duas frentes: o curso de qualificação e acondicionamento de computadores e o programa em que ex-alunos atuam como voluntários.

Morador de um bairro da periferia de Recife (PE), Orlando Joaquim Júnior tinha um sonho: trabalhar na Elcoma Assistência Técnica, empresa de informática localizada no caminho de sua casa. Sem emprego e sem dinheiro, não conseguia fazer um curso na área, até a noite em que viu na TV um anúncio de formação gratuita de dois anos. Arriscou. E se deu bem. Passou pelo processo seletivo e começou a estudar. Um ano depois de formado, conseguiu seu primeiro emprego, exatamente onde queria. E comemora: “O curso mudou minha vida”.

Enquanto Júnior monta e conserta computadores no Recife, na outra ponta do país Guilherme Trindade Rattes, de 19 anos, se prepara para ir ao Telecentro Timbaúva, no bairro Mario Quintana, em Porto Alegre (RS). Na frente dos computadores, lembra da época em que entrava naquela sala apenas para acessar a internet. Hoje a história é outra: depois

de fazer o curso gratuito de informática, tornou-se monitor do telecentro e já tem sonhos para o futuro: “Gosto de lidar com jovens e crianças, pretendo continuar na área social em toda a minha vida profissional”.

Distantes 3.800 quilômetros, Orlando e Guilherme têm em comum algo a mais do que a paixão por computadores. Ambos são formados nos Centros de Recondicionamento de Computadores (CRCs) mantidos pelos maristas em Recife e Porto Alegre. A congregação religiosa católica, com ação marcada pela inserção social, é responsável por dois dos sete CRCs em funcionamento do país, sendo pioneira no programa Computadores para Inclusão (CI), da Secretaria de Inclusão Digital do Ministério das Comunicações.

Primeiro centro de recondicionamento de computadores da América Latina e primeira unidade do programa CI, desde 2006 o CRC do Centro Social Marista (Cesmar), de Porto

Sou um ciberativista. Comecei na organização Trapeiros de Emaús e sempre participava de listas de discussão sobre democracia digital. Minha militância era apagada e tinha pouca visibilidade. No CRC do Recife, trabalho no que gosto e acredito, e ainda por cima sou remunerado por isso. É o máximo. Tenho a possibilidade de trocar ideias com os jovens, de ajudar a formar consciências e ajudar a pensar o mundo de forma solidária e participativa. Esse trabalho é tão importante que me leva a uma pesquisa sobre a robótica livre educacional, que envolve tudo aquilo em que acredito: o software livre, o reaproveitamento da sucata e o papel fundamental da educação.



MARCOS EGITO

Professor de software livre no Centro Marista Circuito Jovem do Recife.

Alegre, reconcionou 3.317 CPUs, 3.234 monitores e 201 impressoras, doados a 81 escolas e a 169 telecentros, creches, associações de moradores e bibliotecas do país. No curso, oferecido no Polo Marista de Formação Tecnológica (que abriga o CRC e outros seis projetos de tecnologia social), são formados de 150 a 180 jovens ao ano. A qualificação, de 12 meses, tem cinco módulos: introdução à informática (nivelamento

baixa competitividade no mundo do trabalho e geração de renda”.

Em Recife, a história se repete. O CRC mantido desde 2007 no bairro Dois Irmãos, pelo Centro Marista Circuito Jovem do Recife, ligado à Província Marista do Brasil Centro-Norte, direciona seu trabalho para duas frentes. A primeira é o curso de qualificação e reconicionamento de computadores, que atende anualmente 150 adolescentes e jovens,

a Ecologin, empreendimento que une princípios de informática, metarreciclagem e artesanato digital na construção de obras de arte e objetos de decoração feitos com sucata. Já Micklango Correia topou outro desafio: em simbólicos nove meses, desenvolver uma tecnologia social para o telecentro do Centro de Estudos e Educação Popular (Ceep), localizado em Vila do Desterro, no município de Paudalho, Zona da Mata pernambucana.

Os aprendizes mantêm vínculo empregatício com o Cesmar, com direito a remuneração de meio salário mínimo regional e jornada de trabalho de quatro horas diárias.

do conhecimento de informática dos jovens), eletroeletrônica, *hardware*, manutenção de computadores, *software* e redes. Os jovens aprendizes mantêm vínculo empregatício em regime CLT com o Cesmar, com direito a remuneração de meio salário mínimo regional e jornada de trabalho de quatro horas diárias.

Na esteira do CRC, o Cesmar desenvolve, em parceria com o Ministério Público, o projeto Alquimia. Máquinas caça-níqueis e outros materiais eletrônicos e de informática apreendidos em operações legais são doados para desmanche e reaproveitamento das peças em terminais de telecentros e outros artefatos tecnológicos. Em 2012, sete jovens saídos das filas do CRC atuam diretamente nesse processo de desconstrução e recriação. Além disso, os materiais alimentam a Robótica Livre, projeto com seis educadores em que 20 jovens usam *softwares* livres e criatividade na construção de artefatos como robôs e lousas eletrônicas. Alexandre Siqueira Mesquita, diretor de relações institucionais da Província Marista do Rio Grande do Sul, avalia o projeto: “O grande saldo é construir com a comunidade um processo de fortalecimento dos agentes locais e inserção de jovens e adultos com

de 16 a 29 anos, dos municípios de Recife, Camaragibe, São Lourenço da Mata, Jaboatão dos Guararapes, Paulista, Olinda, Cruz de Rebouças, Abreu e Lima, Moreno, Cabo de Santo Agostinho e Paudalho. Em cinco anos, foram doados cerca de 1.500 equipamentos para cem instituições.

A outra frente é o Programa de Integração Sociodigital Apicupos em Rede (Pisar), em que ex-alunos do CRC atuam como monitores voluntários de programas de inclusão digital. Em dois anos, foram atendidas 2.500 pessoas, de dez a 70 anos. “Hoje conseguimos ver esses 800 meninos formados no CRC com perspectivas de vida, ganhando cidadania. Mesmo os que não estão no emprego formal têm geração de renda”, comemora Domingos Sávio de França, diretor do CRC do Recife.

Os casos de sucesso se espalham. Depois de se formar no CRC, Orlando Joaquim dos Santos Júnior trocou o emprego de atendente em uma *lan house* para trabalhar com montagem de equipamentos em uma empresa de informática, entrou na faculdade de engenharia mecânica e planeja fazer pós-graduação em automação e robótica. Em dezembro de 2011, os ex-alunos Michel de Souza, Natália Regina, Fernando Pinto e Jessica Gomes criaram

CRC CESMAR E CRC DO RECIFE

Instituição responsável

Centro Social Marista (Cesmar) de Porto Alegre E Centro Marista Circuito Jovem do Recife

Responsáveis pelo projeto

Alexandre Siqueira Mesquita, diretor de Relações Institucionais da Província Marista do Rio Grande do Sul; Domingos Sávio de França, diretor do CRC do Recife

Parceiros

CRC De Porto Alegre: Secretaria Fundação Avina, Instituto Gerda, Instituto Vonpar, Ministério Público Estadual, Prefeitura de Porto Alegre, CRC Do Recife: Ministério das Comunicações, Governo do Estado de Pernambuco, Faculdade Marista do Recife, prefeituras municipais, Netuno Internacional, Promatec Informática

Abrangência geográfica

CRC de Porto Alegre: bairro Mario Quintana, zona Norte de Porto Alegre (RS)
CRC do Recife: 11 municípios da Região Metropolitana do Recife

Público

Jovens em situação de vulnerabilidade social, de 16 a 29 anos, ambos os sexos, que estejam cursando ou que tenham concluído o ensino médio em escolas públicas ou bolsistas em privadas

Investimento

CRC do Recife: R\$ 810 mil, sendo 51,82% de recursos orçamentários da própria instituição e 48,18% de recursos não-reembolsáveis captados em instituições públicas e parcerias
CRC de Porto Alegre: não informado

<http://socialmarista.org.br>
<http://sites.marista.edu.br/crcrecife>

Papo aberto na rede

Debates sobre cultura, shows, exposições e lançamento de artistas do circuito alternativo. Tudo compartilhado e livre, pela internet

Serrana, com seus 38 mil habitantes, considerada cidade-dormitório de Ribeirão Preto (SP), ainda guarda a tranquilidade e o bucolismo dos pequenos municípios do interior. Mas, desde 1997, a cidade ferve nos meses de julho. É quando acontece o Caipiro Rock, organizado por adolescentes que criam ações culturais autogestionadas. A organização fica por conta do Centro de Ativismo e Cultura Caipira (Cecac), que também participa do Festival Independente ou Morte, de rock e música. Os dois eventos, e mais 17 outros encontros, formam o Circuito Paulista de Festivais Independentes, que, além de música, compartilham tecnologias e conhecimentos.

Em julho de 2012, o 16º Caipiro

Rock reuniu 12 bandas de rock na praça matriz da cidade. Junto com as oficinas e os debates, um dos pontos altos do encontro foi a participação do Circuito Fora do Eixo (CFE), coletivo que organizou e transmitiu duas edições do Observatório Fora do Eixo, um sobre educação e cultura e o outro sobre o caipira do século 21. Os debates ao vivo, transmitidos pela internet, deixaram a praça e ganharam o mundo.

O Observatório Fora do Eixo é considerado hoje ação prioritária do CFE. Em 2011, aconteceram cerca de 80 debates e oficinas, transmitidos pela web em tempo real. Sem contar os eventos de artes integradas e fóruns virtuais. O projeto também abriga lançamentos de obras

culturais e uma plataforma de veiculação de trabalhos musicais de artistas independentes.

Gabriel de Souza Fedel, gestor da Frente de Software Livre e integrante da equipe de midialivrisimo (mídia livre) do CFE, credita a grande mobilização dos grupos culturais em rede a dois fatores: a facilidade de acesso à internet e o barateamento dos meios de produção cultural, que favoreceram a conexão. “Viajamos pelo Brasil e por outros países da América Latina, ajudamos a organizar coletivos e a juntar os que já existiam. Percebemos o aumento dos grupos de cultura digital, fundamentais para disseminar o conceito de cultura compartilhada e em rede.” Daí foi um passo para a criação da Fora do Eixo Software Livre (FESL), frente responsável pela articulação das tecnologias, criada no começo de 2011.

O primeiro passo foi rever o portal da rede. O novo *site* deve estar no ar até o final de 2012. Esse também é o prazo para emissão da primeira certificação do “selo” FESL. Trata-se de um projeto que visa, gradativamente, levar os agentes culturais a utilizar *softwares* livres. A cada pacote de programas que os usuários instalam e começam a usar, ganham um selo. Mais do que *softwares*, são oferecidos outros recursos, como fóruns e o *wiki* Fora do Eixo (<http://wiki.foradoeixo.org.br>).

O uso das tecnologias da informação está fortalecendo as bases do CFE. Em 2005, quando foi criada, a articulação juntava gente “fora do eixo Rio-São Paulo”. Eram quatro coletivos independentes dos estados do Acre, Minas Gerais, Mato



Em 2011, aconteceram cerca de 80 debates e oficinas, transmitidos pela web em tempo real. Sem contar os eventos de artes integradas e fóruns virtuais.

Grosso e Paraná que sonhavam com uma rede de trabalho constituída por grupos e empreendimentos solidários atuantes na cadeia produtiva da cultura. Hoje, apesar de não existir um mapeamento formal, é possível definir traços comuns dos 106 coletivos livres: atuam em cidades com até 100 mil habitantes, têm histórico em produção cultural, fomentam os arranjos produtivos locais e acabam articulando outros movimentos e grupos na região onde estão.

Em apenas um ano – 2011 – o CFE obteve, por meio de projetos e leis de incentivo, cerca de R\$ 13 milhões. Mas, se forem colocadas na calculadora as horas de dedicação de jovens que atuam no coletivo, surgirá o maior investidor de cultura do país. Em 2012, a projeção é de que sejam movimentados impressionantes 75 milhões, de uma moeda criativa desconhecida: o Fora do Eixo Card, que mede e valoriza as horas de trabalho e a criatividade.

No CFE, cada hora equivale a 20 cards. E o que não falta é trabalho colaborativo. A organização começou 2012 envolvendo 107 coletivos de cultura livre, com cerca de duas mil pessoas ligadas diretamente aos projetos, desenvolvidos em 27

Participam 107 coletivos de cultura livre, com cerca de duas mil pessoas ligadas diretamente aos projetos, desenvolvidos em 27 estados brasileiros e fora do país.

estados e na Argentina, além de pontos parceiros na Costa Rica, Guatemala e El Salvador, Honduras, Nicarágua e Panamá.

“Estamos fortalecendo as casas regionais, um tipo de ponte que ajuda a consolidar a rede e garante a descentralização do trabalho”, diz Fedel. Estão em funcionamento seis Casas Fora do Eixo, que abrigam articuladores e gestores locais. As casas funcionam como usinas de ideias: recebem artistas em trânsito



Até o final de 2012, deverá ser emitida a primeira certificação do “selo” FESL, um projeto que visa, gradativamente, levar os agentes culturais a utilizar softwares livres.

e apoiam as redes culturais e tecnológicas. Às casas de São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG) e Cuiabá (MT), somaram-se, no primeiro semestre de 2012, as novas unidades Nordeste, em Fortaleza (CE), e Amazônia, localizada em Belém (PA). Em 2013, será inaugurada a Casa Centro-Oeste, em Brasília (DF).

Rodrigo Savazoni, da Casa de Cultura Digital, explica que o Circuito Fora do Eixo é “um circuito

de distribuição de múltiplas linguagens artísticas, o que sempre faltou aos independentes brasileiros”. Ao mesmo tempo, diz o ativista, que está elaborando uma tese de mesclado sobre o coletivo, “é uma cadeia descentralizada de articulação política que age para explicitar os limites da democracia e uma rede de articulação de outros agentes do campo da cultura, em uma perspectiva ao mesmo tempo potente e generosa. É genial!”.

OBSERVATÓRIO FORA DO EIXO

Instituição responsável

Circuito Fora do Eixo

Responsáveis pelo projeto

Conselho nacional formado por pontos de referência regionais

Parceiros

Associação Brasileira de Festivais Independentes (Abrafin), Casa da Cultura Digital, Casas Associadas, Central Única de Favelas (Cufa), Comissão de Bandas e Artistas Circulantes (CBAC), Comunidade Amigos Hackers, Comunidade Transparência Hacker, Cooperativa de Tecnologias Livres (Colivre), Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Fórum de Música de Minas Gerais, Fundação Elias Mansur, Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Fundação Nacional de Artes (Funarte), Incubadora de Cooperativas (Incoop), Ministério da Cultura (MinC), Movimento Música Pra Baixar (MPB), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Rede Música BrasilStudio SP, Wikileaks Brasil

Abrangência geográfica

Internacional

Público

107 coletivos de cultura livre, com cerca de duas mil pessoas ligadas diretamente aos projetos

Investimento

Em 2012, R\$ 13 milhões, 20% dos quais investidos na rede social, direta ou indiretamente

www.foradoeixo.org.br
<http://wiki.foradoeixo.org.br>

facebook.com/paradapelavida • paradapelavida.com.br





PARADA
PACTO NACIONAL
PELA REDUÇÃO DE
ACIDENTES

UM PACTO PELA VIDA

**A cada ano,
cerca de 2.000 crianças
aposentam seus brinquedos.**

Todos os dias, no Brasil, mais de cinco crianças morrem em acidentes de trânsito. Seja consciente. Não interrompa a história de quem ainda tem uma vida inteira pela frente.

Denatran

Ministério das
Cidades

G O V E R N O F E D E R A L

BRASIL

PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Motor da inclusão digital

Organização atua em programas de telecentros públicos, formação de educadores digitais e abriga iniciativas de cultura livre

Desde o início de 2012, o estúdio de gravação do Coletivo Digital, em São Paulo, está fazendo história. Literalmente. Em parceria com o pessoal do Instituto Paulo Freire, os técnicos realizam a conversão de duas mil páginas, em formato de *audiobooks*, da obra do educador pernambucano Paulo Freire. Os arquivos digitalizados estarão disponíveis para *download* sob licenças livres e em formato de áudio aberto no *site* do Projeto Paulo Freire Memória e Presença.

A primeira fase, de gravação de áudio, foi concluída em julho, com a participação, entre outros, de Lutgardes Costa Freire, que por diversas vezes se emocionou ao ler textos em que seu pai relata momentos vividos ao lado da mulher Elza e da família. Sônia Couto, coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire, também chegou a chorar em momentos de leitura,

comovida com a obra e com a possibilidade de compartilhamento da informação por meio digital. “Paulo Freire apoiaria a iniciativa, feita de forma livre e colaborativa”, disse, lembrando que o projeto possibilitará o acesso a deficientes visuais, ganhando um caráter inclusivo ainda maior.

O trabalho em parceria com o Projeto Paulo Freire Memória e Presença é apenas uma das atividades do Coletivo Digital. Criada em 2004, a organização está envolvida em diversas frentes ligadas a inclusão digital, democratização do conhecimento e disseminação do *software* livre. Até 2010 funcionou como pontão de cultura, do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC). Com o fim da parceria, firmou convênio, com validade até dezembro deste ano, com o Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades / Telecentros.BR, executado

O Coletivo Digital me abriu um novo mundo. Agora lido com políticas públicas, em ações que levam em consideração os interesses da sociedade. Sair do meio corporativo e trabalhar com questões como o software livre, o acesso à tecnologia com qualidade e a capacitação de jovens reafirma valores como integridade, coerência, ética, militância. Leva a acreditar em mudanças e no trabalho coletivo e compartilhado.

THIAGO JOSÉ ESPERANDIO
34 anos, arte-educador.



pela Secretaria de Inclusão Digital, do Ministério das Comunicações (MiniCom). Foi contemplado em dois editais. No primeiro, na categoria proponente de infraestrutura,



Fotos Divulgação

No espaço da organização, Ministra da Cultura se reúne com ativistas e troca ideias para formulação de diretrizes da nova gestão.

passou a garantir o funcionamento de 15 telecentros na zona Leste da capital, em Pilar do Sul, Iguape e Santo André, no estado de São Paulo.

No edital da Rede Nacional de Formação para Inclusão Digital, o Coletivo Digital foi escolhido para ser um dos sete polos regionais do programa de qualificação, destinado a jovens de 18 a 26 anos. Atua como Polo Sudeste Meridional, responsável pelo acompanhamento dos jovens do Rio de Janeiro e São Paulo. Em conjunto com os outros polos, também se encarrega da produção de conteúdo de formação, que está na plataforma de educação a distância do projeto. Por essa plataforma, monitores de telecentros de todo o Brasil se capacitam e interagem em rede, com apoio de tutoria especializada.

“No último ano, além de formação nos telecentros, ampliamos nossa ação e oferecemos cursos em nossa sede, em sindicatos e para movimentos sociais”, diz o sociólogo Wilken David Sanches, diretor financeiro da organização. A sede, no bairro de Pinheiros, abrigou cursos de midialivrisimo, fotografia digital, ferramentas livres de edição de



Outro projeto de destaque é o BarulhoLab, para grupos musicais que desejam gravar suas produções artísticas sob licenças livres.

Para os interessados, o Coletivo Digital abre as portas do estúdio, utilizado por grupos musicais que desejam registrar suas produções artísticas sob licenças livres no portal BarulhoLab (www.barulholab.com.br), lançado em 2010.

A organização também participa de ações como a campanha “Banda Larga é um Direito Seu!”, de universalização do acesso a banda larga de qualidade, além de promover debates sobre direitos humanos, educação e recursos educacionais abertos (REA), lixo eletrônico e metarrecicla-

cada encontro queremos produzir ao menos uma faixa, que integrará um CD a ser lançado no final do projeto”, prevê Sanches.

No edital da Rede Nacional de Formação para Inclusão Digital, o Coletivo Digital foi escolhido para ser um dos sete polos regionais do programa de qualificação de monitores.

vídeo, imagens e áudio e instalação de Linux. Atenção especial foi dedicada ao uso das redes sociais como ferramenta de mobilização e divulgação de informações. Esse é o tema que norteia o curso realizado, desde 2011, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, que alia palestras e atividades práticas sobre jornalismo, ferramentas livres e produção de conteúdo para internet. “Nossos cursos e debates, normalmente, são transmitidos via *streaming*, além de serem, na maioria, de acesso gratuito”, afirma Sanches.

gem, propriedade intelectual, entre outros temas ligados à inclusão digital e social.

Para o segundo semestre de 2012 está previsto o início do projeto Intercâmbios Sonoros, contemplado no Prêmio Cultura Digital, do MinC, em 2010. O Intercâmbios Sonoros reunirá músicos ligados aos pontos de cultura de diferentes regiões do Brasil para vivência de uma semana, com foco na produção musical. “A ideia é que sejam realizados oito encontros, cada um com seis músicos, de diferentes regiões do país. A

PAULO FREIRE MEMÓRIA E PRESENÇA, TELECENTROS.BR E INTERCÂMBIOS SONOROS

Instituição responsável

Coletivo Digital

Responsáveis pelo projeto

Beatriz Tibiriçá, diretora geral; Rodolfo Avelino, diretor administrativo; Wilken David Sanches, diretor financeiro

Parceiros

Fundação Perseu Abramo, governo federal, Ministério da Cultura, Ministério das Comunicações, Instituto Paulo Freire, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

Abrangência geográfica

Prioritariamente estado de São Paulo. Na Rede Nacional de Formação para Inclusão Digital, atua em São Paulo e Rio de Janeiro, no Polo Sudeste Meridional

Público

Jovens de 18 a 28 anos nos telecentros do estado de São Paulo e gestores e integrantes de iniciativas e instituições voltadas para a inclusão digital

Investimento

No período 2010-2012, cerca de R\$ 3,2 milhões no Projeto Telecentros BR (R\$ 2.732 mil do Ministério das Comunicações e cerca de R\$ 59,5 mil de contrapartida), além de R\$ 100 mil concedidos como prêmio pelo MinC ao projeto Intercâmbios Sonoros

www.coletivodigital.org.br

Craques do software livre? Aqui tem

Cursos e oficinas formam jovens em tecnologia livre, suprindo uma crescente demanda do mercado de trabalho



Fotos Divulgação

Desde o início, 6.600 pessoas participaram das formações e das oficinas do telecentro, que funciona por meio de parcerias com iniciativas públicas e privadas.

Um dos distritos mais populosos da zona Leste de São Paulo, a Cidade Tiradentes foi a primeira região do país a ter um telecentro, em 2001. Nessa época, os espaços públicos para uso de computador ofereciam simples acesso gratuito à internet e todo o conhecimento de informática transmitido aos frequentadores se resumia ao uso de programas proprietários de edição de textos, planilhas, envio de e-mails. Em 2003, quando a Comunidade Ativa no Desenvolvimento Sociocultural Educacional (Cadesc) foi criada, o telecentro dessa organização não governamental (ONG) que atua na Cidade Tiradentes também era assim. Porém, em pouco tempo, a Cadesc protagonizou uma marcante evolução na concepção de inclusão digital. “Quando passamos a trabalhar com *software* livre, o telecentro se tornou um local onde as pessoas se apropriam das ferramentas de in-

formática para participar com autonomia da cultura digital”, explica João Armindo Vargas, fundador e atual presidente da ONG.

Desde então, 6.600 pessoas participaram das formações e das oficinas do telecentro Cadesc, que funciona por meio de parcerias com iniciativas públicas e privadas. Em 2010, por exemplo, foi selecionada no edital do Prêmio de Cultura Digital, do Ministério da Cultura. Com os R\$ 50 mil recebidos, 281 jovens foram capacitados dentro do projeto Cultura e Diversidade Digital na Cidade Tiradentes.

O telecentro, aberto de segunda a sábado, ainda permite acesso livre, que os moradores procuram com variados fins, como pesquisar emprego, marcar consultas médicas, fazer trabalhos escolares. O principal foco da iniciativa, no entanto, são os cursos e as oficinas para inserir jovens e adultos na cultura digital, mas de

modo mais qualificado, como explica Vargas. “A partir do momento em que as pessoas têm acesso à rede já se diz que estão incluídas, mas o conceito de inclusão digital é outro: é qualificar uma população para se apropriar das ferramentas”. Nesse sentido, resalta Vargas, o conhecimento do *software* livre é essencial, pois apresenta caminhos alternativos e libera os usuários dos *softwares* proprietários.

Além de independência, a capacitação em programas com código aberto traz outra vantagem: “Muitas empresas estão com a plataforma Linux, mas não há muitos profissionais qualificados. E os jovens da Cadesc têm essa formação”. Nilson Silva Lima, 15 anos, começou o curso em outubro de 2011 e, antes mesmo de terminar, já produz *banners* para empresas. Seu principal ganho, segundo ele, foi o aprendizado sobre *software* livre. “Eu não conhecia o Linux

e achei uma surpresa boa, é muito prático”, comenta Nilson, que planeja seguir na carreira de *web designer*.

Assim, a Cadesc ficou conhecida, na região, como formadora de profissionais em tecnologia livre. As empresas costumam procurar o telecentro em busca de técnicos com esse perfil. Cerca de mil jovens que passaram pelo centro nos últimos cinco anos estão no mercado de trabalho – destes, 80% na área de Tecnologia da Informação.

As oficinas e os cursos oferecidos pela Cadesc variam de acordo com as parcerias. Em geral, as atividades são organizadas em módulos e iniciam com a apresentação do sistema operacional Linux. Em seguida, trabalha-se com *e-mails*, *blogs*, mídias sociais, aplicativos como BrOffice e produção de vídeodocumentários. As formações incluem ainda conteúdos de cidadania digital, empreendedorismo e economia solidária. Cada atividade abre 60 vagas, mas costuma haver o dobro de inscrições. Interessados de todas as regiões procuram a Cadesc. Porém, a preferência é para quem reside em Cidade Tiradentes. As aulas acontecem em cinco turnos,

de duas horas cada, e às vezes até aos finais de semana.

O laboratório tem dez máquinas Pentium 4, com sistema operacional Ubuntu. A conexão, de 6 Mbps, é contratada da Telefônica/Vivo. Em 2011, três monitores foram selecionados para a formação por meio do programa Telecentros.BR, do governo federal. A solução de sustentabilidade encontrada pela equipe, para bancar toda a operação, especialmente quando não há projetos em andamento, foi criar uma produtora que faz cobertura comercial de eventos na comunidade.

Depois do curso, muitos ex-alunos continuam na Cadesc como monitores. É o caso de David Willian Pontes de Oliveira, de 14 anos: “Eu não sabia nem mexer na internet direito e hoje estou ajudando o pessoal”. Como grande parte dos alunos, David quer trabalhar na área de TI. Já trabalhando no sentido de criar estratégias para aumentar a empregabilidade dos mais jovens, a próxima a Cadesc deverá implantar um centro de desenvolvimento de *softwares* e aplicativos com código aberto. “O que está faltando para ficarmos completos é esse centro.

Vamos ver se, até 2013, realizamos esse sonho”, projeta Vargas. Outro objetivo é realizar um novo Festival de Cultura Digital em Cidade Tiradentes. O primeiro, em 2010, teve a participação de 180 pessoas em diversas oficinas de cultura digital.

É bom poder mostrar o software livre para os alunos. Apesar de lidarem com informática, eles não conhecem, nunca lidaram com isso, e se interessam bastante



em aprender. O Linux tem programas muito mais interessantes e torna o trabalho bem mais fácil. Com as aulas você vai criando amizade e percebe que o pessoal acaba tendo um carinho enorme por você. Muitas vezes, quando acaba o curso, a gente continua conversando pela internet, pelo Facebook, e se eles têm dúvidas continuam fazendo perguntas.

BRUNO PEREIRA DE SOUZA

23 anos, começou como aluno da Cadesc e hoje é instrutor.



As empresas costumam procurar o telecentro em busca de técnicos que tenham perfil para trabalhar com tecnologias livres.

TELECENTRO CADESC

Instituição responsável

Comunidade Ativa no Desenvolvimento Sociocultural Educacional de Cidade Tiradentes (Cadesc)

Responsável pelo projeto

João Armindo Coelho Vargas

Parceiros

Coletivo Digital, Rede Livre, Secretaria de Estado da Cultura, Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro)

Abrangência geográfica

Distrito de Cidade Tiradentes, zona Leste da cidade de São Paulo (SP)

Público

Principalmente jovens, entre 12 e 29 anos

Investimento

De 2003 a 2006: R\$ 70 mil por ano; de 2007 a 2010: R\$ 150 mil por ano, de 2011 a 2012

www.cadesc.org.br

Vagas não faltam. Falta formação

Qualificação de comunidades de baixa renda em TICs propicia melhores condições de vida e atende à demanda do mercado local



Fotos Divulgação

O projeto oferece dois cursos: operador de informática, de 160 horas, com conhecimentos básicos e ferramentas do Pacote Office; e manutenção de hardware e rede, de 180 horas.

Três Lagoas (MS) vem experimentando um forte crescimento nos últimos anos. Obras de grandes empresas também têm atraído trabalhadores em busca de melhores oportunidades. Muitos empregos, porém, exigem qualificação em informática, algo ainda distante da maioria das famílias da região. Para ajudar a vencer essa dificuldade, a Comunidade Kolping, em parceria com o Instituto Votorantim e a Fibria, desenvolve o Projeto Inclusão Digital de Três Lagoas. Segundo a coordenadora de Projetos na Comunidade Kolping de Três Lagoas, Vilma Portela, a limitação financeira impede o acesso às tecnologias da informação. “A capacitação em informática ainda é cara e as pessoas geralmente não têm poder aquisitivo para pagar um curso”, explica.

O projeto oferece dois cursos, com aulas diárias: um de operador de informática, de 160 horas, com conhecimentos básicos e ferramentas do Pacote Office; e outro de ma-

nutenção de *hardware* e rede, de 180 horas. Em breve, deve ser aberto mais curso, de *web design*. As primeiras turmas iniciaram em 2011 e, naquele ano, foram beneficiados 580 alunos. Em 2012, até julho, foram capacitados 120 jovens. A meta é qualificar, até o final do ano, mais 250. A expectativa é de que os primeiros alunos já tenham emprego garantido. “Muitas empresas procuram a Kolping buscando jovens capacitados nessa área”, conta Vilma.

O Instituto Votorantim e a Fibria entram com recursos financeiros e apoio técnico, enquanto a Kolping oferece a estrutura e os professores. O prédio da Kolping tem dois laboratórios: um com 17 computadores e *datashow*, destinados às aulas de operador de informática; e outro, com 20 computadores, utilizado para o curso de manutenção. Os laboratórios funcionam das 7h às 21h30 e ficam abertos para a comunidade acessar a internet quando não há aulas. Uma

parceria com a prefeitura também possibilita que os cursos sejam realizados em laboratórios de escolas públicas de locais mais afastados.

INCLUSÃO DIGITAL DE TRÊS LAGOAS

Instituição responsável

Comunidade Kolping de Três Lagoas

Responsável pelo projeto

Vilma Portella, coordenadora de Projetos na Comunidade Kolping de Três Lagoas

Parceiros

Companhia Energética de São Paulo, Faculdades Integradas de Três Lagoas, Fibria, Instituto Votorantim, Prefeitura de Três Lagoas, Promotora de Infância e Juventude, RH Evoluir; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Abrangência geográfica

Três Lagoas (MS)

Público

Até julho de 2012, 480 jovens entre 15 e 29 anos em situação de vulnerabilidade socioeconômica

Investimento

Informação não disponível

kolpingtreslagoas.blogspot.com

Os alunos chegam tímidos, mas depois eles vão se soltando, começam a interagir, a fazer muita curiosidade sobre informática. E quem ensina também aprende. É aquele velho ditado, a gente aprende muito com os alunos. O melhor é a troca de conhecimentos. Para quem leciona é muito prazeroso ver a pessoa, no final do curso, saber realizar todo o processo.

BRUNO HENRIQUE FREITAS DE PAULA

25 anos, professor do Projeto de Inclusão Digital de Três Lagoas.



INVESTIR NO BRASIL É A MAIOR PROVA DA INTELIGÊNCIA DE NOSSAS REDES.

A Cisco Intelligent Network está mudando a maneira como o mundo faz negócios. E a Cisco acredita que o Brasil tem tudo para ser um dos protagonistas deste novo mundo. Por isso estamos investindo mais de R\$ 1 bilhão em iniciativas que vão ajudar a transformar o país. Uma delas é o início da fabricação no Brasil de um dos roteadores mais vendidos do mundo. Nós temos um compromisso com o desenvolvimento do Brasil e também da sua empresa. Quer saber o que nós podemos fazer por ela? Acesse www.cisco.com.br



Roteador Cisco 1900 Series

Um dos mais vendidos do mundo, agora "Made in Brazil".



Superação e qualificação

Programa internacional capacita portadores de deficiências a usar TICs, ampliando suas chances de ingresso no mercado de trabalho



Fotos Divulgação

As atividades acontecem nos Centros de Oportunidades Digitais, como são chamadas as salas que recebem o projeto; a cidade de São Paulo recebeu a primeira unidade brasileira.

Debora Lemos, de 44 anos, não achava graça em computador. Não era pra menos: devido à baixa visão, tinha dificuldades para enxergar a tela e as letras no teclado. Um dia, tudo mudou. Ela entrou no projeto Parceria para Oportunidades de Empregos através da Tecnologia nas Américas (Poeta), onde conheceu o leitor de tela Jaws, por meio do qual pôde aprender a usar programas de computação muito úteis em seu cargo de auxiliar administrativa. “Eu não tinha conhecimento de planilhas e agora sei como funciona. Esse curso está me dando novos horizontes”, comemora ela.

Também participa do Poeta – uma parceria do Trust for the Americas (filiada à Organização dos Estados Americanos) com a Federação das Associações para Valorização de Pessoas com Deficiência (Avape) – Carlos Barreiras, de 49 anos, que tinha dez quando foi atropelado e

perdeu o braço direito. A dificuldade de conseguir um emprego, no ano passado, levou-o à Avape, que o indicou para o posto de auxiliar administrativo na empresa Marítima Seguros. Em busca de mais qualificação, Barreiras ingressou no Poeta em fevereiro deste ano. O que mais o entusiasma é a chance de conhecer novos recursos. “Eu nunca tinha trabalhado com esses programas, só com os programas das empresas onde trabalhei.

Implantado no Brasil em 2010, o Poeta não só vem alcançando como superando suas metas, tornando-se referência para pessoas portadoras de deficiência que desejam qualificar-se para o mercado de trabalho. A prioridade é de pessoas com todos os tipos de deficiência a partir dos 15 anos, mas podem ser atendidas também pessoas sem deficiência em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

As atividades acontecem nos Cen-

A experiência do Poeta vem sendo fantástica, é um trabalho apaixonante pela liberdade de você conseguir desenvolver um projeto de acordo com a necessidade do aluno. Nós não temos uma coisa que enfrentamos muito no ensino formal, que é ficar preso ao planejamento e, muitas vezes, não conseguir atender à necessidade da sala ou do aluno no momento. E na Avape a gente tem essa flexibilidade, porque se trabalha com o intuito do aprendizado. O instrutor que passa aqui começa a enxergar novos caminhos.



VICTOR MARTINEZ
25 anos, instrutor do Poeta na unidade de Santo André (SP).

tros de Oportunidades Digitais, como são chamadas as salas que recebem o projeto. A cidade de São Paulo recebeu a primeira unidade brasileira e a centésima do projeto, que já funciona em 14 países da América do Sul e Central. As primeiras ações no Brasil aconteceram em setembro de 2010, em um espaço dentro da própria sede da Avape. Em seguida, foi instalado o segundo centro em Santo André, no ABC Paulista. E a Trust for the Americas garante que a Avape receberá

da Avape também aponta que, no mesmo período, 134 pessoas foram incluídas no mercado de trabalho, das quais 77 com deficiência.

Apesar da Lei de Cotas, que determina que toda empresa com cem ou mais funcionários destine entre 2% e 5% dos postos de trabalho a pessoas com deficiência, a inclusão dessas pessoas no mercado permanece um desafio. Além do preconceito, elas sofrem pela falta de qualificação. Segundo a vice-presidente

Os alunos dispõem de softwares que facilitam o uso de computadores por pessoas com deficiências visuais e professores que falam a linguagem de Libras.

uma terceira unidade do Poeta, em outro estado ainda não definido – essa nova frente terá recursos do Citibank, que já se comprometeu a contratar 70 dos 150 alunos capacitados no primeiro ano.

A meta do Poeta é capacitar 150 pessoas por ano, em cada centro de atendimento. Até julho de 2012, 762 pessoas foram capacitadas nos dois centros, das quais 450 tinham algum tipo de deficiência. A contabilidade

de Reabilitação e Inclusão da Avape, Eliana de Oliveira Pinto Victor, o Poeta surge não só como oportunidade para essa capacitação, mas como meio de elevar a autoestima dessas pessoas. “Queremos melhorar a qualidade de vida das pessoas pela tecnologia”, diz. Além do conteúdo de informática, com ferramentas do Pacote Office, os alunos recebem preparação para buscar emprego, com aulas de português e atendi-

mento ao cliente, por exemplo.

As salas de aula são estruturadas com programas de acessibilidade como *softwares* que facilitam o uso de computadores por pessoas com deficiências visuais, professores que falam a linguagem de Libras para atender pessoas com deficiências auditivas, mobiliário adequado para cadeirantes e dispositivos (como *mouse* e teclado) adaptados a deficiências motoras. Nos horários em que não há curso, os centros abrem para acesso da comunidade à internet. No total, já passaram pelos centros 5.364 pessoas – dessas, 3.258 com algum tipo de deficiência.

A implantação das duas unidades teve investimento de US\$ 140 mil, dos quais US\$ 32 mil em manutenção e US\$ 108 mil em equipamentos e *softwares* doados pela Microsoft. A Avape é responsável pelo espaço físico e pela equipe de monitores.



Nos horários em que não há curso, os centros abrem para acesso da comunidade à internet. No total, já passaram pelos centros 5.364 pessoas.

PARCERIA PARA OPORTUNIDADES DE EMPREGOS ATRAVÉS DA TECNOLOGIA NAS AMÉRICAS (POETA)

Instituição responsável

Avape

Responsável pelo projeto

Flávio González, gerente de inclusão da Avape

Parceiros

Citibank e Microsoft

Abrangência geográfica

Santo André e São Paulo (SP)

Público

Até julho de 2012, 762 pessoas capacitadas, 450 com deficiências e 312 sem deficiências, mas em situação de vulnerabilidade socioeconômica

Investimento

US\$ 140 mil (US\$ 32 mil em investimento financeiro para manutenção e US\$ 108 mil em equipamentos e *softwares*)

www.avape.org.br

Ressoar Solidário

Ações de voluntariado por todo o Brasil e diversas áreas



Projeto Nova Canaã

500 crianças atendidas por dia. Educação, esportes e alimentação!



Ressoar nos Bairros

200 mil atendimentos por ano. Shows e diversão para as crianças



Ressoar Multimeios

700 alunos inscritos a cada etapa. 230 horas de aulas ministradas. 140 alunos formados.

R



www.ressoar.org.br



twitter.com/ressoar



facebook.com/institutoressoar

Programa Ressoar

Apresentado por Chris Flores, o Programa Ressoar vai ao ar pela Record News, todos os domingos às 19:30h, com reprise nos sábados seguintes às 14h. Por meio de reportagens e entrevistas, abre espaço para o debate sobre o terceiro setor, incluindo fatores econômicos, sociais e de educação.



INSTITUTO RESSOAR

**É MAIS QUE ESPERANÇA.
É REALIZAÇÃO!**

Junte-se à nós e seja mais que esperança na vida de muita gente!

Faça parte de nossos projetos.

Vamos tornar a sociedade mais justa e menos desigual.

Fale conosco - ressoar@ressoar.org.br

Academia de videoaulas

Professores têm à disposição um acervo de conteúdos apoiado por sistema de acompanhamento do aprendizado



Mais importante do que os vídeos é o sistema que permite aos professores acompanhar os alunos enquanto realizam os exercícios propostos.

Os brasileiros gostam de tecnologia. Rapidamente se destacaram entre os internautas cadastrados em redes sociais em todo o mundo, chegando a dominar o Orkut. Não é de se admirar que uma plataforma com videoaulas gratuitas fizesse sucesso por aqui. Com menos de um ano no Brasil, a Khan Academy contabiliza 1.400 visualizações e as dezenas de vídeos da Khan em português já estão em segundo lugar entre os mais acessados do projeto no mundo, com mais de 940 mil visualizações no YouTube. Estão disponíveis apenas os conteúdos de matemática.

Trazida para o Brasil pela Fundação Lemann, a Khan Academy foi criada pelo estadunidense Samuel Khan, formado em matemática, ciências da computação e engenharia elétrica, que idealizou a plataforma para ensinar matemática à sobrinha. Primeiro ele utilizou o Yahoo; de-

pois, o YouTube, porque parentes e amigos começaram a se interessar pelo conteúdo e ficaria mais fácil distribuí-lo.

Mais importante do que os vídeos é o sistema que permite aos professores acompanhar os alunos enquanto realizam os exercícios propostos. É possível conferir quantas vezes o aluno teve de repetir um exercício até acertar, quais exercícios levaram mais tempo para ser resolvidos e quais alunos tiveram maior dificuldade. Daniela Caldeirinha, gestora do projeto, conta que nas escolas havia profissionais com 20, 25 anos de educação, mas que nunca tinham usado tecnologia. “Isso aconteceu até porque o conhecimento de informática não era um pré-requisito do projeto. Mas era necessário ser um bom professor”, diz.

Inicialmente o projeto foi implementado como piloto em seis escolas da rede pública do estado de São

Paulo, nas turmas do 5º ano do ensino fundamental. Depois, chegou a mais 30 turmas, todas de escolas da região metropolitana de São Paulo. O objetivo é chegar a cem escolas no Brasil.

Como apoio ao sistema, foi criada uma cidade virtual, a Lidera, que consiste em uma rede para troca de experiências, desafios e melhores práticas educacionais. Inaugurada em junho de 2012, reúne 250 ex-alunos dos cursos de formação da fundação e os que estão em capacitação. Mas a Lidera é aberta a outros participantes, dentro do público-alvo. Na cidade existem prédios onde o professor pode participar de fóruns de discussão, acessar cursos, ver conteúdo de seminários e fazer comentários. Para cada prédio existe uma pessoa mobilizadora. A meta é que a Lidera agregue 500 “habitantes” até o final do ano.

KHAN ACADEMY E LIDERA

Instituição responsável

Fundação Lemann

Responsável pelo projeto

Daniela Caldeirinha gestora do projeto

Parceiros

Khan Academy, Instituto Natura e Península

Abrangência geográfica

Região metropolitana de São Paulo

Público

36 turmas trabalham com a Khan Academy e 250 professores fazem parte da cidade virtual Lidera

Investimento

não divulgado

www.fundacaolemenn.org.br/khanportugues



Tecnologia a favor da educação.



acesse  neteducacao.com.br



Acesso gratuito a conteúdos interativos que, por meio da tecnologia, aproximam educadores e alunos em uma linguagem moderna e divertida de aprendizado.



NET
EDUCAÇÃO

Construção do futuro

Crianças e jovens recebem formação e lazer em projeto com metodologia própria, que visa fortalecer o estudo formal

O conglomerado de favelas Vila Grande Cruzeiro é conhecido pela alta criminalidade e extrema vulnerabilidade social. Nesse território, o Centro Infantojuvenil Zona Sul trabalha, desde 2010, com estudantes em situação de defasagem educacional e adolescentes em formação para ingressar no mercado de trabalho. Iniciativa da Fundação Pensamento Digital (FPD), o centro tem como proposta despertar nas crianças e nos jovens o gosto pelos estudos, combinando instrução, criação e uso de tecnologia. Os cursos, sempre muito práticos, conseguem prender a atenção da garotada. Mas o pré-requisito para participar do projeto é estar matriculado na rede pública e frequentar a escola formal.

Em 2011, houve um avanço no modelo pedagógico do projeto, fruto do amadurecimento dos próprios educadores. “Eles começaram a desenvolver novos métodos de ensino e matrizes avaliativas para

O centro tem como proposta despertar nas crianças e nos jovens o gosto pelos estudos, combinando instrução, criação e uso de tecnologia.

planejar, comunicar e monitorar o desempenho dos educandos”, diz Marta Voelcker, superintendente da Fundação Pensamento Digital. Além dos cursos Educação Digital Básica (para adolescentes de 12 a 15 anos) e Rotinas Administrativas (de 15 a 18 anos), a grade do centro agora oferece o Educação Digital Avançada (de 13 a 18 anos), em que os alunos aprendem a desenvolver jogos, sites, vídeos e a usar aplicativos



Fotos Divulgação

Os educandos podem fazer curso de língua espanhola, teatro, leitura livre, atividades manuais, artes marciais, aeróbica e comunicação – além de reforço escolar.

vos e programas do pacote Office.

Os educandos podem fazer curso de língua espanhola, teatro, leitura livre, atividades manuais, artes marciais, aeróbica e comunicação. Além disso, há horários para re-

forços escolares diários nas disciplinas de humanas e matemática. “Queremos mudar a realidade desse público visando um futuro mais promissor por meio da qualificação profissional e do progresso na escola formal”, diz Sabrina Silva de Silveira, coordenadora da Fundação Pensamento Digital.

A monitora Michelle Ferraz, estudante de Letras, é responsável pelo ensino de espanhol e cuida de dez

turmas por semana. “Acho gratificante ver como um idioma pode mudar a vida de uma pessoa”, diz. Um dos casos que ela lembra com carinho é o de Euler Soares, de 17 anos, que durante uma entrevista para um trabalho impressionou por falar algumas frases em espanhol. Conseguiu o emprego e, meses mais tarde, foi contratado em regime de CLT como supervisor de uma empresa de impressoras. Ele ainda voltou ao centro para recrutar seus antigos colegas, quando surgiram mais vagas na companhia. Além de aulas de línguas, o rapaz fez o curso de Rotinas Administrativas, que dá ferramentas aos alunos para se desenvolver no mercado de trabalho. “No início não me interessou tanto, mas conforme fui aprendendo coisas, comecei a gostar”, confessa Euler.

O centro abriga 14 turmas de 15 alunos cada. As atividades aconte-

cem em um prédio equipado com quatro laboratórios de informática, biblioteca, sala de português, línguas e artes, e quadra esportiva. O projeto oferece refeições supervisionadas por uma nutricionista: café da manhã, lanche e almoço para o primeiro período; almoço e lanche para o turno da tarde. A carga horária semanal é de 20 horas e os cursos são realizados em módulos, para facilitar o ingresso de outras pessoas no decorrer do ano. Na grade de horários, 90% são conteúdos iguais para todos e 10% são optativos. Contudo, ressalta Marta, dentro dos cursos existe muita construção e opção sobre o que vão trabalhar: “Por exemplo, Educação Digital avançada tem um currículo livre para uso de tecnologias em criação. Também em rotinas administrativas os jovens criam empresas, definem cargos e responsabilidades e tudo é muito dinâmico e com muita participação deles no planejamento”.

Além dos espaços físicos do Centro Infantojuvenil Zona Sul, a

interação entre os participantes se dá no ambiente virtual, na plataforma Noosfero (*software* livre usado como rede social). Cada usuário tem uma “biblioteca pessoal” em que mostra seus trabalhos, como se fosse um portfólio. Existem grupos virtuais para as diferentes turmas, que publicam na web atividades, materiais de referência e discussões. E os monitores também fazem algumas das avaliações dos módulos *online*.

Em 2011 foi renovada a parceria com a Secretaria Estadual de Justiça e Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul, que garantiu investimentos de R\$ 870 mil no projeto. Parte da verba foi usada para reformar as salas e comprar novos equipamentos. Hoje o Centro tem 80 computadores conectados à internet de 1 Mbps, *link* fornecido gratuitamente pela Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre (Procempa).

O trabalho da Fundação Pensamento Digital integra o projeto Global Impact Study, da Universi-

dade de Washington, nos Estados Unidos. “Realizamos pesquisas no Brasil para identificar o impacto do acesso público às tecnologias de informação e comunicação (TICs), seja em telecentros, lanhouses ou bibliotecas”, diz Marta.

As atividades não podem somente desenvolver o conhecimento em informática, devem também desenvolver a colaboração em grupo. O trabalho em equipe valoriza não só auxiliar o parceiro de trabalho, mas também os colegas com maior dificuldade.



THIARLINE MORAIS
26 anos, educadora.



A interação entre os participantes se dá no ambiente virtual, na plataforma Noosfero e cada usuário tem uma “biblioteca pessoal” em que mostra seus trabalhos.

CENTRO INFANTO JUVENIL ZONA SUL

Instituição responsável

Fundação Pensamento Digital

Responsável pelo projeto

Sabrina Silva de Silveira, coordenadora administrativa

Parceiros

Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social, Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre (Procempa), Mesa Brasil Sesc RS, Shirley Ann Sullivan Educational Foundation (Sasef), Coletivo Coca-Cola, Sesi, Souza Cruz

Abrangência geográfica

Bairro Vila Grande Cruzeiro, em Porto Alegre (RS)

Público

220 jovens em situação de vulnerabilidade social, residentes na Vila Grande Cruzeiro e matriculados na rede pública de ensino

Investimento

R\$ 870 mil anuais

www.pensamentodigital.org.br

A arte de mudar uma vida

Projeto que alia expressões artísticas e tecnologia leva formação e qualificação profissional a jovens de 25 municípios gaúchos



Fotos Divulgação

Jovens entre 14 e 18 anos podem se inscrever para o Programa de Qualificação Profissional, uma capacitação com conteúdos relacionados ao mundo do trabalho.

Sempre se fala em criança e em futuro, mas é um futuro que insiste em não vir por aqui. Por isso acho o trabalho com a Fundação Semear muito estimulante. Aprendemos muito com o dia a dia, com as experiências que as crianças trazem. Não somos apenas pessoas para ensinar. Construimos algo juntos.

ALEXANDRE MINCHEN

Educador de artes cênicas do Centro de Vivência Redentora.

A Fundação Semear mostra que não é difícil juntar o setor privado, as organizações sociais e a comunidade para trabalhar em conjunto. Criada em 1996, com sede em Novo Hamburgo, a organização atua em benefício de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de 25 municípios do Rio Grande do Sul. “Somos um agente de integração dos diversos setores da sociedade para realizar ações que melhorem a qualidade de vida das pessoas”, define Helena Ieggli Thomé, gestora social da fundação.

Na periferia de Novo Hamburgo, o Centro de Vivência Redentora (CVR), mantido pela fundação, atende 170 meninos e meninas de seis a 16 anos. Entre as atividades pedagógicas e recreativas, acontecem oficinas de dança (balé, hip hop e dança urbana), artes visuais, literatura, teatro, música e inclusão digital. Um serviço médico,

em parceria com a rede de saúde privada Unimed - Vale dos Sinos, realiza exames clínicos gratuitos.

O gaúcho Alexandre Minchen é educador de artes cênicas desde 2008 no CVR, onde tem oito turmas que somam cem alunos. “O trabalho de teatro desenvolve a oratória e as

formas de expressão”, conta. Ele faz reuniões semanais com a coordenadora pedagógica e os educadores das outras áreas para compartilhar as experiências e garantir a sintonia do projeto: “Mantemos contato com as escolas e as famílias. E constatamos que o trabalho do centro tem efeitos positivos nos jovens”.

Entre as atividades pedagógicas e recreativas, acontecem oficinas de dança, artes visuais, literatura, teatro, música e inclusão digital.

formas de expressão”, conta. Ele faz reuniões semanais com a coordenadora pedagógica e os educadores das outras áreas para compartilhar as experiências e garantir a sintonia do projeto: “Mantemos contato com as escolas e as famílias. E constatamos que o trabalho do centro tem efeitos positivos nos jovens”.

Além das aulas de expressão artística, é possível optar pelas práti-

cas digitais. “Hoje as crianças têm mais acesso aos equipamentos. Portanto, procuramos uma construção de saberes e de senso crítico a partir do conhecimento que elas já têm”, explica Helena. Jovens entre 14 e 18 anos podem ainda se inscrever para o Programa de Qualificação Profis-

sional, uma capacitação com conteúdos do mundo do trabalho, como noções administrativas, de recursos humanos, de logística, de finanças e de atendimento ao cliente. Desde 2010, a Fundação Semear faz parte do Cadastro Nacional de Aprendizagem, do Ministério de Trabalho e Emprego. Com isso, está autorizada a encaminhar jovens para experiências profissionais mesmo

que não tenham atingido a idade mínima de 16 anos. “Indicamos esses adolescentes a empresas que contribuem mensalmente com a fundação”, explica Helena. Em 2011, 38 jovens integrantes do CVR conseguiram seu primeiro emprego. Como aprendizes, cumprem as 400 horas práticas, que podem ser remuneradas, além das 400 horas teóricas exigidas pelo programa.

Apesar da oferta garantida de oportunidades, no início a iniciativa da Semear apresentou uma evasão muito alta. As famílias queriam tirar os filhos das atividades porque eles precisavam gerar renda. Por isso, em 2007, foi implementado um projeto destinado às mães dos jovens do CVR, o Programa de Geração de Trabalho e Renda. Hoje, 45 mulheres recebem formação em culinária, manicure, artesanato e customização de peças de vestuário. Além de conhecimentos técnicos, estudam e debatem questões relacionadas a cidadania e empreendedorismo.

Todas as ações da Fundação Se-



Há reuniões semanais entre os educadores das diversas áreas para compartilhar experiências e garantir a sintonia do projeto.

mear são financiadas pela iniciativa privada. Além do trabalho em Nova Hamburgo, a Fundação Semear beneficia 65 organizações sociais do Rio Grande do Sul, por meio do Banco de Investimento Social (BIS). Criado em 2003, o BIS faz o vínculo entre instituições que precisam de recursos e investidores. Um dos programas do banco é o Balcão de Doações, por

meio do qual a sociedade pode doar equipamentos de informática, alimentos, produtos de higiene e limpeza, calçados e vestuário. Também existe o Padrinho Legal, que mobiliza pessoas físicas e jurídicas para apoiar 31 instituições sociais de dez cidades gaúchas. E o Balcão de Projetos, espaço para apresentar demandas sociais que exigem apoio privado.



Paulo R. Oliveira

Um serviço médico, em parceria com uma rede de saúde privada, oferece a realização de exames clínicos gratuitos.

CENTRO DE VIVÊNCIA REDENTORA

Instituição responsável

Fundação Semear

Responsável pelo projeto

Helena leggli Thomé, gestora social

Parceiros

Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha e 76 empresas mantenedoras

Abrangência geográfica

Novo Hamburgo e outros 25 municípios de Rio Grande do Sul

Público

Crianças, adolescentes e mães de Novo Hamburgo e organizações sociais do Rio Grande do Sul

Investimento

R\$ 1 milhão

www.fundacaosemar.org.br

Comunicação é prioridade

O projeto baseia sua atuação em um tripé: protagonismo juvenil de jovens em situação de vulnerabilidade social, produção em comunicação e inclusão digital

Eles têm entre 14 e 21 anos, vivem no agreste do estado de Pernambuco, estudam em escolas públicas e moram, em grande parte, na zona rural. Além dos períodos da seca, enfrentam o desafio de conciliar a formação com a oferta precoce de empregos em uma região em processo de industrialização. Essa é a realidade dos adolescentes e jovens que participam do projeto Agentes de Desenvolvimento da Comunicação (ADC), desenvolvido pelo Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local (Giral). E o empenho é ainda maior porque eles assumem um duplo desafio: conseguir se profissionalizar e gerar renda, ao mesmo tempo que participam do movimento pela democratização do acesso à comunicação e cultura.

O cenário onde o Giral atua está mudando. Dados divulgados no primeiro semestre de 2012 pelo Conselho Estadual de Política Industrial, Comercial e de Serviços (Condic) mostram que, dos 19 projetos industriais aprovados para Pernambuco até 2014, cinco serão implantados na região, três em Glória do Goitá. O município, com cerca de 30 mil habitantes na Zona da Mata Norte, espera a abertura de mais de três mil postos de trabalho. “Estamos pensando em como adequar o projeto ADC à realidade. Agora os jovens estão sendo atraídos pela abundância de empregos, mas não estão profissionalizados”, ressalta Leonildo Moura, da coordenação executiva do Giral.

Fundado em 2007 por um grupo de estudantes, o Giral baseia sua

Se não tivesse participado da formação no ponto de cultura, seria outra pessoa. Quando comecei a trabalhar no projeto, quis repassar tudo o que aprendi para os outros adolescentes em situação de vulnerabilidade social, não só de forma teórica, mas na prática, para que eles também tenham oportunidades profissionais.

WEMISON ARAÚJO

25 anos, monitor de câmera no Projeto Giral em Glória do Goitá (PE).



Fotos Divulgação

Jovens assumem o desafio de se profissionalizar e gerar renda, ao mesmo tempo que participam do movimento pela democratização do acesso à comunicação e à cultura.

atuação em um tripé: protagonismo juvenil de jovens em situação de vulnerabilidade social, produção em comunicação e inclusão digital. Everaldo Costa Santana, da coordena-

ção, contribuindo para a criação de políticas públicas de comunicação.

A turma de 2012 foi contemplada com “aulas” especiais: visitas ao *Jornal do Commercio*, à *TV Jornal de Reci-*

seada nos princípios de Paulo Freire, com oficinas de comunicação e direitos humanos, informática com *software* livre e pesquisa. No final, os alunos produzem um vídeo. Apesar de o tema ser livre, predominam as produções sobre a realidade local, exibidas em comunidades e escolas da região. Os vídeos também participam de festivais e são postados no YouTube e em redes sociais.

O projeto baseia sua atuação em um tripé: protagonismo juvenil de jovens em situação de vulnerabilidade social, produção em comunicação e inclusão digital.

ção executiva da organização não governamental, destaca que a meta é formar ADCs, responsáveis pela produção em comunicação, em especial audiovisuais, que valorizem pessoas e a cultura local: “O Giral não é apenas um projeto de comunicação, é uma forma de ver a realidade”.

O desafio é encarado em duas frentes. A primeira é a busca pela ampliação dos telecentros sob gestão do Giral. O convênio foi firmado em 2010 com o programa Telecentros.BR. A parceria abrange 11 espaços de acesso à internet nas zonas rural e urbana de cinco cidades localizadas na Bacia do Rio Goitá, a no máximo 70 quilômetros da capital, Recife. Além de Glória do Goitá – onde se localiza a sede da organização – há os telecentros de Lagoa de Itaenga, Feira Nova, Pombos e Gravatá. A meta é ampliar esse número no convênio a ser firmado em 2013.

A outra frente é o projeto ADC, financiado pela Inter-American Foundation (IAS), agência estadunidense que apoia projetos de desenvolvimento realizados por organizações civis na América Latina e no Caribe. Anualmente, 60 adolescentes e jovens de 16 a 21 anos participam, nos telecentros, de um curso de comunicação comunitária social e inclusão social. Durante um ano aprendem e fazem produção de vídeo, jornais comunitários, programas de rádios, exibição pública de vídeos e filmes, produção de campanhas educativas para rádios, pesquisas e intervenções nas escolas públicas e socie-

fe e à *Rádio CBN*. “Esses intercâmbios são importantes porque revelam o mundo da comunicação de massa. Aquecem o sentido crítico e mostram as possibilidades de atuação”, avalia Moura. Ele destaca, ainda, o principal saldo do projeto: “Eles chegam acañados, com vontade de aprender. E saem totalmente diferentes, com visão crítica e comprometidos com a comunidade”.

O projeto acontece em Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga, Feira Nova, Pombos e também no município de Chã de Alegria, que ainda não tem telecentro. O curso, de dez meses, utiliza metodologia de ensino ba-

AGENTES DE DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO (ADC)

Instituição responsável

Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local (Giral)

Responsável pelo projeto

Leonildo Moura, coordenador executivo

Parceiros

Inter-American Foundation (IAF), BNDES, Banco do Nordeste, ministérios da Cultura, do Planejamento, das Comunicações e da Ciência e Tecnologia, prefeituras de Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga, Pombos, Feira Nova, Chã de Alegria e Gravatá, Serviço de Processamento de Dados (Serpro), Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Canal Futura, Fundação Kellogg, Avon/Fundo Viva o Amanhã, Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), Fórum Pernambucano de Comunicação, Faculdade de Olinda (Focca), Instituto Marista, Rede Pernambucana

de Inclusão Digital, Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC), Geração Futuro, Associação de Jovens Itaenguenses, escolas públicas da bacia do Rio Goitá, rádios comunitárias Feira Nova FM, Goitacaz FM, Itaenga FM e ONIT, TV Universitária da UFPE, Conselho Municipal de Defesa da Criança e Adolescente, Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventudes, Conselho Tutelar, Fase – Solidariedade e Educação, Acreditar – Capital Humano e Transformação Social, Auçuba Comunicação e Educação, Rede de Jovens do Nordeste, Inter Redes Juventude do Nordeste

de Inclusão Digital, Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC), Geração Futuro, Associação de Jovens Itaenguenses, escolas públicas da bacia do Rio Goitá, rádios comunitárias Feira Nova FM, Goitacaz FM, Itaenga FM e ONIT, TV Universitária da UFPE, Conselho Municipal de Defesa da Criança e Adolescente, Conselho Estadual de Políticas Públicas de Juventudes, Conselho Tutelar, Fase – Solidariedade e Educação, Acreditar – Capital Humano e Transformação Social, Auçuba Comunicação e Educação, Rede de Jovens do Nordeste, Inter Redes Juventude do Nordeste

Abrangência geográfica

Cinco municípios da bacia do rio Goitá: Feira Nova, Glória do Goitá, Gravatá, Lagoa de Itaenga e Pombos (PE)

Público

Anualmente, 60 adolescentes e jovens de 16 a 21 anos

Investimento

Durante dois anos do projeto ADC, US\$ 196.635, financiados pela IAF

www.giral.org.br

Aprendendo por projeto

Estudantes de escolas públicas encaram desafios de aprendizado e usam as novas tecnologias para atingir seus objetivos



Leo Drummond

O desempenho dos alunos integrantes do projeto em exames como o Prova Brasil (chega a 93,2% é superior ao dos demais alunos da rede regular (75,4%).

As escolas já conhecem o potencial das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) para melhorar o desempenho dos alunos. Mas ter laboratórios de informática está longe de garantir uma educação de qualidade. É preciso mais. Por isso, o Instituto Ayrton Senna criou o projeto Escola Conectada, que tem o objetivo de transformar a educação por meio da cultura digital.

Tudo começa com o interesse da escola ou do município na parceria. Ao aderir ao projeto, os professores são convidados a participar de

uma formação presencial e a distância, que revela não só como ferramentas de busca digitais podem substituir a lousa e o giz, mas especialmente como mudar a forma de ensinar, agora baseada no interesse dos alunos. Não há aulas de informática. As dúvidas técnicas são resolvidas conforme surgem, sejam de alunos ou de professores.

Cada jovem terá o desafio de encarar um projeto de pesquisa. E vai partir de uma questão sobre a qual tem interesse. “Por que o céu é azul, como se forma um arco-íris ou como funciona um computador...

tudo pode se tornar um objeto de estudo”, diz Adriana Martinelli, coordenadora da área de Educação e Tecnologia do Instituto. A partir do questionamento inicial, os jovens formam grupos de trabalho, debatem entre si, aprendem a pesquisar e a questionar.

Aos mestres cabe o papel de indicar os caminhos da pesquisa e manter a turma sempre estimulada. O exercício diário desse método de ensino muda a forma de lidar com a educação. “O aluno percebe que o professor não detém o conteúdo e que cabe a si próprio o pa-

pel de aprender. A tecnologia, por sua vez, abre canais de informações e muda a relação passiva que os alunos têm com os professores”, explica a coordenadora.

O exercício da pesquisa traz mudanças que se refletem em todo o ambiente escolar. Ao reconhecer a diferença entre transmitir conheci-

tes do projeto que têm exames como o Prova Brasil (chega a 93,2%), superior ao dos demais alunos da rede regular (75,4%).

O entusiasmo e a dedicação da estudante mato-grossense Natália Campos Machado, de 13 anos, com seu projeto de pesquisa, lhe rendeu um convite para expor suas ideias

materiais para pesquisas, vídeos, chats, fóruns, entre outras ferramentas de acesso ao conhecimento. No portal Educação e Tecnologia, há ainda os cursos a distância oferecidos pelo Ayrton Senna.

Cada jovem tem de fazer um projeto de pesquisa. Não há aulas de informática. As dúvidas técnicas são resolvidas conforme surgem, sejam de alunos ou de professores.

mento e criar oportunidades, a escola transforma o papel de gestores, alunos e professores. Em muitos casos, os gestores mudam o currículo tradicional, tirando aulas de informática e incluindo encontros para projeto de pesquisa, por exemplo.

Os professores passam a usar as TICs com mais propriedade. Aprendem a integrar comunidades virtuais, compartilhar experiências e dificuldades. Além de ganhar um trabalho mais instigante e desafiador. O professor Cleber Aparecido Martinelli Hernandez, da Escola Municipal Padre Anacleto de Camargo, em Santana de Parnaíba (SP), acredita que o programa lhe deu um novo olhar sobre a aprendizagem: “Os alunos ganham mais interesse naquilo que estamos tratando. O aprendizado passa a ser uma parceria. As crianças querem aprender, os professores querem ajudá-las. Quando todos conspiram a favor, não há como dar errado”.

Os alunos, por sua vez, melhoraram habilidades de leitura e escrita, adquirem habilidade de analisar e interpretar dados de forma mais clara, compartilham ideias e soluções, ampliam conhecimentos e aproveitam melhor as disciplinas participando de projetos extras, na escola e na comunidade. Prova disso é o desempenho dos alunos de escolas integran-

tes do Brasil. “Eu gostaria de saber se a energia eólica poderia ser melhor aproveitada em países tropicais”, diz. “Descobri que há formas eficazes de usar o vento por aqui, a um preço bem razoável.” Natália mostrou seu trabalho em uma feira de ciências em Portland, no Oregon (EUA). Pretende seguir a carreira de engenharia.

Seu professor Jorge Fernandes, de matemática, aponta que assim como Natália outras crianças demonstraram ambições profissionais após o início do projeto: “Plantamos a sementinha da inquietude. Eles não só passaram a querer mais e esperar um futuro melhor como agora sabem que boa parte do sucesso depende só deles”.

O projeto começou em 1999 a partir de uma parceria entre o Instituto Ayrton Senna e a Microsoft. Em algumas cidades, como Araxá (MG), São Caetano do Sul (SP), Taboão da Serra (SP) e Santana de Parnaíba (SP) se tornou política pública implementada na rede de ensino, em parceria com as secretarias municipais de educação. Em alguns municípios, a iniciativa é da própria escola.

A área de educação e tecnologia do instituto mantém ainda um portal com conteúdos para professores e estudantes. Estão disponíveis

Os alunos passam a ter mais interesse naquilo que estamos tratando. O aprendizado se torna uma parceria. As crianças querem aprender, os professores querem ajudá-las. Quando todos conspiram a favor, não há como algo dar errado.

CLEBER APARECIDO MARTINELLI HERNANDES
do Colégio Municipal Padre Anacleto de Camargo, em Santana de Parnaíba (SP).

PROGRAMA ESCOLA CONECTADA

Instituição responsável

Instituto Ayrton Senna

Responsável pelo projeto

Adriana Martinelli de Carvalho, coordenadora da área de Educação e Tecnologia

Parceiros

Microsoft, HP, Alcatel

Abrangência geográfica

Santana de Parnaíba, São Caetano e Taboão da Serra (SP) e Araxá (MG)

Público

1.814 alunos e 188 educadores capacitados em 34 escolas

Investimento

Informação não disponível

www.educacaoetecnologia.org.br

Lições de educação aberta

A bandeira da liberdade na produção e no acesso a conteúdos educacionais se ergue em debates, projetos e parcerias

Com educação não se brinca. E um alarme ganha força: para saldar a dívida com a formação de crianças e jovens, os governos de todo o mundo devem adotar políticas que incluam os conceitos de licenças abertas e domínio público para materiais educacionais. Esse foi o tema do Primeiro Congresso Mundial de Recursos Educacionais

Abertos (REA, ou OER, na sigla em inglês), realizado em Paris, na França, em junho deste ano.

A reunião foi organizada pela Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (Unesco), que em 2002 foi pioneira ao realizar um fórum global sobre o tema. Na reunião, foi cunhado o termo REA para definir “materiais de ensino,

aprendizagem e pesquisa que estão em domínio público ou liberados em licenças de propriedade intelectual que permitem livre uso, adaptação e distribuição por terceiros”. Com material aberto, é possível usar livros inteiros, módulos, trechos de cursos, teses, jogos, mídia digital ou analógica, inclusive fazendo cópias na íntegra ou mudando pedaços para adaptar os conteúdos à realidade local.

Em 2012, o encontro de Paris reuniu Ministros de Educação de todo o mundo. Do Brasil, a única instituição da sociedade civil a participar foi o Instituto Educadigital (IED), criado em dezembro de 2010 por um grupo de especialistas na área de educação e tecnologias digitais. A mentora da organização foi a jornalista Priscila Gonsales, que durante dez anos coordenou as ações, projetos e eventos do Programa EducaRede, da Fundação Telefônica, uma rede de 200 mil usuários espalhados pelos 27 estados do Brasil. Em 2011, entrou em campo a educadora Bianca Santana, com seu trabalho pioneiro de fomento a uma comunidade brasileira de REA, hoje com mais de 500 integrantes ativos e um livro publicado (www.livrorea.net.br).

O IED tem sede em São Paulo. Faz parte da rede mundial de empreendedores sociais do The Hub São Paulo e integra o coletivo da Casa da Cultura Digital, que reúne pessoas engajadas na disseminação de conceitos e de práticas da cultura livre. Em 2011, o instituto assumiu a coordenação do projeto REA-Brasil, criado em 2008 pela advogada brasileira Carolina Rossini e que tem apoio da Open Society Foundation. Desde então, realiza um trabalho junto com parlamen-

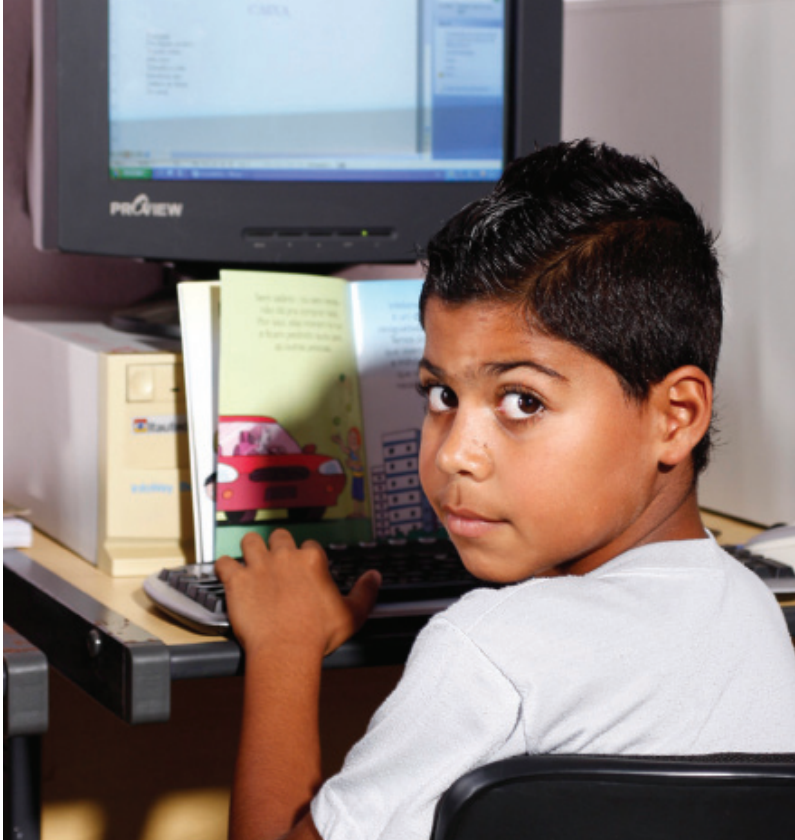


Fotos: Rosbton Regato

O REA-Brasil apoiou e orientou o projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo de licenciar toda a produção de material didático em Creative Commons.

tares para fomentar o debate sobre a importância do acesso aberto aos materiais didáticos financiados com dinheiro público. O meio encontrado são eventos regionais, em parceria com agentes do poder legislativo: em 2010, em Brasília, realizado pela Unesco na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, e nas comissões de Educação e Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados. Em 2011, a discussão chegou à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Além disso, o projeto REA-Brasil também apoiou e orientou o projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de licenciar toda a produção de material didático em Creative Commons. Esse apoio foi subsidiado juridicamente pelo Centro de Tecnologia Social da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

“Parte da equipe também está em sala de aula e na sala dos professores de escolas públicas e privadas, o que contribui para que os projetos se conectem organicamente à realidade da escola”, diz Priscila, diretora executiva do IED. Para expandir a metodologia colaborativa de trabalho com as tecnologias digitais, focado na formação de professores e alu-



O instituto desenvolve projetos próprios e em cocriação com organizações do poder público, empresas e terceiro setor.

nada de aprendizagem na Campus Party 2012. O resultado foi registrado em vídeo pela Sociedade Linguística Aplicada (Sala). Para a Edições SM, uma equipe de educadores concebeu e criou uma série de vídeos, infográficos, animações e jogos para os 4º e 5º anos do ensino fundamental no campo.

Amazonas do projeto Um Computador por Aluno (UCA), do Ministério da Educação (MEC). A ideia é contar sua trajetória pessoal e profissional em publicação impressa e online, a partir da colaboração de pessoas que com ela conviveram.

O instituto realiza um trabalho junto a parlamentares para fomentar o debate sobre a importância do acesso aberto aos materiais didáticos financiados com dinheiro público.

nos, o instituto desenvolve projetos próprios e em cocriação com organizações do poder público, empresas e terceiro setor. Um deles é a consultoria pedagógica para o Edukatu, do Instituto Akatu. “O objetivo é criar conjuntamente um espaço virtual de aprendizagem, para professores e alunos, sobre consumo consciente”, explica Priscila.

As parcerias são feitas por projeto. Com financiamento da Fundação Telefônica, o IED levou 300 educadores de todo o Brasil para uma jor-

Dois projetos estão à espera de financiamento, com previsão de lançamento ainda em 2012. O Núcleo de Pesquisa para Professores da Educação Básica, em que cada educador receberia, durante o ano letivo, a orientação de um professor-doutor e uma bolsa para estudar sua própria prática. A prática colaborativa também se estende ao projeto de registro da vida da professora gaúcha Léa Fagundes, de 82 anos, pioneira no uso das tecnologias digitais na educação e coordenadora da região Sul e

RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS-BRASIL

Instituição responsável

Instituto Educadigital

Responsável pelo projeto

Priscila Gonsales

Parceiros

Open Society Foundation, Instituto Akatu, Fundação Telefônica, Casa da Cultura Digital-Esfera, Hub São Paulo, Mil Sites, Sociedade Linguística Aplicada, Filmes para Bailar, Carbono Zero

Abrangência geográfica

Nacional

Público

Gestores públicos, formadores de opinião, agentes sociais, educadores e alunos de escolas públicas e privadas

Investimentos

Por demanda de projeto

www.educadigital.org.br

Prontos para o trabalho

Jovens do ensino médio que ainda não têm experiência recebem formações profissionalizantes, no contraturno escolar



Fotos Divulgação

Desde 2003, quando o programa foi criado, até hoje, já foram capacitados 13 mil jovens nos estados de Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Sergipe.

Focado na inserção de jovens no mercado de trabalho, o Programa Enter Jovem Plus, liderado pelo Instituto Empreender, vem reforçando suas estratégias e expandindo a atuação. No Ceará, a metodologia de ensino foi incorporada ao Programa E-Jovem, do governo do estado, como parte das ações da Secretaria de Estado e Educação. Em Pernambuco, a pro-

posta está sendo gradativamente integrada ao currículo do ensino médio, com o apoio da Secretaria de Estado de Educação e com recursos da Petrobras.

O programa é dirigido a alunos do ensino médio de escolas públicas e sem experiência profissional. Oferece qualificação em inglês de nível básico, informática, além de conteúdos sobre administração e

rotina empresarial. As aulas são realizadas nas próprias escolas, no contraturno escolar. Para uma instituição receber o Enter Jovem Plus precisa ter um laboratório de informática em funcionamento e uma sala disponível. A formação dura cerca de cinco meses, com quatro aulas semanais de três horas cada – no total, 300 horas-aula. O Instituto Empreender contrata e capa-

cita os professores. É responsável ainda pela produção do material didático e pela orientação profissional dos alunos.

Desde 2003, quando o programa foi criado, até hoje, já foram capacitados 13 mil jovens nos estados de Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Sergipe. Segundo os coordenadores, 40% dos que concluem o curso conseguem um emprego no ano seguinte ao da formação.

Foi o que aconteceu com Rodrigo Neves da Silva, de 19 anos, que participou do Enter Jovem Plus em 2011, quando cursava o último ano no CIEP 244 Oswaldo Aranha, no Realengo, no Rio de Janeiro. Em menos de seis meses ele foi contratado no setor de manutenção

pode ser o diferencial na disputa por uma posição no mercado. As aulas de inglês também deixam o currículo mais atrativo. Rodrigo, por exemplo, já tirou proveito do aprendizado. “Uma americana um dia veio falar comigo aqui no trabalho e eu consegui responder para ela em inglês, por causa do que eu tinha aprendido no curso”, relembra com orgulho.

A diretora do programa, Mariza Soares, acredita que o principal benefício da formação é mostrar aos alunos a importância da educação: “Muitos jovens que passam pelo Enter Jovem Plus continuam os estudos em universidades ou escolas técnicas”.

Além das aulas presenciais, o Enter Jovem Plus aposta na educação a

O aluno hoje é bombardeado de tanta informação que às vezes não sabe filtrar o que quer, onde buscar a melhor informação. Tem muita gente que está desempregada, sem acesso ao mercado de trabalho, por faltar um norte em sua vida. O jovem está um pouco perdido, e o Enter Jovem Plus veio para dizer está aqui o primeiro passo, mas não é só dar o primeiro passo. Falta ao aluno buscar ser diferente, não se acomodar. Se você não colocar na sua formação um diferencial, vai cair na generalização.



MARCELO FERNANDES DE HOLANDA
35 anos, educador do Programa Enter Jovem Plus.

Nas aulas, realizadas nas próprias escolas, eles aprendem inglês de nível básico, informática, além de conteúdos sobre administração e rotina empresarial.

da Fundação Getúlio Vargas, em Botafogo. O jovem diz que no curso aprendeu “praticamente tudo” sobre o mundo do trabalho. Também aprofundou seus conhecimentos sobre o Pacote Office, com o qual não estava acostumado a lidar antes, apesar de já ter feito uma formação básica.

Ensinar a importância do computador para tarefas que ultrapassem a simples navegação na internet é uma meta do Enter Jovem Plus e de seus educadores, como Marcelo Fernandes de Holanda, que dá aulas de informática em duas escolas no município de Belford Roxo (RJ). Segundo ele, a maioria dos estudantes tem familiaridade com tecnologia, mas se limita ao uso de redes sociais.

“Se você pedir para um aluno fazer uma pesquisa escolar ele ainda tem muita dificuldade. Muitas vezes não sabe nem abrir o editor de texto”, conta. Para o professor, o domínio das ferramentas digitais

distância para reforçar os conteúdos vistos em classe. Por meio da solução WiLivro, os jovens têm acesso a cursos profissionalizantes *online*. Estima-se que, até o final de 2012, cerca de 600 alunos tenham utilizado essa ferramenta.

Entre esses estudantes, figuram, por regra do programa, jovens com deficiência visual. O Enter Jovem Plus exige que as escolas integrantes destinem no mínimo 5% das vagas a portadores de algum tipo de deficiência ou egressos de instituições correccionais. Para a qualificação dos deficientes visuais, são utilizados *softwares* como *Dosvox* e *NVDA*, que são leitores de textos gratuitos.

Bancado por fontes diversas, incluindo parceiros internacionais, iniciativas públicas e privadas, o Enter Jovem Plus tem investimento previsto, para 2012, de R\$ 1,2 milhão. O custo por aluno fica entre R\$ 1,3 mil e 1,5 mil.

PROGRAMA ENTER JOVEM PLUS

Instituição responsável

Instituto Empreender

Responsável pelo projeto

Mariza Soares, diretora geral do projeto

Parceiros

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), Chevron Corporation, Fiotec; governo do estado do Ceará (Secretaria de Educação), Governo do Estado de Pernambuco (Secretaria de Educação), governo do estado do Rio de Janeiro (Secretarias de Educação e de Trabalho), governo do estado do Sergipe (Secretaria de Trabalho), Grupo Cimento Nassau, Grupo Mais Unidos

Abrangência geográfica

Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Sergipe

Público

Jovens de baixa renda, com idade entre 16 e 29 anos, matriculados e frequentando regularmente escolas públicas do ensino médio ou que já o tenham concluído, sem experiência em emprego formal

Investimento

R\$ 1,2 milhão anuais

www.enterjovemplus.org.br

Leitores que viram autores

A partir de uma obra literária, meninos e meninas usam tecnologia e criatividade para desenvolver as próprias produções



Fotos Divulgação

O ponto alto do projeto é o encontro presencial com os escritores, que acontece em uma grande festa no final do semestre.

Quando a personagem salta do livro e se torna protagonista de uma peça de teatro ou quando o próprio autor da obra aparece em um *blog* para debater com seus leitores, pode-se dizer que a leitura foi diferente e teve um sabor especial. Essa é a opinião dos alunos da professora Márcia Henriques, de uma das sete escolas que participam do projeto mineiro *Escrevendo com o Escritor*, idealizado pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto e mantido pela Companhia Industrial Cataguases.

O projeto, criado em 2005, consiste em aproximar as crianças da leitura por meio da internet e do contato direto com os escritores. Os estudantes recebem o livro como doação (são 47 livros para cada escola) e começam uma longa jornada de trabalhos colaborativos na rede. O objetivo é desenvolver atividades que despertem a curiosidade, estimulem a escrita, a leitura e o gosto pelas artes.

No primeiro semestre de 2012

participaram do projeto 950 alunos de cinco escolas públicas e duas particulares – entre elas, uma Apae, que promove a inclusão de pessoas com deficiência intelectual e física – e uma escola rural. Nos últimos dois anos, o número de beneficiados aumentou em 30% e novas tecnologias de comunicação, como a produção de vídeos, foram incorporadas às ativi-

a exposição de argumentos em *blogs* compartilhados pela turma.

Todo o conteúdo acumulado em meses de trabalho se transforma em peças de teatro, números de dança, desenhos criativos ou em maquetes feitas de sucata. “De tão imersas naquela obra, as crianças dão sua versão dos personagens e até imaginam outros finais para a história”, diz An-

O projeto também resultou em melhora de rendimento dos alunos em outras disciplinas, como geografia, matemática e história.

dades. Além disso, o projeto foi incluído na Lei Rouanet, o que duplicou o orçamento (agora em R\$ 30 mil).

Uma vez por semana, na aula de informática, o tema é o livro. Os tutores do projeto são os próprios professores, capacitados para o uso da tecnologia e atividades de leitura e escrita. Sem que se deem conta, as crianças aprendem a pesquisar informações sobre os autores e exercitam

drea Toledo, que lidera o projeto.

O contato com os escritores começa logo após a leitura dos livros e do *blog* do projeto. Com a ajuda das professoras, as crianças releem trechos dos livros na tentativa de aprofundar a leitura e desvendar as intenções de seus autores. “Quando a gente tem dúvida, tudo está ao alcance do *mouse*, o escritor está logo ali”, diz José Macha-

do, estudante de 12 anos.

Um dos livros trabalhados no semestre, *Os Pingos*, foi escrito por Mary e Eliardo França, um casal de autores mineiros de livros infantis. Ela faz o texto, ele os desenhos. O casal é vencedor de prêmios nacionais e internacionais. Em seguida, o diálogo evolui para vídeos. As crianças gravam perguntas e comentários para os autores, que respondem da mesma forma. “A obra vai ganhando uma dimensão cada vez maior no imaginário das crianças. Elas se sentem engajadas e motivadas a se dedicar àquele trabalho”, diz Andrea.

O ponto alto do projeto é o encontro presencial com os escritores, que acontece em uma grande festa no final do semestre. É nesse evento que os estudantes apresentam suas produções – além, é claro, de conversar, tirar fotos e homenagear os escritores. “A gente se sente as estrelas principais de um grande número. É muito especial ver como aquilo que escrevemos pode despertar o gosto pelo aprendizado”,

diz Mary França, autora. “Quando entrei, as crianças estavam eufóricas. Apreciei com o mesmo carinho que tive pela minha obra tudo o que produziram a partir da leitura de meu livro. Foi uma troca rica e prazerosa”, diz França, o ilustrador.

O interesse das crianças pela escola não só aumenta como ajuda na alfabetização e melhora a nota. Uma pesquisa realizada pelo próprio instituto em parceria com pesquisadores do curso de Letras e Pedagogia das Faculdades Integradas da Cataguases mostra que o projeto acelerou a fluência na leitura e na escrita de crianças em processo de alfabetização. Segundo os professores das escolas beneficiadas, 95% dos alunos tiveram melhora na leitura e na escrita, 75% dizem ter tido mais facilidade para usar a tecnologia com as crianças para trabalhos posteriores e todos os entrevistados gostariam de repetir a experiência.

O projeto também repercutiu em melhora de rendimento em outras disciplinas, como geografia, mate-

mática e história. “A leitura passou a fazer sentido na vida das crianças, que aprenderam a respeitar os professores e a escola como um todo”, relata Andrea. Segundo ela, a maior lição para os professores é a de que despertar o interesse das crianças é fundamental para a educação: “Os professores passaram a aproximar o cotidiano dos alunos daquilo que desejam ensinar. Todos juntos, professores e alunos, se engajam na tarefa de aprender e ensinar”.



O contato com os escritores começa logo após a leitura dos livros e do blog do projeto; com a ajuda das professoras, as crianças releem trechos dos livros

O projeto tem sido para nós de suma importância.

Desperta nos alunos o gosto pela leitura e a cada dia vem sendo enriquecedor.

Conhecemos os

escritores, fazemos várias

atividades não só de leitura, mas

de artes também; sem contar a

interação com os alunos, que é

importantíssima. Estou feliz em

participar do projeto com

minhas turmas.

GENOVEVA SILVA MARTINS

Professora da Escola Estadual

Guído Marlière.



ESCREVENDO COM ESCRITOR

Instituições responsáveis

Instituto Francisca de Souza Peixoto e Companhia Industrial Cataguases

Responsáveis pelo projeto

Andrea Toledo

Abrangência geográfica

Cataguases (MG)

Público

950 crianças e 20 adolescentes no semestre. Total já atendido: 14.100 crianças e 700 adultos

Investimento

R\$ 30 mil para o primeiro semestre (Companhia Industrial Cataguases e Lei Rouanet, Ministério da Cultura)

www.escrevendocomescritor.blogspot.com.br

Registro das tradições locais

Ponto de Cultura promove formação em audiovisual e estimula moradores a usar as TICs para resgatar e preservar os saberes da comunidade

Perto da nascente do rio Jequitinhonha, o distrito de Milho Verde está cercado de cachoeiras que encantam os ecoturistas. Com 700 habitantes, faz parte do município de Serro, situado a mais ou menos 90 quilômetros de Diamantina - cidade mineira considerada Patrimônio Histórico da Humanidade. Mas a pequena localidade não se destaca apenas pela beleza natural e pela tradição histórica. É famosa também pela intensa atividade cultural, resultante, em grande parte, das ações do Ponto de Cultura Cordão Cultural por Milho Verde, criado pelo Instituto Milho Verde.

A história dessa organização não governamental está ligada a um encontro anual realizado no distrito desde o ano 2.000. Oficinas e atrações culturais gratuitas agitam a região

por uma semana, todos os meses de julho, atraindo um grande público externo. Na 13ª edição do evento, em 2012, a população chegou a triplicar, segundo estimativa de Bruno Campolina, 32 anos, coordenador do instituto. "Milho Verde é uma região carente economicamente, mas com rica história e cultura", afirma Campolina.

No final de 2004, os organizadores do evento quiseram construir uma sede que mantivesse permanentes atividades culturais. Assim nasceu o instituto, que desde então já atendeu 400 pessoas em diversificadas atividades de formação. Muitas realizadas com auxílio da internet do telecentro do distrito, mantido pela ONG Gemas da Terra (ver página 82).

Em outras máquinas, dentro da sala de leitura, é elaborado o Sempre-Viva Boletim Poético, boletim

Muita gente de Milho Verde queria divulgar seus textos, e agora temos uma publicação consistente para divulgar, depois, é claro, de muito trabalho. De tudo o que a gente semeou, a gente está colhendo os frutos.

VÍTOR KAWAKAMI

37 anos, monitor da oficina de textos.



Angela Choldovskis

coordenado pelo professor de português Vítor Kawakami, de 37 anos. A publicação divulga a produção artística da região, em grande parte fruto de oficinas de textos, que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação. Além dos moradores, turistas são convidados a participar do projeto. "Por aqui passam



Fotos Divulgação

Oficinas e atrações culturais gratuitas agitam a região por uma semana, todos os meses de julho, atraindo um grande público externo.



No final de 2004, com a ideia de construir uma sede que mantivesse permanentes atividades culturais, nasceu o instituto, que já atendeu 400 pessoas em diversificadas atividades.

poetas, cineastas, fotógrafos, gente que sempre tem algo a contribuir”, conta Kawakami. O próprio boletim é uma obra de arte. “A publicação muda de formato a cada número. O computador foi essencial para a gente evoluir a ideia, que surgiu antes do instituto”, conta Kawakami, que já criou desde edições de bolso até boletins em formatos de sacola de papel. Bem diferente do começo do Sempre-Viva, nascido nos encon-

a utilização do moinho d’água para beneficiar milho. Filmagem, roteiro, edição, arte do encarte, entre outros processos da produção, são de inteira responsabilidade dos integrantes do ponto de cultura. Os discos são distribuídos gratuitamente.

Outra ação feita pela equipe do audiovisual foi a gravação de um CD com o Mestre Ivo Silvério da Rocha, único conhecedor dos cantos vissungos da região. Os vissungos eram can-

mática e ordem dos cantos para cada situação. A equipe do audiovisual gravou o mestre contando e cantando esse ritual. O CD de áudio também é distribuído gratuitamente.

Em 2011, o primeiro DVD registrou a utilização do pilão para beneficiar o arroz, a produção de tijolo de adobe, a fabricação de vassourinhas de limpar fogão

tos anuais de Milho Verde à base de xerox preto e branco, que davam um ar de fanzine à publicação.

Além da escrita, o instituto cultural trabalha com vídeos que visam captar e preservar os saberes da região. Documentários são produzidos pelos próprios moradores. Em julho de 2011, foi gravado o primeiro DVD, que registra a utilização do pilão para beneficiar o arroz, a produção de tijolo de adobe (feito de terra, água, palha e fibras naturais), a fabricação de vassourinhas de limpar fogão a lenha e

tos entoados em situação de garimpo, em dialetos africanos. No século 18, Milho Verde foi um importante ponto de exploração de ouro e diamante. Até hoje é possível ver garimpeiros trabalhando nas imediações do distrito. No CD, gravado em junho de 2011, o mestre conta como era o ritual de enterro das pessoas que morriam na comunidade e chegavam carregadas em uma rede ou em um caixão bem simples para serem sepultadas em Milho Verde. No caminho eram entoados os vissungos, com uma siste-

PONTO DE CULTURA CORDÃO CULTURAL POR MILHO VERDE

Instituição responsável

Instituto Milho Verde

Responsáveis pelo projeto

Bruno Campolina
e Luiz Fernando Ferreira Leite

Parceiros

Prefeitura de Serro, Associação Cultural e Comunitária de Milho Verde, Associação Pró - Fundação Universitária do Vale do Jequitinhonha (FUNIVALE), Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF-MG), Associação de Artesãos Vale Circuito

Abrangência geográfica

Município de Serro

Público

Moradores da região e turistas

Investimento

O Instituto Cultural Milho Verde mantém a iniciativa por meio de editais e concursos. As despesas mensais giram em torno de R\$ 2 mil

www.institutomilhoverde.org.br/

Com vontade de saber

Idosos e jovens de olho no mercado de trabalho compõem o interessado público da rede de 43 telecentros instalados em locais públicos

No início de 2012, a revendedora de produtos de beleza cearense Maria de Fátima Freire, de 57 anos, deparou-se com um problema: os pedidos da marca para a qual trabalhava estavam começando a ser realizados via internet. E a dona de casa não sabia nem ligar o computador, embora tivesse um em casa. No segundo trimestre do ano, ela decidiu começar um curso de informática no Centro de Convivência do Idoso, em Maracanaú, na região metropolitana de Fortaleza (CE). O telecentro instalado na instituição faz parte do programa SeLiga!, mantido pelo Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social (Idear). “Senti muita liberdade quando comecei a aprender a mexer na internet. Agora não tenho que contar com a ajuda da minha filha”, diz.

O SeLiga! entrou em operação em 2007 no município de Maracanaú, em parceria com a prefeitura, com o intuito de implantar espaços públicos e comunitários de inclusão

digital. Além de oferecer o acesso ao mundo digital, o programa promove capacitações em informática e formação profissional. “Queremos tornar o centro em um agente de educação informal”, diz Claudio Pessoa Joventino, diretor executivo do instituto e responsável pelo projeto.

Hoje são 43 telecentros em atividade: 29 dentro de escolas (sendo uma indígena) e 14 fora em locais públicos como cadeia, biblioteca municipal ou organizações da sociedade civil. Além do SeLiga!, o Instituto Idear criou um espaço temático no município vizinho de Caucaia: o Telecentro do Trabalhador, localizado no Site Nacional de Empregos (Sine) de Caucaia. O foco é a formação para o mercado de trabalho. Até dezembro de 2012, outros 15 telecentros como esse estão previstos para serem abertos nos municípios cearenses de Icapauí, Pacoti, Pacatuba, Boa Viagem e Itatira.

O programa oferece aos participantes diferentes opções de itine-

Eu me sinto privilegiada por ensinar a idosos, que são pessoas que têm mais a ensinar do que a aprender. Pretendo continuar na área de ensino e sempre para pessoas com mais idade, pois são alunos atenciosos, curiosos e com vontade de aprender.



SUYANNE ALMEIDA

Monitora do Centro de Convivência do Idoso, em Maracanaú.

rários formativos, ou seja, conjuntos de módulos a seguir. Após a escolha, cada um tem autonomia para montar uma grade personalizada de oficinas de curta duração e cursos a distância gratuitos. Essa metodologia tem garantido maior permanência das pessoas nos telecentros. Há 12 oficinas que abordam temas como iniciação à informática, formatação de texto, iniciação à internet e arte gráfica digital. E nove cursos *online*, que tratam de assuntos como etiqueta empresarial, técnicas de estudo e planilha eletrônica.

Os telecentros utilizam o sistema operacional Linux e a principal ferramenta de aprendizagem é a plataforma Moodle, um *software* livre EAD que permite avaliações presenciais e semipresenciais. A gestão de horários e atividades dos telecentros fica por conta do Sistema de Gerenciamento de Telecentros (SGT), desenvolvido por uma equipe do Idear.

Para atender o público nas 43 unidades do SeLiga! Há 88 monitores, dos quais 49 são bolsistas do programa Telecentros.BR e 39 são estagiários. A formação dos monitores é



Fotos Divulgação

O sistema operacional é Linux e a principal ferramenta de aprendizagem é a plataforma Moodle, um *software* livre EAD que permite avaliações presenciais e semipresenciais.



Ao longo de um ano, o projeto beneficia em torno de dez mil pessoas – 30% são crianças e adolescentes, 40% são jovens entre 16 e 30 anos, 25% são adultos e 5% são idosos.

realizada em três fases: uma presencial, outra mais específica, junto aos supervisores de cada região, e uma formação continuada, acompanhada pelos educadores do Telecentros BR, de seis a 12 meses de duração.

Ao longo de um ano, o projeto beneficia em torno de dez mil pessoas – 30% são crianças e adolescentes,

Além das oficinas, o SeLiga! promove o curso presencial “Aprender a empreender”, em parceria com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A formação é direcionada para quem quer montar um próprio negócio ou precisa de ajuda para reformular o empreendimento. Desde 2008, foram capaci-

400 municípios dos estados do Ceará, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte. “Já capacitamos mais de 600 monitores de telecentros, em um curso a distância, com duração de seis a 12 meses”, conta Claudio Joventino. O Idear é uma das quatro Estações de Articulação Regional, da Fundação Banco do Brasil: dá apoio à coordenação do Programa Inclusão Digital, acompanhando aproximadamente 500 telecentros no Nordeste.

Cada um tem autonomia para montar a própria grade de oficinas de curta duração e cursos a distância gratuitos, o que garante permanência das pessoas no projeto.

40% são jovens entre 16 e 30 anos, 25% são adultos e 5% são idosos. A monitora Suyanne Almeida, de 21 anos, trabalha desde o começo de 2012 no Centro de Convivência do Idoso, em Maracanaú. Formada em informática e cursando licenciatura em Química, ela gosta do que faz: “Os idosos vão realmente para aprender, não ficam brincando na internet. E têm enorme progresso: alguns entraram sem saber mexer no mouse e hoje fazem pesquisas nos sites de busca”.

tadas mais de mil pessoas. O público empreendedor representa 3% do público geral do projeto.

Embora o SeLiga! atue exclusivamente em Maracanaú, o Instituto Idear tem abrangência maior: em parceria com o Ministério das Comunicações, foi escolhido o Polo Nordeste Setentrional da Rede Nacional de Formação para Inclusão Digital do Programa Telecentros.BR. Dessa forma, coordena a capacitação dos agentes de inclusão digital em

SELIGA!

Instituição responsável

Instituto para o Desenvolvimento Tecnológico e Social (Idear)

Responsáveis pelo projeto

Claudio Pessoa Joventino, diretor executivo do Idear

Parceiros

Prefeituras de Maracanaú e Caucaia, Ministério das Comunicações e Instituto HSBC Solidarietàde

Abrangência geográfica

Municípios de Maracanaú e Caucaia

Público

Mais de 30 mil, desde 2007

Investimento

R\$ 2 milhões aproximadamente, em 2011

www.idear.org.br

Uma escola mais interessante

Integrado à grade curricular, projeto se apoia em novas tecnologias para otimizar o aprendizado das disciplinas do ensino básico

Em festa, o Instituto Rogerio Steinberg (IRS) completa 15 anos em 2012. Nesse período, a instituição já ajudou a despertar talentos em centenas de crianças e jovens de comunidades pobres no Rio de Janeiro (RJ). O instituto comemora a data com mais uma importante conquista: após tantos anos atuando na inclusão social por meio do uso das novas tecnologias, deu um salto de qualidade em seu projeto. Dirigindo o foco para a interdisciplinaridade, adotou uma metodologia que atrela os conhecimentos de informática ao aprendizado das disciplinas curriculares.

Com essa proposta desenhada desde 2011, o IRS reformulou o antigo Talento Digital, que passou a se chamar Projeto de Informática Educativa. A ação integra o programa Despertando Talentos, que oferece atividades complementares em ins-

tituições públicas de ensino. A coordenadora Alda Santos conta que a mudança ocorreu porque era preciso avançar para além da capacitação técnica. O Talento Digital, diz ela, foi importante em um momento em que tanto alunos como professores não estavam familiarizados com a informática. Graças às aulas e à popularização dos equipamentos eletrônicos, essa dificuldade já não existe. Assim, o enfoque passa a ser a integração do laboratório de informática com as práticas em sala de aula.

Educadora do Instituto Rogerio Steinberg desde 2000, Christiane Luise Oliveira Rosenbaum, 40 anos, dá aulas em três escolas atendidas pelo instituto. Ela explica que é comum que os professores ou mesmo a diretoria sugiram assuntos para serem explorados nas aulas de informática: “As aulas são ligadas a algum tema. Pode ser uma questão de ambiente, uma data comemorati-

Trabalhamos com temas ligados ao projeto político-pedagógico da escola e ao que o professor está desenvolvendo. É ótimo porque o professor sabe



que eles não vão para a sala de informática brincar ou somente digitar um texto. Não é esse o objetivo. O professor consegue perceber que há uma ponte e um trabalho que está sendo integrado.

E os alunos mesmos se espantam com o conhecimento que eles não possuem. Às vezes eles até têm o programa em casa e dizem, ‘ah, eu não sabia fazer determinada coisa’.

OLIVEIRA ROSENBAUM

40 anos, educadora do Projeto de Informática Educativa do IRS



Fotos Divulgação

As atividades são agora realizadas nos laboratórios das escolas, onde geralmente há computadores, impressora, câmera digital, caixas de som, scanner e datashow.

va, uma visita ao Jardim Botânico”. A partir daí, os alunos põem a mão na massa – ou melhor, nos computadores – para elaborar os conteúdos. O primeiro passo é a pesquisa acerca do tema. Os resultados aparecem em seguida, com apresentações de slides, animações, vídeos. Durante o processo de criação, os estudantes aprendem a lidar com ferramentas de edição de textos, vídeos e imagens, programas de animação e apresentação gráfica. “Tudo de uma forma lúdica e educativa”, complementa Christiane.

O maior ganho da mudança de metodologia, ressalta Alda, foi que surgiram vários projetos interdisciplinares. “Toda a escola passou a participar do projeto”, acrescenta ela. As aulas do Informática Educa-

tiva fazem parte da grade curricular. Acontecem uma vez por semana, com uma hora de duração. Atualmente, seis escolas municipais recebem o projeto, que em 2010 atendia 11 instituições. Até hoje, cerca de 14 mil crianças do ensino fundamental foram beneficiadas.

O projeto – no início montado com equipamentos doados por empresas e pessoas físicas ligadas ao IRS – é agora realizado nos laboratórios das escolas, onde geralmente há computadores, impressora, câmera digital, caixas de som, scanner e datashow. Os programas são fornecidos pela 2ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do Rio de Janeiro, e podem ser livres ou não. A inclusão digital é apenas uma das frentes do programa Despertando Talentos, que atua também em outras instituições do Rio de Janeiro, com aulas de teatro, dança, artesanato e pintura em tecido.

Os alunos que se destacam no Despertando Talentos são indicados para a seleção do programa Desenvolvendo Talentos. Nesse programa passam por uma formação de dois a três anos, que acontece na sede do Instituto Rogerio Steinberg, com



Os alunos que se destacam são selecionados para uma formação com atividades de expressão corporal, teatro, artes plásticas e literárias, informática, empreendedorismo.

Logo de cara, já mostrou que era bem esperta: “Sempre peguei as coisas muito rápido. Eu terminava primeiro e ajudava os colegas”.

Foi por conta dessa facilidade que entrou para o Desenvolvendo Talentos. “Sinto que cada vez vou

Graças à popularização dos equipamentos eletrônicos, o enfoque do projeto passa a ser a integração do laboratório de informática com as práticas em sala de aula.

atividades de expressão corporal, teatro, artes plásticas e literárias, informática, empreendedorismo e orientação profissional. Desde 2001, 760 crianças e adolescentes passaram pelo programa.

Loren Regina Silva, 13 anos, é uma das beneficiadas. Moradora da comunidade da Rocinha, foi descoberta enquanto estudava na Escola Municipal Sérgio Vieira de Melo, há quatro anos e meio. Foi nas aulas de informática do IRS que teve seu primeiro contato com o computador.

me desenvolvendo mais, os professores notam e comentam isso”, conta, com orgulho. Pensando no futuro, faz planos de se tornar médica. “Cirurgiã”, pra ser mais exata. E, pelo desempenho até agora, tudo indica que vai realizar seu sonho. Para Alda Santos, auxiliar no sucesso de jovens como Loren é a maior gratificação. “É bonito ver que a maioria atribui seu sucesso profissional ao seu esforço, mas também à visão ampla que o instituto lhes deu”, conclui.

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Instituição responsável

Instituto Rogerio Steinberg

Responsáveis pelo projeto

Rosângela Cabral, gerente de Responsabilidade Social e Alda Maria Sousa Santos Coordenadora de Projetos:

Parceiros

Não há

Abrangência geográfica

Chacrinha e Turano (Tijuca), Chapéu Mangueira e Babilônia (Copacabana e Leme), Comunidades do Horto (Jardim Botânico), Cruzada São Sebastião (Leblon), Rocinha e Vidigal, Salgueiro

Público

Crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica entre oito e 12 anos (Despertando Talentos) e até 18 anos (Desenvolvendo Talentos)

www.irs.org.br

Renda e emprego à mão

Organização é parceira de grandes projetos do governo para formação profissional de jovens de baixa renda



Fotos Divulgação

A Oxigênio já formou cerca de 20 mil jovens para setores como construção civil, turismo e hospitalidade, petróleo e gás, administração, agroextrativismo e telemática.

Aos 19 anos, Robson Antônio Ferreira Júnior está feliz da vida. Depois de concluir, em dezembro de 2011, um curso de telemática oferecido pela Oxigênio Desenvolvimento de Políticas Públicas e Sociais, venceu um desafio. Compreendeu como funcionam os computadores, aprendeu o básico em manutenção de equipamentos e começou a prestar serviços de assistência técnica a vizinhos e amigos do bairro da Zona Leste de São Paulo, onde mora. Também faz planos para o futuro: “Sempre tive vontade de trabalhar com computadores, mas os cursos eram muito caros e eu não tinha como pagar. Meus próximos objetivos são conseguir um emprego e estudar muito para ganhar uma bolsa em uma faculdade e fazer um curso de Tecnologia da Informação”.

Robson é um dos cerca de 1,5 milhão de jovens atendidos em 2011 pelo programa Projovem Trabalha-

dor – Juventude Cidadã, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), desenvolvido por meio de parceria com organizações não governamentais de todo o país, entre as quais a Oxigênio. Direcionado a filhos de famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo, o Projovem prevê cursos de 350 horas, em que

“cursos profissionalizantes é diferenciado”. A meta é que cerca de 30% dos jovens – ou seja, cerca de 450 mil pessoas – estejam trabalhando no final do curso.

Os números de empregos aumentam quando calculados os formados nos cursos do Plano Setorial de Qualificação (PlanSeQ) – Próxi-

Além de recondicionar os equipamentos, o CRC oferece qualificação em manutenção de microcomputadores e em instalação e configuração de software livre.

pelo menos cem horas são destinadas à qualificação básica em temas como empreendedorismo, economia solidária, ética, cidadania e inclusão digital.

Maria Albaniza de Lima Santos, professora do Projovem, diz que aprendeu mais do que ensinou: “Trabalhar com jovens é muito interessante. O público que participa de

mo Passo, destinado aos beneficiários do Programa Bolsa Família e financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador, do MTE. Nesse programa, a Oxigênio já formou cerca de 20 mil jovens para setores como construção civil, turismo e hospitalidade, petróleo e gás, administração, agroextrativismo e telemática. Parte da carga horária é dedicada ao

estudo das tecnologias, incluindo o *software* livre ou plataformas Microsoft, uma das parceiras da instituição.

Martha Del Bello, presidente da Oxigênio desde 2011, considera as parcerias fundamentais: “O caminho é sempre de trabalho conjunto, para ajudar os jovens a construir seu futuro profissional, sua forma de pensar e agir no mundo e se tornar cidadãos”. Fundada em 1988, a Oxigênio apoia suas ações no tripé da cooperação feita pelas instituições públicas e empresas privadas, que cedem tecnologia, espaços para os cursos e oferecem vagas para os alunos concluintes.

Os principais recursos financeiros eram cedidos pelo governo, em especial o MTE, que em 2011 repassou para a organização cerca de R\$ 10 milhões, para a qualificação de 13 mil jovens. Em 2012, os convênios foram suspensos, a partir de uma decisão da Controladoria Geral da União (CGU), que determinou a interrupção de transferência de recursos do governo federal a 164 instituições, a Oxigênio esta entre essas, até que seja feita uma revisão de prestação de contas.

A medida não está afetando os projetos em andamento. Em fevereiro de 2012, a Oxigênio foi convidada a participar do programa Cis-

co Networking Academy, da Cisco Systems, de formação profissional na área de redes. A organização vai ministrar um curso de 70 horas, com conceitos básicos de tecnologias da informação, ênfase em *hardware* e sistemas operacionais, para adolescentes a partir de 13 anos.

O curso da Cisco System poderá dar suporte aos jovens que atuam no Centro de Recondicionamento de Computadores (CRC) Oxigênio, localizado no município de Guarulhos, na Grande São Paulo. A ação faz parte do Projeto Computadores para Inclusão (Projeto CI), da Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que entre 2008 a 2011 repassou R\$ 668 mil para o projeto.

Do CRC participam cerca de 80 jovens, de 16 a 24 anos, que vivem em Guarulhos. Além de recondicionar os equipamentos, o CRC oferece qualificação em manutenção de microcomputadores e em instalação e configuração de *software* livre. “As doações possibilitam a qualificação dos jovens, geração de emprego e renda, e colocam à disposição da sociedade mecanismos de inclusão digital para a população mais carente, além de possibilitar a desti-

nação correta ao lixo eletrônico”, diz Martha Del Bello. Os equipamentos recondicionados são entregues a telecentros comunitários, escolas públicas, bibliotecas e a centros de formação profissional de unidades prisionais de São Paulo.

Trabalhar com jovens é muito interessante, há uma grande troca. Os alunos têm uma motivação especial, pois querem uma oportunidade de emprego melhor. Na minha turma, por exemplo, havia donas de casa, cobradores de ônibus, pessoas que trabalham na construção civil. Todos tinham em comum o interesse em informática e queriam estar antenados com o mundo.

MARIA ALBANIZA DE LIMA SANTOS

Professora do Projovem, São Paulo (SP).

PROJOVEM TRABALHADOR – JUVENTUDE CIDADÃ, PLANSEQ – PRÓXIMO PASSO, CRC OXIGÊNIO

Instituição responsável

Oxigênio Desenvolvimento de Políticas Públicas e Sociais

Responsável pelo projeto

Martha Del Bello, presidente da Oxigênio

Parceiros

Ministério do Trabalho e Emprego (NTE), Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Microsoft, Cisco Systems, Banco do Brasil, estados e municípios com população a partir de 20 mil habitantes, organizações da sociedade civil, empresas empregadoras

Abrangência geográfica

Nacional

Público

Em 2012, a meta é chegar à capacitação de 1,5 milhão de jovens, entre 16 a 29 anos

Investimento

Não divulgado

www.oxigenio.org.br



As ações se apoiam no tripé da cooperação entre instituições públicas e empresas privadas, que cedem tecnologia, espaços para os cursos e contratam os alunos concluintes.

Da sambada de coco aos videogames

Ações de inclusão sociodigital e oficinas de audiovisual para resgatar, recriar e difundir a cultura africana

Você já deu uma umbigada em alguém? Pois saiba que existe uma dança em que um dos principais movimentos consiste em tocar com o ventre essa mesma parte do corpo do parceiro ou parceira. Quem tiver curiosidade para aprender um pouco mais sobre essa tradição pode ir até o bairro de Guadalupe, em Olinda, município da região metropolitana de Recife (PE). Todo primeiro sábado do mês, o terreiro da mãe Beth de Oxum organiza a sambada de coco com danças africanas. Cerca de duas mil pessoas comparecem aos encontros, que celebram a cultura trazida pelos escravos. Parte da dança é puxada pela voz da própria Beth, vocalista do grupo de música Coco de Umbigada, conhecido pela percussão e por trabalhar pela disseminação da cultura negra.

Mas Beth sabe que, hoje, eventos e turnês, apenas, não bastam. É preciso

também fazer um trabalho consistente de inclusão digital para preservar a riqueza e os saberes do terreiro. Foi assim que surgiu, em 2004, o Ponto de Cultura Coco de Umbigada, que agrega um telecentro, um cineclube, uma rádio e uma produtora de vídeo.

à internet, o telecentro abriga oficinas para todos os gostos no que se refere à cultura negra. As formações vão desde técnicas para tirar sons dos tambores até capacitações em vídeos por *streaming* (fluxo contínuo de mídia transmitido por internet). Outra

As oficinas são para todos os gostos no que se refere à cultura negra: de técnicas para tirar sons dos tambores até capacitações em vídeos por streaming.

O ponto faz parte da Rede Mocambos, organização não governamental que integra comunidades quilombolas rurais e urbanas de todo o Brasil (ver página - 26).

No telecentro, parte do equipamento foi cedido pelo Ministério da Cultura (MinC), enquanto o ministério das Comunicações forneceu a conexão Gesac. Além do acesso livre

opção é a oficina de jogos eletrônicos, que desenvolve *softwares* interativos com temática do candomblé.

O primeiro *game* já está pronto: Contos de Ifá, disponível gratuitamente no endereço <http://contosdeifa.3ecologias.net>. “É um jogo sem violência, sem apologia a crime nenhum”, descreve Beth. O jogo conta a história de Exu, durante um



Fotos Divulgação

O espaço tem o apoio do CRC de Recife para fazer a manutenção das máquinas, onde rodam apenas softwares livres.



Outra opção de formação é a oficina de jogos eletrônicos, que desenvolve softwares interativos com temática do candomblé.

período em que os deuses estavam decepcionados com os humanos, que ofereciam pouca comida. O orixá precisa coletar 16 cocos de palmeiras jogados por macacos. Os comandos são simples, usam apenas quatro botões do teclado. De maneira didática e interativa, o jogo explica a história das entidades afrorreligiosas. Yamanjá é uma das personagens do primeiro capítulo dessa história – que promete novos lançamentos, em breve. Ricardo Ruiz, coordenador da oficina, conta que a ideia do jogo já vai quase pronta para os alunos desenvolverem. “Seria muito trabalho partir do zero. Os alunos se ocupam dos contornos finais do produto, que é uma das etapas mais importantes do processo”, descreve o coordenador.

Ruiz, 35 anos, trabalhou na década de 1990 na Brasoft, desenvolvedora e distribuidora de jogos fundada nos anos 1880, que encerrou suas atividades em 2004. Ligado na questão educacional, ele espera que os alunos possam ir além das tarefas propostas no curso: “O Coco de Umbigada tem uma ideia muito legal de apropriação da tecnologia. As pessoas podem fazer o que bem entendem com o que aprendem”.

A oficina é ministrada no telecentro. O espaço tem o apoio do Centro Marista de Recondicionamento de

Computadores para manter as máquinas em bom estado e atualizadas, na medida do possível. Segundo Beth, além dos participantes das oficinas, no mínimo 20 pessoas por dia passam pelo local. “Tem um pessoal interessante de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que vem aqui. É gente que foi muito excluída socialmente e agora está passando por um processo de alfabetização digital”, descreve Beth. Ela acredita que “a tecnologia é um meio para rodar a chave da sociedade”. Tecnologia, diga-se, feita a partir de *software* livre, em todas as atividades do Coco de Umbigada.

Beth está se empenhando em ampliar a atuação do ponto de cultura em relação à música. Ela se diz espantada por não haver nenhuma rádio em seu estado que toque maracatu, o ritmo típico de Pernambuco. Para suprir essa carência, o Coco de Umbigada tem uma rádio livre chamada Amnésia. A programação é recheada de ritmos e músicas tradicionais da região. Os estúdios também já gravaram mais de uma dezena de discos de artistas nordestinos de matriz africana. Entre eles, é claro, está a banda Coco de Umbigada, liderada por Beth e atual principal fonte de recursos do projeto, que tem custo mensal de manutenção de aproximadamente R\$ 2 mil.

O Coco de Umbigada tem uma ideia muito legal de apropriação da tecnologia. As pessoas podem fazer o que bem entendem com o que aprendem.



RICARDO RUIZ

Coordenador da oficina de jogos.

CENTRO CULTURAL COCO DE UMBIGADA

Instituição responsável

Ponto de Cultura Coco de Umbigada

Responsável pelo projeto

Mãe Beth de Oxum, coordenadora do centro cultural

Parceiros

Centro Marista de Recondicionamento de Computadores, Escola Municipal Maria da Glória Advíncula, ministérios das Comunicações e da Cultura, Prefeitura de Olinda, Rede Mocambos, Terreiro Ilê Axé Oyá Togum

Abrangência geográfica

Comunidade de Guadalupe

Público

Variável conforme as oficinas e eventos; mínimo de 20 pessoas nos telecentros e máximo de duas mil em encontro mensal

Investimento

Variável conforme repasses de editais

<http://sambadecoco.blogspot.com>

Usina de conhecimento

Maior parque tecnológico do país investe na acessibilidade digital, tratamento de resíduos eletrônicos e inclusão de jovens no mercado de trabalho



Maira Gamaira

O Porto abriga três incubadoras, uma aceleradora de empreendimentos e a sede do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar).

É na região histórica da capital pernambucana, o Bairro de Recife, que há 12 anos está ancorado o Porto Digital, o maior parque tecnológico brasileiro. Uma usina para geração de conhecimento e renda, agrega 200 empresas e 2.500 pessoas que desenvolvem tecnologias para informação e comunicação (TICs) e para a economia criativa, como *games*, produtos multimídia e *design*. O Porto ainda abriga três incubadoras, uma aceleradora de empreendimentos (prevista para entrar em operação em 2013) e a sede do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar), que atua nas áreas de educação, engenharia e empreendedorismo. “É um polo de desenvolvimento que nasceu de uma articulação das três esferas: governo, mercado e academia”, conta Francisco Saboya, diretor presidente do parque.

Nesse ambiente de inovação, o Porto Digital tem um programa consistente de Responsabilidade Social Empresarial, que se apoia em três grandes pilares. No primeiro eixo, promove, entre as empresas que hospeda, ações que visam o uso e descarte ambientalmente correto de equipamentos eletroeletrônicos. Em 2010, foi inaugurado o ItGreen - Centro de Gestão de Resíduos Eletroeletrônicos, que não só estuda boas práticas de compras, uso e descarte, como também dissemina a consciência de sustentabilidade ambiental.

O parque também estimula a comunidade de empresários a desenvolver tecnologias voltadas para portadores de deficiência auditiva e visual. “Temos uma iniciativa de formação de especialistas, programadores e desenvolvedores de aplicativos com funcionalidade as-

sistiva, pois não basta a vontade de fazer algo, é importante saber fazer”, explica Saboya. Um exemplo bem-sucedido é o FoneFácil, projetado pela Brava Autonomia, empresa composta por quatro outras empresas do Porto Digital. É um aparelho celular para surdos, com um sistema que reconhece voz e a transforma em mensagem de texto e vice-versa. O dispositivo foi apresentado para o governo de Pernambuco, para que financie o projeto piloto de campo com 600 surdos que testarão o aparelho durante dois anos. “No Porto Digital há uma conjunção de forças: a expertise de professores universitários qualificados e parceiros para elaborar projetos”, diz Alcides Pires, da Mídiavox, uma das quatro empresas da Brava.

Instalado em uma área de baixo Índice de Desenvolvimento Humano, o Porto Digital investe também

na qualificação de jovens para a inclusão e inserção no mercado de TICs. Em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Softex Recife, mantém um Centro Vocacional Tecnológico (CVT) onde são realizadas diversas atividades, algumas em parceria com outras instituições, como o projeto Jovens Mulheres em Ação, em parceria com a Academia para o Desenvolvimento da Educação. De fevereiro a junho de 2012, 60 mulheres carentes, com idades entre 15 e 24 anos, receberam formação em conteúdos como informática, empregabilidade, literatura financeira, redes de contatos e perspectivas de gênero.

As participantes eram moradoras de comunidades da região metropolitana de Recife e tinham renda de até meio salário mínimo por integrante de família. “Além das instalações de altíssima qualidade do CVT, o Núcleo de Gestão do Porto Digital (NGPD) promove palestras para as jovens”, conta Cyro Morais, diretor executivo da ADE. O programa, que também foi realizado em outros lugares, foi um dos três projetos se-

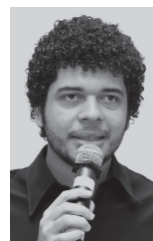
leccionados na América Latina como modelo de empoderamento econômico da Fundação Nike.

Fernando Henrique de Melo Gonçalves, de 24 anos, mora na Comunidade do Pilar e fez um curso de informática em 2006, durante um ano e meio. Quando terminou, foi convidado a ser monitor de um curso de *artdesign*, deu suporte técnico dentro do Porto Digital, foi contratado como estagiário e, no primeiro semestre de 2012, assumiu a gerência da área de informática do NGPD. “Aquele primeiro curso, além de me dar uma base boa para o que eu faço hoje, me fez pensar no futuro”, diz ele, que hoje estuda Engenharia das Telecomunicações.

As ações de treinamento e capacitação também são voltadas para profissionais do parque e estudantes de ensino técnico e superior. No Programa de Formação de Capital Humano do Porto Digital são oferecidos cursos gratuitos de capacitação profissional em linguagem de programação, *design* e multimídia, inglês, tecnologias web, empreendedorismo, entre outros. A meta é

capacitar seis mil pessoas entre 2011 e 2014. “Havia uma demanda muito grande de mão de obra, que as universidades não conseguiam suprir. E os próprios profissionais que trabalhavam dentro do Porto Digital também precisavam ser capacitados”, relata Daniel Fernandes, professor de gerenciamento de projetos, que prepara alunos para obter a certificação internacional do Project Management Institute (PMI). “Estamos transformando o cenário profissional da região”, avalia.

Tive um aprendizado muito grande ao trabalhar com jovens mulheres de baixa renda – mudou meus paradigmas. Elas se apropriam dos conhecimentos rapidamente, conseguem enxergar que suas próprias experiências são válidas e fazem mudanças concretas nas suas vidas.



CYRO MORAIS

30 anos, jornalista, coordenador do projeto Jovens Mulheres em Ação.

Maira Gamarra



O parque também estimula a comunidade de empresários a desenvolver tecnologias voltadas para portadores de deficiência auditiva e visual.

PORTO DIGITAL

Instituição responsável

Porto Digital

Responsável pelo projeto

Francisco Saboya, presidente

Parceiros

Softex Recife, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Abrangência geográfica

Pernambuco

Público

Comunidade do Pilar, no Bairro de Recife, portadores de deficiências visuais e auditivas

Investimento

R\$ 2 milhões de 2002 a 2012

www.portodigital.org.br

A periferia entra no mapa

Aplicativos e ferramentas de georreferenciamento favorecem inclusão de jovens e comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro e de São Paulo

Adivinhe o que é: antes um grande espaço cinza na tela do computador; agora, uma tela cheia de pontos coloridos, que fazem toda a diferença em comunidades da periferia. Quem disse Wikimapas acertou! O projeto, realizado pelo Programa Rede Jovem, com sede no Rio de Janeiro, é pioneiro no mapeamento virtual georreferenciado e colaborativo no Brasil. Desde 2009 transforma a cartografia carioca, revelando locais de interesse de comunidades de baixa renda, como ruas, becos e vielas, além de pontos comerciais e ativos desses locais, invisíveis na rede até hoje. E a previsão é de mais fôlego a partir de novembro, com chegada a São Paulo, depois Nordeste. Há expectativas até de alcance internacional.

Até o primeiro semestre de 2012 o mapa virtual colaborativo era construído apenas com dados en-

viados por internet ou via celulares 3G com GPS, fornecidos pela Telefônica/Vivo. A grande novidade, que promete estimular a plataforma, é a utilização de um aplicativo para celulares com sistema operacional Android. O desenvolvimento da ferramenta foi feito em parceria com o Grupo Mowa, empresa especializada em soluções *mobile*, também responsável por criar a seguir um aplicativo para iPhone. "Isso significa uma grande ampliação no número de colaboradores, por possibilitar o acesso de novos usuários ao Wikimapa, pois o Android é o sistema operacional comportado por grande parte dos *smartphones* mais populares do país", analisa Patrícia Azevedo, coordenadora estratégica da Rede Jovem.

A utilização de outros sistemas operacionais e funcionalidades deve reforçar a estratégia de divulgação do

Wikimapa em escala nacional e internacional. "Mais pessoas poderão participar voluntariamente do projeto e o sistema ganhará escala sozinho, sem demandar tanto tempo para a mobilização da comunidade", diz Patrícia. Para impulsionar esse trabalho, o projeto ganha outro aliado em 2012: investimento e assessoria da Wayra, aceleradora de novos negócios.

As alternativas tecnológicas já serão usadas na nova fase do projeto, que chega a cinco comunidades do Rio e a uma de São Paulo no segundo semestre de 2012. A primeira fase do projeto, iniciada em 2009, mapeou as comunidades do Complexo do Alemão, Pavão-Pavãozinho, Penha e Santa Marta, todas no Rio. O trabalho prosseguirá nas comunidades do Complexo da Maré e Cidade de Deus, ainda não totalmente cobertas, e chega à Rocinha e à Mangueira. O primeiro



Fotos Divulgação

O repórter esclarece para o responsável pelo estabelecimento que os dados ficarão disponíveis no site do projeto e cola um adesivo na parede, identificando que o local já foi mapeado.

lugar da Baixada Fluminense a ser mapeado será São João de Meriti. Em São Paulo, o projeto começa pelo Parque Santo Antônio, em Capão Redondo, zona Sul da cidade.

Em cada nova área, atuarão um coordenador local e dez wiki-repórteres, jovens que fazem a mobilização do local e que saem a campo, com celular na mão, para identificar e colher dados sobre os locais e caminhos para o mapa georreferenciado. Os gestores do projeto pretendem começar 2013 com 67 repórteres colaborativos, remunerados com uma bolsa de R\$ 300 por quatro horas de trabalho.

Saulo Augusto, morador do Complexo do Alemão, explica sua tarefa diária: “A gente procura o comer-



Os gestores do projeto pretendem começar 2013 com 67 repórteres colaborativos, remunerados com uma bolsa de R\$ 300 por quatro horas de trabalho.

ciante do Wikimaps não se avalia por números. O maior ganho está no fortalecimento da autoestima tanto dos colaboradores e dos wiki-repórteres quanto dos comerciantes e da comunidade. “Não se

O projeto revela locais de interesse de comunidades de baixa renda, como ruas, becos e vielas, além de pontos comerciais e ativos desses locais, invisíveis na rede até hoje.

ciante, fala do projeto e pede que ele conte um pouco sobre o local, o que faz, se aceita cartão, o horário de funcionamento. Com o celular, coloca nome, endereço, que tipo de estabelecimento é e uma fotografia. Também dá pra fazer vídeo e anexar links. Se ele não quiser, a gente explica de novo”. Os dados ficam disponíveis online automaticamente e o GPS identifica o local no mapa. O repórter esclarece para o responsável pelo estabelecimento que os dados ficarão disponíveis no site do projeto e cola um adesivo na parede, identificando que o local já foi mapeado. “Assim, pessoas de outras cidades, do mundo todo podem ir à nossa comunidade”, orgulha-se Saulo.

Até o primeiro semestre de 2012, o projeto contabilizava duas mil pessoas cadastradas para realizar o mapeamento e cinco mil pontos referenciados. Mas tanto Patrícia quanto Saulo destacam que o maior

resultado do Wikimaps não se trata apenas de fazer mapeamento e sim de se sentir incluído, pois as comunidades pobres não estão no mapa”, diz Patrícia. Ela cita o caso de uma wiki-repórter, do morro Santa Marta, que, envergonhada, dizia morar em Botafogo. A partir da experiência com o Wikimapa, ela resgatou o valor de sua origem.

A nova cartografia está servindo como instrumento de medição do desenvolvimento da cidade do Rio e tem potencial para ser utilizada na elaboração de políticas públicas. “No Rio de Janeiro, quando se fala de favelas, encontram-se apenas os mapas da violência, do tráfico e do crime, que afastam as pessoas da região. O Wikimapa destaca os potenciais humanos, de crescimento e de desenvolvimento, pois acaba atraindo investimentos sociais e econômicos a partir da identificação de potenciais nessas regiões”, avalia Patrícia.

WIKIMAPA - LOCALIZAÇÃO AO ALCANCE DE TODOS

Instituição responsável

Programa Rede Jovem

Responsável pelo projeto

Patrícia Azevedo, coordenadora estratégica do Programa Rede Jovem

Parceiros

Fundação Telefônica; Grupo Mowa; Aceleradora Wayra; Central Única de Favelas (Cufa)

Abrangência geográfica

Rio de Janeiro e São Paulo

Público

Moradores dos Complexos do Alemão e da Maré, Cidade de Deus, dos morros da Penha, Pavão-Pavãozinho, Santa Marta, Rocinha e Mangueira, todos no Rio de Janeiro, São João de Meriti, na Baixada Fluminense, e Capão Redondo, em São Paulo. Público de todas as idades, com foco na juventude de baixa renda

Investimento

Em 2012, R\$ 500 mil/ano da Fundação Telefônica e R\$ 100 mil da aceleradora Wayra, para manutenção do pessoal e estrutura de escritório

www.wikimapa.org.br
www.redejovem.org.br

Renovar para prosperar

Organização e formação de jovens e recondicionamento de máquinas em favor do desenvolvimento regional

Assim começou um sonho de levar inclusão digital e social para regiões do Centro-Oeste desprovidas de acesso a tecnologias: “Em uma sala com cinco computadores, doados por uma empresa de telefonia, a gente oferecia cursos básicos de informática na cidade de Valparaíso de Goiás”, conta Vilmar Simion, coordenador geral da organização não governamental (ONG) Programando o Futuro. Esse sonho se tornou realidade e já dura 12 anos. Nesse tempo, vários projetos foram idealizados e implantados pela ONG, em parceria com diversas instituições como Fundação Banco do Brasil (FBB), Ministério das Comunicações, Ministério do Planejamento, Instituto Cooperforte, Instituto Rede Terra, Western Union, entre outras.

Uma das primeiras iniciativas, que hoje ainda representa uma importante frente de ação da Programando o Futuro é a parceria com a FBB no projeto Estações Digitais. As Estações são espaços de inclusão sociodigital que não apenas oferecem acesso à internet para a população, mas promovem formação de educadores sociais nas comunidades. A Programando faz essa formação e o acompanhamento técnico e pedagógico das Estações por uma central de atendimento e pelas redes sociais. Foram capacitados mil educadores sociais desde 2004.

Também em parceria com a FBB, a Programando faz a coordenação direta da Estação de Metarreciclagem Samambaia, no Distrito Federal, uma das quatro unidades desse tipo mantidas pela fundação. Allan Santos

A experiência de ser professor está sendo maravilhosa. Os alunos trazem ideias muito ricas para a sala de aula. Não é só informática. É uma convivência.



ALLAN DOS SANTOS GONÇALVES
17 anos, monitor da Estação de Metarreciclagem.

Gonçalves é professor de informática na Samambaia. Ele ensina jovens da comunidade a consertar computadores explicando detalhadamente para que serve cada peça, montando e desmontando equipamentos. Seguro na condução das aulas, nem parece que até o ano passado esse jovem de 17 anos tinha receio de ligar um PC. “Era medo de estragar alguma coi-



Fotos: Divulgação

A organização faz a coordenação direta da Estação de Metarreciclagem Samambaia, uma das quatro unidades desse tipo mantidas pela Fundação Banco do Brasil.



Desde 2004, a Programando capacitou cerca de mil educadores sociais e fez o acompanhamento técnico e pedagógico das Estações Digitais.

sa”, conta. Foi também na Estação de Metarreciclagem Samambaia que Allan aprendeu o que sabe.

A Estação de metarreciclagem tem quatro objetivos: capacitar jovens da comunidade por meio de oficinas temáticas de formação técnica; recondicionar computadores doados por pessoas físicas e jurídicas; doar esses computadores a iniciativas de inclusão digital, como escolas, telecentros, creches, bibliotecas públicas, entre outras; e realizar campanhas e atividades de educação ambiental, promovendo a conscientização do descarte correto de lixo eletrônico.

Desde junho de 2011, quando a Estação foi implementada, já foram capacitados cerca de 600 jovens nos cursos de Montagem e Configuração de Computadores, Informática Básica, Eletrônica de Reparos e Edição de Vídeo. Aproximadamente mil computadores foram reconicionados, por 60 alunos bolsistas – os que têm melhor desempenho na oficina de montagem e configuração de computadores recebem um auxílio de R\$ 250 mensais. Mas a capacidade operacional permite recondicionar até quatro mil computadores e ca-

pacitar mil alunos por ano.

A Programando o Futuro também foi selecionada pelo governo federal para coordenar o Polo Centro-Oeste da Rede Nacional de Formação do Telecentros.BR. Essa formação, realizada em etapas presenciais e a distância, prepara os monitores dos telecentros. No Polo Centro-Oeste, são 494 educadores que atuam em 280 telecentros localizados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás, e regiões do Triângulo Mineiro e Noroeste de Minas Gerais, além do Distrito Federal. “Eu já desenvolvia atividades sociais junto a comunidade da Cavalcante. Ser educadora me proporcionou estar mais próxima ainda da minha comunidade, desenvolver projetos e levar conhecimento às pessoas”, diz a educadora Faustina da Cunha.

Mas jovens como Faustina não se restringem apenas a ministrar aulas de informática. “Eles também são estimulados a desenvolver projetos comunitários que beneficiam a comunidade onde eles atuam”, explica Silvana Lemos, coordenadora pedagógica do Polo Centro-Oeste e da Programando o Futuro.

ESTAÇÕES DIGITAIS, ESTAÇÃO DE METARRECICLAGEM DE SAMAMBAIA, POLO CENTRO-OESTE DO PROGRAMA TELECENTROS.BR

Instituição responsável

Programando o Futuro

Responsável pelo projeto

Vilmar Simion, coordenador

Parceiros

Fundação Banco do Brasil, Instituto Cooperforte, ministérios da Ciência e Tecnologia, do Planejamento, das Comunicações, Rede Terra, RTS, Western Union

Abrangência geográfica

Maioria dos cursos voltados para o público municipal; capacitação de telecentros e oficinas de reciclagem/recondicionamento de computadores têm abrangência nacional

Público

Dez mil pessoas, desde a criação da ONG

Investimento

Em torno de R\$ 100 mensais

www.programandoofuturo.org.br

A floresta conectada

Tecnologia aproxima comunidades isoladas na Amazônia, promove desenvolvimento local e valoriza identidade cultural

Você conhece paneiro, tucupi, tipiti, taperebá, bacaba? Essas palavras representam apenas alguns dos muitos saberes e sabores que fazem parte do rico repertório cultural das comunidades tradicionais da Amazônia. Antes conhecidos apenas na vida cotidiana entre o rio e a floresta, agora também podem estar disponíveis para o mundo, em um vídeo feito com *smartphone* ou em um *blog* das comunidades ribeirinhas dos rios Tapajós, Amazonas e Arapiuns. Essas são as populações atendidas pelo Projeto Saúde & Alegria (PSA), nos municípios de Santarém, Juruti e Belterra, Oeste do Pará.

O PSA é um organização não governamental que atua na Amazônia desde 1987. O que começou como um pequeno e ousado projeto de saúde, educação e prevenção em 16 localidades nunca antes visitadas

por um médico, hoje vem se consolidando em uma proposta de desenvolvimento comunitário integrado que gera benefícios a cerca de 30 mil pessoas. Além da saúde, há programas na área de organização social, desenvolvimento territorial, ambiente e geração de renda, direitos das crianças e adolescentes; educação, cultura e comunicação.

No campo da educação, cultura e comunicação, o projeto trabalha com uma rede de comunicação popular que existe há mais de dez anos e vem ganhando força com a chegada das tecnologias digitais e da internet. Antes, os principais meios de transmissão da Rede Mocaronga eram o rádio amador e os barcos de linha que levavam jornais comunitários e reportagens de rádio, de uma comunidade para outra. Em parceria com o Programa Telecentros BR, hoje a Rede Mocaronga tem 12 telecentros com

acesso à internet no meio da floresta, onde os jovens podem documentar e divulgar suas realidades e ter acesso a informações que podem ser úteis no seu desenvolvimento pessoal e de suas comunidades.

Nos telecentros, que atendem cerca de 13 mil pessoas, acontecem cursos de informática básica e acesso livre de usuários à internet. Empreendedores locais usam as máquinas para divulgar seus trabalhos, como artesanatos, produtos da floresta e roteiros de ecoturismo. Professores e alunos fazem pesquisas e formação continuada.

Desde 2010, por meio da parceria com a Vivo | Telefônica, um aporte tecnológico veio expandir essa experiência. Com a chegada de uma antena 3G a Belterra e outra a Surucá, as comunidades receberam sinal de telefonia celular e internet 3G. É o Projeto Conexão Amazônica, que



Fotos Divulgação

A proposta é intensificar a documentação e a difusão das expressões culturais amazônicas em rádios, jornais, blogs e núcleos de produção audiovisual.

também fez a doação de celulares *smartphones* de última geração para lideranças e agentes comunitários de saúde. Os equipamentos facilitam o atendimento a demandas, como casos de emergências médicas. No barco hospital Abaré, projeto também idealizado pelo Saúde & Alegria, que atende cerca de 70 comunidades da região, os profissionais da saúde estão conectados e podem ser acionados.

Outros 20 grupos experimentais de cultura digital receberam, além dos celulares, um *kit* com computador e sistema de energia solar fotovoltaica, para edição de materiais audiovisuais. “Cerca de 460 adolescentes e jovens estão participando de oficinas para uso desses dispositivos na produção de fotos, vídeos e sua publicação na internet, o que vem elevando consideravelmente a presença das comunidades e seus conteúdos na rede”, conta Paulo Lima, coordenador de inclusão digital do PSA.

Para a jovem Ingrid Natália, da localidade de Anã, “as oficinas de vídeo com celular influenciaram muito a vida dos jovens da comunidade, porque antes não tinham muita ocupação, e os jovens ficavam em

comunidade de Vila Franca, às margens do Tapajós, compartilharam essas experiências de cultura digital. A Teia Cabocla acontece todos os anos e agrega as iniciativas de educação e inclusão digital do Saúde & Alegria. No evento, após avaliar as ações da rede, os jovens planejaram coletivamente as estratégias de continuidade. A proposta é intensificar a documentação e a difusão das expressões culturais amazônicas em rádios, jornais, *blogs* e núcleos de produção audiovisual da Rede Mocoronga.

A juventude das comunidades vivencia um processo de transição cultural importante. Ainda mantém laços com a cultura tradicional, mas ao mesmo tempo precisa interagir com o mundo moderno. “Acreditamos que é possível desenvolver um processo de mediação sociocultural que empodere os jovens com o uso da tecnologia para que sejam eles próprios os documentadores e difusores da cultura local, formando uma nova geração antenada ao mundo, que desenvolve seus potenciais ao mesmo tempo em que valoriza sua identidade cultural”, afirma Fábio Pena, da coordenação de educação do PSA.

No barco hospital Abaré, que atende cerca de 70 comunidades da região, os profissionais da saúde estão conectados e podem ser acionados.

grupos só na bebedeira. Isso preocupava as famílias. Com a chegada do projeto, começaram a se envolver, porque tiveram outras oportunidades de aprender. Hoje, claro que ainda tem o problema do alcoolismo, mas com a influência das oficinas, diminuiu bastante. Nosso grupo era pequeno e hoje nós já temos mais 22 jovens que se reúnem para participar da Rede Mocoronga”, comemora.

Durante o 11º Encontro da Teia Cabocla, em setembro de 2012, 175 jovens e lideranças reunidos na co-

No encontro da Teia Cabocla, uma mostra das produções de cultura digital da Rede Mocoronga teve um momento especial. Foi a entrega do Troféu Mocoroscar, criado para valorizar os talentos revelados durante as oficinas nas comunidades. Debaixo de um barracão cercado pela floresta, em clima de festa, desfilam produtores, cinegrafistas, editores e atores protagonistas, pessoas das próprias comunidades. Na tela são exibidos vídeos como Um Gole de Consciência, produzido na

comunidade de Boim, alertando os jovens sobre os riscos do alcoolismo, ou Resgatando Nossos Direitos, feito na comunidade de Parauá. Esses e outras dezenas de vídeos podem ser assistidos no YouTube: www.youtube.com/saudeealegria.

Quando meus pais nasceram não havia nada disso, mas hoje nós podemos ter acesso a esse conhecimento. É sempre bom lembrar do passado para entender o presente e pensar no futuro. Nós podemos participar deste mundo moderno estando aqui nesta linda Amazônia. Podemos divulgar nossa cultura, nossa tradição, mostrar nossas dificuldades, mas também as nossas capacidades.

BENEZILDO COSTA

Monitor do telecentro da comunidade de São Pedro, no Rio Arapiuns.

CONEXÃO AMAZÔNICA

Instituições responsáveis

Projeto Saúde & Alegria, Fundação Telefônica | VIVO

Responsáveis pelo projeto

Paulo Lima, coordenador de ID do Saúde e Alegria; Fábio Pena, coordenador de cultura e comunicação

Parceiros

Programa Telecentros BR, Prefeitura de Santarém – Secretaria Municipal de Educação, Projeto Puraquê

Abrangência geográfica

Comunidades ribeirinhas nos municípios de Santarém, Belterra e Juriiti, no Oeste do Pará

Público

Direto: 1.258 participantes diretos de eventos de formação, indireto: 13 mil pessoas entre moradores das comunidades, lideranças, professores, jovens e estudantes

Investimento

Em 2011 e 2012, R\$ 998 mil - não inclui infraestrutura dos telecentros e torres de transmissão 3G

www.saudeealegria.org.br
www.redemocoronga.org.br

Foco nas pequenas comunidades

Projeto pioneiro na área rural, que leva inclusão digital para comunidades de até 2.500 habitantes, sofre com falta de recursos



Divulgação

A ONG Gemas da Terra se mantém hoje por meio de recursos de fundações e doadores privados, dentro e fora do Brasil.

Dificuldade. Essa é a palavra usada pelos gestores da organização não governamental (ONG) Gemas da Terra para descrever a situação do projeto de inclusão digital, que começou – e não conseguiu ir além disso – com cinco telecentros para pequenas comunidades rurais no interior de Minas Gerais. A iniciativa, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), outrora tinha planos de expansão até para fora

nharia de computadores e pesquisador da Nasa (agência espacial estadunidense) Marco Figueiredo viveu por quase dois anos em uma comunidade rural na região mineira do Vale do Jequitinhonha, uma das mais pobres do Brasil. “Quando vi que eles tinham uma sala de computadores e não tinham internet, percebi que o melhor estava faltando”, conta Figueiredo. Decidido a se dedicar, ele iniciou o projeto de telecentros rurais, que veio a se chamar Rede Gemas da Terra.

As unidades estão em funcionamento parcial, com equipamentos necessitando de atualização e monitores voluntários – enquanto aguardam máquinas novas e conexão do programa Telecentros.BR.

do país. Hoje as unidades estão em funcionamento parcial, com equipamentos necessitando de atualização e monitores voluntários – enquanto aguardam máquinas novas e conexão do programa Telecentros.BR.

A Gemas da Terra foi criada em 2003, depois que o mestre em enge-

Cinco telecentros foram inaugurados em Tombadouro (distrito da cidade de Datas), Conselheiro Mata (Diamantina), Rodeador, São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde (ambos de Serro) – este último hoje serve de apoio para as atividades do Cordão Cultural por Milho Verde (ver página

64). No começo, a ONG teve parceria da Associação Pró-Fundação Universitária do Vale do Jequitinhonha (Funivale), que incubou o projeto, e do Gesac, para conexões. Além do acesso à internet, havia cursos a distância, como o que fez Eva Maria Pinto, de 30 anos. Ela se formou em pedagogia no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran) e atualmente faz pós-graduação. “Sem os computadores do telecentro, não seria possível estudar em uma universidade.

“Não há nenhuma por perto”, diz ela. Eva hoje é monitora voluntária do telecentro de Tombadouro, onde apenas dois computadores funcionam. “Estamos esperando o Telecentros.BR, mas está difícil”, informa Amilton Pinheiro, presidente da Gemas da Terra. A ONG se mantém hoje por meio de recursos de fundações e doadores privados dentro e fora do Brasil. Segundo Mauro Câmara, diretor executivo do Gemas, o projeto está em compasso de espera e em busca de vias alternativas de financiamento.

REDE GEMAS DA TERRA DE TELECENTROS RURAIS

Instituição responsável

Gemas da Terra

Responsável pelo projeto

Amilton Pinheiro, presidente

Parceiros

MDA, prefeituras, Unesco

Abrangência geográfica

Comunidades rurais de Minas Gerais

Público

Aproximadamente 2.800 pessoas de cinco comunidades rurais de MG

Investimento

Recursos de fundações e doadores privados dentro e fora do Brasil

www.gemasdaterra.org.br

Furukawa. Presente nas Melhores Conexões.

Abnelli 10/2012

■ SOLUÇÕES FURUKAWA
FACILITAM A SUA VIDA.

O MUNDO ESTÁ CADA VEZ MAIS DIGITAL. As soluções completas Furukawa para infraestrutura de redes proporcionam mais velocidade, segurança e versatilidade em seu trabalho para você dedicar-se ao que é mais importante na sua vida. Esse compromisso faz com que a Furukawa, mais do que vender tecnologia, preocupe-se com sua qualidade de vida e bem estar. A Furukawa fornece cabos e acessórios de alta tecnologia para redes locais, Data Centers, Call Centers e ambientes corporativos, através de suas unidades industriais, redes de distribuidores, integradores e centros de treinamento estrategicamente posicionados. **FURUKAWA. ORGULHO DE NOSSA HISTÓRIA. COMPROMISSO COM O FUTURO.**

UNIDADES INDUSTRIAIS:

Curitiba: Rua Hasdrubal Bellegard, 820 – CIC – PR – CEP: 81460-120 – Tel.: (41) 3341-4200
Salto: Av. Brasília, 1300 – Distrito Industrial – SP – CEP: 13327-100 – Tel.: (11) 4602-6100

ESCRITÓRIO NACIONAL DE VENDAS:

Av. das Nações Unidas, 11.633 – 14º and. – Brooklin – São Paulo – SP – CEP: 04578-901 – Tel.: (11) 5501-5711

 **FURUKAWA**
0800 412100
www.furukawa.com.br

Software livre: ideias a toda prova

Pontão de cultura supera dificuldades e aposta em formação qualificada e incubadora de projetos abertos para uso social

Um ditado popular diz que a dificuldade é a mãe da inovação. No Pontão de Cultura Nós Digitais, essa é a mais pura realidade. O projeto, criado em 2006 para disseminar a cultura livre no estado de São Paulo, sofreu um baque, em 2010 e 2011, com as mudanças operadas no Programa Cultura Viva pelo Ministério da Cultura (MinC). A partir daí, optou por reestruturar seu trabalho de formação em cultura digital e *software* livre. Trocou quantidade por qualidade. Em vez de formar usuários de plataformas não proprietárias dos pontos de cultura, grupos e movimentos sociais, tornou-se uma incubadora de projetos especiais e de capacitação de pontões de cultura que são referência em suas regiões.

Ligado à organização não governamental (ONG) Teia Casa de Criação, de São Carlos (SP), o Nós Digitais formou ativistas de 47 núcleos de atividades culturais de São Paulo entre 2006 a 2010. O fim do

convênio com o MinC, firmado em 2010 e com validade até março de 2011, causou impactos financeiros e de articulação com os grupos. Paralelamente, a interrupção do repasse de verbas pelo Cultura Viva também afetou os pontos de cultura atendidos pelo Nós Digitais, provocando uma desmobilização em cascata.

“Durante algum tempo continuamos nosso trabalho, mas de forma desmobilizada. A saída foi alterar a forma de atuação, sem perder de vista nosso objetivo principal, de formar pessoas e grupos para o uso de *software* livre”, recorda Daniel Marostegan e Carneiro, coordenador do Nós Digitais.

Antes o pontão de cultura trabalhava por demanda, designando um agente ou monitor para dar o curso no ponto de cultura. Era ele o responsável por desenvolver o programa de formação, com conteúdos sobre rede e gerenciamento de rede com ferramentas e plataformas não proprietá-

rias, com destaque para a produção em áudio e vídeo. Agora o foco é a formação continuada, por meio de projetos especiais estruturados. Para participar, o ponto de cultura deve ter bala na agulha e capacidade para se tornar referência na região onde está localizado, seja pelo uso de tecnologia livre, seja no uso de linguagens artísticas específicas.

O projeto de incubadora tem duração de 11 meses, a contar de julho de 2011, nos quais estão sendo formados 11 grupos regionais. Outros dez estão previstos para 2012 e 2013. Os primeiros cinco pontos de cultura do estado, que concluíram o processo de capacitação em agosto, foram o Projeto Cala a Boca Já Morreu, da capital paulista; a Associação Aldeia de Carapicuíba (OCA), de Carapicuíba; o Jeca Tatu, de Suzano; o Illé Edé Dúdú – Casa de Cultura Negra, de Ribeirão Preto; e o Caiçaras, em Cananeia. “O objetivo é que, depois da formação,

Nas comunidades tradicionais caiçaras, a revalorização dos diferentes saberes e fazeres é de fundamental importância para o desenvolvimento social ético e justo. Para tanto, necessitamos registrar os conteúdos sob as mais diferentes formas. E isso se torna possível quando há a apropriação do *software* livre. Assim, a parceria com o Nós Digitais é fundamental, por disseminar conhecimento e novas ideias.

FERNANDO OLIVEIRA

Gestor do ponto de cultura Caiçaras.



Fotos Divulgação

Em agosto de 2011 foi criado o Lab Macambira, uma incubadora de desenvolvimento de *software* livre, tecnologias-chave para a comunidade.



O objetivo é que, depois da formação, os jovens se apropriem do conceito, dos softwares e das linguagens, e passem a disseminar a cultura digital livre.

o grupo se aproprie de tal forma do conceito e das ferramentas dos *softwares* e das linguagens que passe a ser o disseminador da cultura digital livre”, prevê Carneiro.

Os resultados já são animadores. Em Cananeia, litoral sul de São Paulo, no ponto de cultura Caiçaras, jovens de 15 a 19 anos dos coletivos Jovem Caiçara, Sala Verde Cananeia e Educador do Lagamar estão se apropriando do *software* livre para registrar a

de músicas inéditas e ao vivo dos grupos de fandango da cidade e um portal web dedicado aos artistas locais. “Isso só é possível porque a produção é 100% em programas abertos. Sem *software* livre seria impossível registrar a cultura da região”, diz Fernando Oliveira, do Caiçaras.

Para impulsionar o trabalho, em agosto de 2011 foi criado o Lab Macambira. Trata-se de uma incubadora de desenvolvimento de *software*

populares e indígenas sobre saúde. Ou então a plataforma para as conferências de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, desenvolvida em plataforma Django.

Para participar, o ponto de cultura deve ter bala na agulha e capacidade para se tornar referência na região, seja pelo uso de tecnologia livre, seja no uso de linguagens artísticas.

cultura caiçara local. Já foram publicados um livro e um DVD. Até o final de 2012 será concluído o “Programa Puxirão”, que busca registrar e disseminar as manifestações culturais relacionadas ao fandango caiçara.

Na lista de produções está o curta-metragem Causos e Aventuras: O Retorno da Cantoria Caiçara, sobre o fandango caiçara. Também devem ser lançados um livro de história em quadrinhos sobre o tema, um *semi-metallic disc* (SMD) com gravações

livre, priorizando tecnologias-chave para a comunidade. O grupo é formado por compositores, arquitetos, pesquisadores universitários e midiactivistas, que atuam nas áreas de audiovisual e web. São dezenas de novos *softwares* e produtos, como o Rivendell e Airtime, de automação de áudio feito em parceria com a Rádio UFScar, da Universidade Federal de São Carlos, e o Sabedoria Olha Saúde (SOS), um sistema dedicado à coleta e difusão de conhecimentos

PONTÃO DE CULTURA NÓS DIGITAIS

Instituição responsável

Teia Casa de Criação

Responsável pelo projeto

Daniel Marostegan e Carneiro, coordenador do projeto

Parceiro

Ministério da Cultura

Abrangência geográfica

Estado de São Paulo

Público

Jovens e adultos ativistas de pontos de cultura, empresas, instituições e organizações interessadas em trabalhar com *software* livre

Investimento

De junho de 2011 a junho de 2013, R\$ 340 mil por ano, de convênio com o Ministério da Cultura (MinC), além de recursos obtidos por prestação de serviços do Lab Macambira

www.nosdigitais.teia.org.br

A luta indígena nas telas do mundo

Jovens tupinambás aprendem a usar tecnologia para preservar sua cultura e organizar as lutas de seus povos



Divulgação

Todos os conteúdos e produtos são publicados na internet, sob diferentes licenças Creative Commons.

Terceiro Setor ONG THYDÊWÁ

Com o celular, Deni Tupinambá, 28 anos, faz um vídeo para denunciar a realidade em que vivem os tupinambás de Olivença. A cena, registrada em uma das vinte fazendas retomadas em Ilhéus (BA) por famílias tupinambás no mês de julho, traz o depoimento do cacique Acauã, uma das lideranças da etnia. “Eu quero mandar uma mensagem para a justiça brasileira, para quem faz as nossas leis, senadores, deputados. Que olhem para esse povo sofrido, que não suporta mais tanto sofrer! Um povo que foi massacrado no passado, está sendo massacrado agora, no presente. A gente precisa dessa terra para plan-

tar, viver nossa cultura, o pouco que restou dela...”

Da beira do riacho que atravessa a aldeia Potyur, onde foi gravado, o vídeo vai para as redes sociais, onde milhões de pessoas de todo o mundo vão tomar conhecimento da situação dos indígenas no Brasil. Deni, o documentarista, integra o projeto Oca Digital, realizado pela organização não governamental Thydêwá. “A ideia é a inclusão digital se tornar um instrumento de conquista de direitos e resistência para esses povos”, diz Sebastián Gerlic, presidente da instituição.

Na prática, a Oca é um ambiente de experimentação, um laboratório

de práticas digitais, com oficinas e debates, onde jovens indígenas se apropriam de novas tecnologias para se expressar e se fazer ouvir. “Pensamos no fortalecimento da tecnologia como benefício para o coletivo, para a transformação social”, acrescenta Gerlic. Toda a base conceitual do projeto se sustenta nos ideais de colaboração, compartilhamento e arte livre.

A Oca Digital promove um módulo diferente a cada mês. Longe de uma formação de cima para baixo, os participantes adquirem conhecimento técnico e trocam experiências em rodas de conversa com os facilitadores e especialistas convi-

dados. Nesse modelo, aconteceu a oficina Retratos Pintados, em que os índios tiraram suas próprias fotos, imprimiram e fizeram intervenções artísticas com motivos nativos.

Também houve a oficina Narrativas Audiovisuais, que rendeu três produções, um vídeo de ficção e duas animações com técnica *stop motion*. Outro módulo foi a Postesias Digitais, em que os índios publicaram *posts* poéticos no *site* do projeto. Um grupo de “oqueiros” e “oqueiras” fez ainda a cobertura da Rio+20. No mês de julho, muitas das produções de texto e imagem tiveram como foco a jornada de retomadas de terras – como o vídeo de Deni.

São duas turmas por dia, uma pela manhã e uma à tarde, no contraturno escolar. Cada turma é composta por cinco tupinambás e um convidado de outra etnia, que vem de sua aldeia e fica hospedado na

para a comunidade do entorno da Oca Digital”, anuncia Gerlic.

O significado da palavra Thydêwá, que vem do idioma pankararu, é respeitado à risca desde que a organização foi fundada, há dez anos, por um grupo de índios e não índios. Criada sob o compromisso de “realizar ações em favor de toda vida, em favor da Mãe Terra”, a instituição faz uma forte aposta no uso das TICs para o desenvolvimento das comunidades indígenas. Gerlic conta que a sede, em Ilhéus (BA), está sempre em atividades com esse fim. O projeto Oca Digital é apenas o mais recente. A instituição já ganhou prêmios por outras iniciativas que apoiou e hoje andam com as próprias pernas.

O maior exemplo é o portal Índios *Online*, resultado de uma parceria entre a Thydêwá, a Brazil Foundation e a embaixada dos Es-

R.I.S.A.D.A. O endereço de internet abriga, aparentemente, um *site* onde se divulga e se vende artesanato. No entanto, a proposta é mais abrangente. “O foco não é apenas a venda, mas o fortalecimento cultural dos povos”, diz Gerlic. Além de comprar ou fazer encomendas, o visitante é levado a conhecer as características de cada peça, a história, a simbologia, o processo de produção.

Longe de uma formação de cima para baixo, os participantes adquirem conhecimento técnico e trocam experiências em rodas de conversa com os facilitadores.

sede da Thydêwá. A ONG também fornece refeições e vale-transporte aos meninos e meninas.

“O projeto trabalha com Recursos Educacionais Abertos (REA). Todos os conteúdos e produtos são publicados na internet, sob diferentes licenças Creative Commons”, esclarece a pedagoga e diretora do projeto, Márcia Cardim. Para isso, foram adquiridos sete *notebooks*, 12 celulares inteligentes com plano de dados de 250 MB, uma câmara fotográfica profissional, *data show*, caixas de som, impressora colorida. Um *link* dedicado de 2 Mbps faz a conexão, com o sinal que vem de Itabuna. O provedor, local, custa R\$ 900 por mês (junho). Há um mês, chegou uma conexão Velox, de 5 Mbps. “Vamos abrir o sinal

tados Unidos no Brasil, vencedor do Prêmio ARede 2010. Voluntários de diversas etnias publicam notícias dos vários povos, materiais em texto, fotos e vídeo sobre suas culturas nativas e integram uma rede social focada nas questões indígenas. São divulgados acontecimentos das aldeias, depoimentos de lideranças, informações sobre as lutas pela demarcação e retomada de terras.

Outro projeto, criado em 2011, começa a decolar: Índio Educa. Trata-se de um repositório, desenvolvido e iniciado por índios universitários, onde há materiais de apoio pedagógico com conteúdos indígenas. A proposta é subsidiar os professores para que conheçam a diversidade das etnias.

A Thydêwá também lançou um projeto de economia solidária, o

OCA DIGITAL, ÍNDIO EDUCA, ÍNDIOS ONLINE, R.I.S.A.D.A.

Instituição responsável

ONG Thydêwá

Responsáveis pelos projetos

Potyra Tê Tupinambá, Sebastián Gerlic, Alex Makuxi, Amaré Krahô-Kanela, Marina Terena, Aracy Tupinambá, Yolly Taurepang, Micheli Kaiowa, Nhenety Kariri-Xocó, Maria Pankararú, Sebastián Gerlic

Parceiros

Cardim Soluções Integradas, Fundação Telefônica|Vivo, Fundo de Cultura da Bahia, Brazil Foundation, Embaixada dos Estados Unidos da América e Ministério da Cultura,

Abrangência geográfica

Oca Digital – território indígena tupinambá e municípios vizinhos: Ilhéus, Una e Buerarema (BA); demais projetos – educadores e comunidades indígenas de todo o Brasil

Público

Oca Digital – diretamente, cem indígenas tupinambás; indiretamente, dez mil pessoas

Investimento

Oca Digital – Fundação Telefônica|Vivo: R\$ 260 mil; Fundo de Cultura da Bahia: R\$ 180 mil / Índio Educa – Brazil Foundation: R\$ 25 mil

www.ocadigital.art.br / www.indioeduca.org / www.indiosonline.net / www.risada.org





Setor Privado

IDENTIDADE IDENTIDADE

Como a identidade influencia o desenvolvimento econômico e social de um país.



Um país com uma identidade forte e clara consegue atrair investimentos estrangeiros e promover o crescimento econômico. A identidade também influencia a cultura e o comportamento da população, o que pode ser tanto uma vantagem quanto uma desvantagem.

Ficar Ligado INCLUSÃO

Como a inclusão social pode promover o desenvolvimento econômico e social de um país.



A inclusão social é fundamental para o desenvolvimento econômico e social de um país. Quando todos os cidadãos têm acesso às oportunidades e recursos, o país pode crescer de forma sustentável e justa.

DESENVOLVIMENTO

Laboratório sobre quatro rodas

Um caminhão atravessa o país levando no baú computadores e cursos de informática para populações carentes

Quem viaja pelas estradas do Brasil já avistou um dos caminhões da Casas Bahia. Dentro de um desses caminhões viaja o projeto Amigos do Planeta - Inclusão Digital, com a missão de ensinar informática e empreendedorismo a comunidades carentes de todo o país. No baú vão 60 micros, duas tendas e *datashows*, telões, cadeiras e mesas. As paradas são planejadas no começo de cada ano, escolhidas com base em índices como o Mapa da Inclusão Digital da Fundação Getúlio Vargas. Quando chega ao local, o caminhão estaciona e passa a funcionar como um telecentro. Com portas abertas, as pessoas (a partir de oito anos) podem subir para navegar na internet, usar o Windows e o pacote Office.

Nas tendas, podem assistir a palestras ou aprender. São ministrados até 17 cursos, divididos em três categorias: Para Crianças, Para a Terceira Idade e Internet e Informática. Oito monitores-educadores dão as aulas, elaboradas com base na metodologia criada pela organização não governamental CDI. São atendidas cerca de 400 pessoas em cada cidade. Nos quatro anos de existência, o projeto chegou a 60 mil beneficiados, o suficiente para criar uma fotografia do Brasil digitalmente incluído. “A diferença de conhecimento e acesso a tecnologia não é tanto uma questão regional e sim social. Onde encontramos comunidades mais carentes, de classes sociais mais vulneráveis, há uma demanda maior pelos nossos serviços”, conta Marcello Marques Espírito Santo. Ele é o único monitor que atravessa o país, coordenando as equipes locais e coletando dados



Divulgação

Nas tendas, podem assistir a palestras ou aprender em até 17 cursos, divididos em três categorias: Para Crianças, Para a Terceira Idade e Internet e Informática.

para planejar possíveis adaptações nos próximos destinos.

“Uma vez, uma senhora fez os cursos de Assistente Administrativo, Vendas, Telemarketing e assistiu à palestra de orientação vocacional. Com a ajuda dos educadores, ela fez um currículo e, no final do projeto, voltou para agradecer: tinha conseguido um emprego como assistente administrativa em uma empresa de tecelagem”, lembra Marcello, que tem a missão de adaptar a grade de cursos à demanda local. Também é ele quem monitora o número de inscritos e conversa com os educadores da cidade para adequar a metodologia às necessidades locais.

Com metodologia do CDI e conexão 3G da Vivo, a iniciativa é inteiramente bancada pela rede varejista, sem parcerias. A empresa não divulga o investimento alocado. Prefere mensurar os resultados em atendimentos. “O participante fica cerca de três dias no programa, uma vez que cada curso tem essa duração, em média. Em

cada parada, temos a certificação de até mil pessoas”, diz Flavia Altheman, diretora de Marketing da empresa.

AMIGOS DO PLANETA - INCLUSÃO DIGITAL

Instituição responsável

Casas Bahia

Responsável pelo projeto

Flavia Altheman, diretora de Marketing

Parceiros

Não tem

Abrangência geográfica

Todo o Brasil. Até dezembro de 2012, o caminhão terá passado por São José dos Pinhais (PR), Uberlândia (MG), Cuiabá (MT), Palmas (TO), Fortaleza (CE), Aracaju (SE), Vitória da Conquista (BA), Rio de Janeiro (RJ)

Público

Em quatro anos de atividades, beneficiou mais de 60 mil famílias em 25 municípios

Investimento

Não divulgado

www.inclusaodigital.casasbahia.com.br/blog



Prêmio cultura digital

Intercâmbios SONOROS

software livre
música

Músicos de
PONTOS DE CULTURA
de todo território nacional
venham vivenciar, protagonizar
e participar de nosso Projeto
Intercâmbios Sonoros.

<http://www.coletivodigital.org.br>

2012 / 2013

Inscrições pelo telefone: (11) 3083.5134



Ministério da
Cultura



Computadores para o café

Laboratórios qualificam agricultores familiares e abrigam atividades que apoiam os filhos dessas famílias nas atividades escolares

Em 2012, a venda da produção teve um sabor especial e gerou um lucro maior para Maria Idalina, de 53 anos, plantadora de café em Albertina, pequeno município a cem quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais. Até o ano anterior, ela precisava recorrer às cooperativas e aos exporta-

dores para saber o preço do grão. Na última safra, porém, consultou os valores diretamente na internet e conseguiu uma negociação mais vantajosa. Trabalhando desde os nove anos em lavouras, Maria Idalina hoje é dona de 20 mil pés de café. E sua vida mudou muito, há cerca de um ano, quando a tecno-

logia passou a fazer parte de suas ferramentas de trabalho.

Idalina é aluna da turma de informática do Programa Produtor Informado, criado em 2006 para a capacitação de agricultores e mantido pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). Quando iniciou as aulas, em julho de 2011,



Os projetos são também excelentes meios para dinamizar o aprendizado formal de crianças e jovens; a evasão escolar foi reduzida em 90% entre os participantes.

a agricultora sequer sabia ligar um computador. “Achava que informática era um bicho de sete cabeças. Hoje, quando vejo meu nome na tela do computador, sinto uma grande alegria. Agora posso acompanhar a previsão do tempo, para saber se é preciso recolher o café do terreiro de secagem, e também procurar o

Os *softwares* são fornecidos pela Microsoft por meio de convênio firmado em 2007, que resultou na doação de mais de 800 licenças do Microsoft Windows XP e do MS-Office 2003, além de outros programas utilizados para estruturação de servidor – um investimento de aproximadamente R\$ 500 mil.

Nas escolas públicas ou instituições onde estão instalados, os equipamentos são franqueados ao uso de alunos, professores, monitores.

melhor preço de venda. Gostaria que outras produtoras participassem do programa e sentissem essa alegria que sinto”, diz Idalina.

O Produtor Informado, assim como o Projeto Criança do Café na Escola, criado em 2003, são iniciativas de inclusão sociodigital rurais mantidas por importadores, exportadores e prefeituras. “Os projetos são também excelentes meios para dinamizar o aprendizado formal de crianças e jovens. A evasão escolar foi reduzida em 90% entre os participantes”, comemora Ronaldo Taboada, diretor administrativo e financeiro do Cecafo e responsável pelos projetos, que já beneficiaram 39,6 mil crianças e 550 agricultores.

Hoje existem 117 laboratórios digitais que atendem os dois projetos, nos estados de Minas Gerais (65), São Paulo (21), Espírito Santo (21), Rio de Janeiro (5), Bahia (3) e Paraná (2). Nas escolas públicas ou instituições onde estão instalados, como as Associações de Pais e Amigos de Excepcionais (Apaes), por exemplo, os equipamentos são franqueados ao uso de alunos, professores, monitores, pais e comunidade local. Cada laboratório tem dez computadores, uma impressora, uma TV LCD 20”, um DVD, dez mesas, 20 cadeiras e um aparelho de ar-condicionado com 18.000 BTUs. O custo médio de cada laboratório é de R\$ 21 mil.

Também são utilizados *softwares* de segurança gratuitos de antivírus como AVG, Avira ou Avast.

A manutenção dos laboratórios é feita pelo Cecafo, com verbas das contribuições mensais associativas e pelas sacas embarcadas. Desde a criação do projeto, já foram investidos R\$ 3 milhões. O Cecafo tem um modelo de gestão que inclui o acompanhamento por duas pedagogas contratadas, que se reúnem com representante do conselho, com os monitores, diretores das escolas e alunos. Em 2012, foi realizada uma pesquisa que apontou avanços no aprendizado e na parte comportamental.

Nas áreas urbanas, mais de 80% das escolas estão conectadas e a tecnologia mais comum é rádio ou ADSL. No campo, a disponibilidade da internet atinge apenas 17,7% das escolas. “Nessas localidades onde não há acesso, estamos negociando com as prefeituras para viabilizar uma solução”, diz Taboada.

O Produtor Informado, com duração de um ano, está sendo reavaliado com o objetivo de reduzir a carga horária, de modo que os produtores possam se ausentar na época da colheita. Os trabalhadores recebem orientações sobre utilização de planilhas para controles de custos, informações sobre clima, podas, pulverizações, entre outras questões de interesse rural.

É gratificante ver que, após um ano, as pessoas conseguem realizar uma série de atividades no seu trabalho e podem desfrutar das oportunidades da globalização ou se comunicar com um parente distante.



CRISTINA SILVEIRA
25 anos, monitora.

PRODUTOR INFORMADO E CRIANÇA DO CAFÉ NA ESCOLA

Instituição responsável

Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafo)

Responsáveis pelo projeto

Ronaldo Taboada, diretor; Luciana Alves, coordenadora; Juliana Campanhari, pedagoga

Parceiro

Microsoft

Abrangência geográfica

Nacional

Público

39,6 mil crianças e adolescentes de seis a 20 anos e 550 produtores rurais; além de professores, pais e comunidade local

Investimento

Cada laboratório tem custo de R\$ 21 mil e já foram investidos R\$ 3 milhões desde 2003

www.cecafo.com.br/responsabilidade_social.asp

Sem limites para vencer

Portadores de deficiências e menores aprendizes recebem formação para superar as dificuldades e conquistar um trabalho digno.

Um programa de capacitação muito especial. Assim é o Qualificar para Incluir, mantido pelo CPqD. Não pela formação, em si, mas pelo público a que se destina e pela metodologia utilizada. O projeto é voltado a portadores de deficiência e menores aprendizes que, depois da formação, são encaminhados a empregos. Assim, enquanto facilita a inclusão de um público com necessidades especiais no mercado, o programa reduz o déficit de trabalhadores qualificados na região de Campinas. Criado em 2008, o projeto já formou três turmas de 50 alunos cada. Em agosto de 2012, foi iniciada uma nova turma com 80 selecionados de um total de 150 inscrições. Pela primeira vez, e em caráter experimental, inclui dois deficientes visuais, o que exigiu adaptações na tecnologia e na metodologia como o

uso do *software* Texto Fala, desenvolvido pelo próprio CPqD.

Dos 150 formados, 80% são deficientes e 20% menores aprendizes. “Deste total, 90% já estão empregados e os demais 10% estão sendo acompanhados na busca por uma colocação”, diz Daniel Francisco da Silva, coordenador do programa. Os candidatos a participar dos cursos devem ter no mínimo 17 anos e estar matriculados no ensino médio. A maior parte é formada por jovens de 17 a 25 anos. Outra categoria é de pessoas reabilitadas que estiveram licenciadas pelo INSS e fazem acompanhamento para reinserção no mercado de trabalho. Nessa nova turma, há oito alunos nessa condição.

As turmas são distribuídas em quatro períodos. São 322 horas de curso, durante 14 meses. “O projeto é composto por dois módulos.

Normalmente as pessoas são contratadas pela competência técnica e demitidas por questões comportamentais. Também trabalhamos a autoestima, que é baixa entre os deficientes. Um bloqueio pode levá-los a colocar limites que não existem. A minha história é a prova de que basta uma oportunidade para um portador de deficiência desenvolver uma carreira de sucesso.



ANTONIO MARCOS MELLO
40 anos, portador de deficiência, analista de conteúdo pedagógico do programa.



Fotos Divulgação

Criado em 2008, o projeto já formou três turmas de 50 alunos cada. Em agosto de 2012, foi iniciada uma nova turma com 80 selecionados de um total de 150.

Um, de 128 horas, aborda a questão comportamental, com técnicas de apresentação, oratória, orientação para o cliente e comunicabilidade. O segundo é de programação orientada a objetos. Ao final, os alunos fazem um projeto de conclusão”, descreve Silva. A formação é ministrada pela SQI Treinamentos, empresa especializada contratada pelo CPqD. O conteúdo técnico inclui lógica de programação, programação em Java, Java Script e programação HMTL, entre outros conhecimentos.

O CPqD fornece material didático e transporte gratuito do centro de Campinas até suas instalações (no km 118,5 da Rodovia Campinas – Mogi Mirim). O Qualificar para Incluir é financiado pelo CPqD em parceria com patrocinadores que adquirem cotas, como as empresas Padtec (cinco cotas), Samsung (uma cota), Softway (três cotas) e SQI Treina-



O ambiente é preparado para receber os portadores de deficiência, desde a infraestrutura predial até o mobiliário, com mesas e cadeiras ergonômicas.

O método é construtivista e a equipe de frente inclui dois instrutores por área do conhecimento (técnico ou comportamental) e especialistas em Libras.

mentos (seis cotas). O total do investimento nos 14 meses de programa é de R\$ 442mil – R\$ 31.571 mensais.

Todo o ambiente é preparado para receber os portadores de deficiência, desde a infraestrutura predial – com rampas de acesso, portas ampliadas, estacionamento e banheiros adaptados – até o mobiliário, com mesas e cadeiras ergonômicas. Os equipamentos disponíveis são PCs Pentium, projetor multimídia e softwares BR Office, Java, Texto Fala – este programa, que converte texto em voz, e é indicado para deficientes visuais. O método é construtivista e a equipe de frente inclui dois instrutores por área do conhecimento (técnico ou comportamental) e especialistas em Libras.

Para participar, o deficiente precisa apresentar laudo do INSS ou de

clínicas especializadas que comprovem a deficiência. Mais do que capacitar, o CPqD indica os participantes do projeto a vagas de trabalho. Entre os parceiros estão INSS; Órgãos CR

Depois vieram a formação em análise de sistemas e a especialização na parte comportamental, em uma carreira que já acumula 22 anos de experiência em TI e 14 anos em treinamento e pesquisa em recursos de acessibilidade. Desde 2008, Antonio atua como analista de conteúdo pedagógico do programa, em que também dá aulas de conduta corporativa, atendimento a clientes, relacionamento em equipe e elaboração e apresentação de projetos.

QUALIFICAR PARA INCLUIR

Instituição responsável

CPqD

Responsável pelo projeto

Daniel Francisco da Silva, coordenador de RH do CPqD

Parceiros

Padtec, Softway, Samsung, SQI Treinamentos

Abrangência geográfica

Campinas (SP)

Público

Portadores de deficiências e menores aprendizes. Já foram formados 150 alunos (80% deficientes e 20% menores). Em 2012, foi aberta uma nova turma de 80 pessoas

Investimento

R\$ 442.000,00 ao ano
ou R\$ 31.571,00 por mês

www.cpqd.com.br

Respostas na escola e na comunidade

Recursos tecnológicos e dinâmicas comunitárias: receita de sucesso para educar e inserir jovens e adultos na sociedade da informação

“Ninguém ensina ninguém, as pessoas se educam entre si”. A célebre frase do educador Paulo Freire cai como uma luva na Escola Estadual Glória Azedia Bonetti, em Osasco (SP). No colégio, localizado na periferia oeste da Grande São

No colégio de Osasco funciona o programa Cidadania Digital – CDI Comunidade Independência. A sala de informática, aberta também a toda a comunidade, funciona como um grande laboratório de ideias. Os alunos de ensino fundamental e médio são incentivados a utilizar as

De olho no perfil de seus alunos, o professor Roberto Edgar trocou o giz pelos *blogs* para transmitir conhecimentos de artes, ética e direito autoral. Junto com a professora de inglês Rosângela Carvalho, organizou um evento em que os alunos apresentaram os resultados das disciplinas por meio de um coral e de grupos musicais. Pais e amigos foram convidados para o espetáculo. Na Semana de Inclusão Digital, realizada em março, as 6^{as} séries debateram o uso responsável da internet. Mas a discussão não foi teórica. O tema foi abordado em jogos, bingos e charadas. Até o final do ano será ativado um projeto de ensino de matemática com uso de *games*. E por aí vai.

O mesmo trabalho desenvolvido em Osasco se repete em três outros

O conceito utilizado é o de “escola não formal”, que busca a transformação da realidade local utilizando as tecnologias de informação para a inclusão social.

Paulo, professores, alunos e comunidade se juntam para discutir e buscar soluções para os desafios enfrentados em sala de aula e também para aqueles que repercutem na comunidade. A ferramenta para isso? A informática.

tecnologias de informação e as redes sociais para compartilhar conhecimentos. “A cada momento surgem novas necessidades e, portanto, novas respostas aos problemas”, diz Lúcia Alves da Silva, coordenadora local do Cidadania Digital.



Divulgação

Os computadores estão conectados à internet em tempo integral. Os telecentros recebem diariamente dezenas de pessoas em busca de conhecimento.

municípios onde está implantado o programa Cidadania Digital, com a formação de 1.516 alunos em 2011: João Monlevade e Contagem, no estado de Minas Gerais, e Piracicaba (SP). Trata-se de uma parceria do Comitê pela Democratização da Informática (CDI), responsável pelas ações pedagógicas com base no método Paulo Freire de ensino, e a Fundação ArcelorMittal Brasil, braço de ação social da empresa de siderurgia ArcelorMittal Brasil.

Em 2006, primeiro ano da parceria com o CDI, a fundação doou 800 máquinas para os projetos de inclusão digital. Um ano depois, o Cidadania Digital mudou de foco, centrando-se na formação e na difusão do conhecimento. A estratégia foi investir nos CDIs Comunidade, espaços de ensino que garantem tanto a formação de jovens quanto o envolvimento da comunidade.

O conceito utilizado é o de “escola não formal”, que busca a transformação da realidade local utilizando as tecnologias de informação para a inclusão social. Nas aulas de informática, aprende-se a utilizar ferramentas como editores de texto, planilhas e gerenciador de bancos de dados. Os estudantes elaboram apresentações, redigem textos e organizam conteúdos gerados a partir de dinâmicas comunitárias, pesquisas e debates sobre a realidade em que vivem. O domínio da tecnologia estimula o exercício da cidadania e abre horizontes para empreendedorismo, atividades culturais, de geração de trabalho e de renda e de mobilização da comunidade.

Para Leonardo Gloor, presidente da Fundação ArcelorMittal, o sucesso do Cidadania Digital depende do envolvimento de vários setores. Assim como as outras iniciativas de formação e projetos culturais da instituição, o programa só ocorre quando há aceitação do poder pú-

blico local. Diretores e professores das unidades de ensino também determinam os rumos do programa. Ao defender o modelo de formação em que o diálogo é palavra-chave, ele diz: “Se queremos contribuir para a formação do adolescente e do jovem em situação de risco social que está desassistido pelo poder público, se queremos estimular o empreendedorismo, é preciso que o projeto tenha sentido para todo mundo. E, hoje, pensar em inclusão social significa obrigatoriamente pensar na inclusão digital”.

As parcerias são fundamentais para o projeto. No ano passado, os CDIs Comunidade I e II, no bairro Cruzeiro Celeste, em João Monlevade, ampliaram seu atendimento, por meio de doações de computadores reconicionados. Os equipamentos são fruto do Projeto 3RsPCs, iniciativa da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), do Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR), e executado pelo CDI, como parte da política de soluções ambientalmente adequadas para a gestão dos Resíduos de Equipamentos Eletroeletrônicos (REEE).

A professora Gardenia Staell Andrade, coordenadora dos CDIs e telecentros da cidade, ressalta: “Os computadores estão conectados à internet em tempo integral. Recebemos diariamente dezenas de pessoas, em busca de conhecimento. Com eles aperfeiçoamos nossas atividades e ampliamos o número de vagas por turma”. O trabalho foi reconhecido em 2011: o Cidadania Digital recebeu o Prêmio Sucesu, na categoria Responsabilidade Social. A premiação, outorgada pela Sociedade dos Usuários de Informática e Telecomunicações de Minas Gerais, é entregue anualmente às organizações com ações de desenvolvimento na área de Tecnologia da Informação e da Comunicação.

A equipe é pequena e os problemas são muitos. Como estamos em uma região pobre, abrimos a escola para toda a comunidade, mas priorizamos a formação das crianças e jovens. A inclusão digital acontece de forma natural, tanto para os professores quanto para os alunos e os usuários. É muito bom ver os casos de profissionalização e de busca de soluções para o local, desde questões ambientais até o primeiro emprego. O mais bacana é que vamos encontrando soluções conjuntas, em que o principal é a comunidade.

LÚCIA ALVES DA SILVA

Coordenadora do Cidadania Digital em Osasco (SP).

PROGRAMA CIDADANIA DIGITAL

Instituição responsável

Fundação ArcelorMittal

Responsável pelo projeto

Leonardo Gloor, presidente da Fundação ArcelorMittal

Parceiros

ArcelorMittal Monlevade, Associação Comunitária Amigos de Nova Contagem, Belgo Bekaert Arames, Comitê para a Democratização da Informática (CDI), Diretoria Regional de Ensino de Osasco, Prefeitura de João Monlevade (MG) e de Piracicaba (SP)

Abrangência geográfica

Contagem (MG), João Monlevade (MG), Osasco (SP), Piracicaba (SP)

Público

Jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoas de todas as idades, de baixa renda

Investimento

Em 2010 e 2011, o projeto recebeu investimento anual de cerca de R\$ 63 mil. Para 2012 e 2013 estão previstos R\$ 100 mil anuais

www.cdi.org.br

www.fundacaoarcelormittalbr.org.br

Educação e arte de mãos dadas

Empresa promove vivências de cidadania para a inclusão social de comunidades impactadas por atividades mineradoras



Fotos Divulgação

Em 2012, o Projeto Garoto Cidadão atendeu 2.190 crianças e adolescentes de seis a 16 anos, regularmente matriculados na rede pública de ensino.

O pequeno povoado de Plataforma, que até 2010 abrigava cerca de 150 famílias, está com os dias contados. Distante dez quilômetros do centro histórico da cidade de Congonhas (MG), irá abaixo até o final de 2012. O bairro dará lugar a duas pelotizadoras da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que planeja investir alguns bilhões no município mineiro, para ampliar sua unidade mineradora. As últimas 40 famílias remanescentes devem ser indenizadas e transferidas para um bairro construído especialmente para elas. As outras cem famílias já se mudaram para outros pontos, deixando para trás casas e muitas histórias.

Contudo, o fim de Plataforma ficará na memória. Está sendo contado, com riqueza de detalhes e emoção, em um documentário. Por trás das câmeras não estão diretores famo-

sos, mas adolescentes e jovens da região, que aprendem a fazer cinema. Eles integram o Projeto Garoto Cidadão (PGC), da Fundação CSN, organização que desenvolve iniciativas nas áreas de educação, cultura e esporte nas comunidades onde a CSN tem unidades de negócio e produção.

Magda Cristina Puycserver, coordenadora da unidade do Garoto Cidadão em Congonhas, destaca o envolvimento nos projetos de meninos e meninas em situação de vulnerabilidade social. “É muito significativo despertar nas crianças e nos adolescentes o interesse pela cultura. Para além do projeto de registro da comunidade Plataforma, é possível trabalhar valores essenciais à formação humana, como respeito, solidariedade e o resgate da autoestima.”

Em 2012, o Garoto Cidadão atendeu 2.190 crianças e adolescentes, de seis a 16 anos, regularmente matri-

Trabalhar com os meninos e meninas do Garoto Cidadão é uma aprendizagem constante. Eles chegam tímidos, muitos com problemas na escola, dificuldade para se relacionar. Com o tempo, aprendem que a arte pode mudar suas vidas. Eles têm uma grande vontade de se inserir no mundo digital, chegam com perguntas e também nos ensinam no dia a dia. Fazem valer sua voz e a voz de sua comunidade.

MARINA CONI
Professora de Inclusão Digital, Projeto Garoto Cidadão de Volta Redonda (RJ).

culados na rede pública de ensino. Há unidades em quatro estados: em Araucária, no Paraná, funcionam dois centros. Minas Gerais abriga unidades nas cidades de Arcos e Congonhas. Em São Paulo está implantada uma unidade em Mogi das Cruzes. Itaguaí e Volta Redonda, no Rio de Janeiro, completam a lista. As unidades funcionam sempre em parceria com o poder público local. “Nosso objetivo é promover a inclusão social, o desenvolvimento educacional e emocional, por meio da educação sociocultural. Isso é feito propiciando vivências de cidadania nas comunidades”, diz Fábio Silvestre, supervisor do PGC. As ferramentas são cursos e atividades que utilizam linguagens artísticas como teatro, dança, música, artes visuais e cultura digital. As práticas culturais são complementadas por aulas de informática, português e matemática e atividades de recreação. Tudo no contraturno escolar.



Desde 2011, as novas tecnologias da informação passaram a ser usadas na dança e na música, com vídeos gravados e postados nas redes sociais.

As práticas culturais são complementadas por aulas de informática, português e matemática e atividades de recreação. Tudo no contraturno escolar.

Desde 2010, o PGC começou a rever a forma de atuação. Uma das decisões foi adotar os princípios de aprendizado, participação, convivência e ética estabelecidos no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século 21, da Unesco. Na prática, desde 2011 as novas tecnologias da informação passaram a ser usadas, por exemplo, na dança e na música, com vídeos gravados e postados nas redes sociais. Um desses trabalhos foi intitulado Click a cidade. No projeto, desenvolvido em Araucária, meninos e meninas da Casa da Criança Iguatemi, coordenada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, recebem noções de fotografia e registram a história da cidade. O projeto chegou a Volta

Redonda e deve ser aplicado nas outras unidades.

“As novas gerações estão cada vez mais sedentas para o uso das novas tecnologias. Nesse processo

de reformulação conceitual, as aulas de inclusão digital passaram a ter como objetivo a democratização do acesso às tecnologias”, revela Silvestre. Assim, acontecem oficinas de comunicação, em que uma das tarefas é produzir conteúdos para o *blog* do projeto.

Como o Projeto Garoto Cidadão utiliza os princípios do método Paulo Freire, com aplicação do conhecimento alinhado à realidade da comunidade, os meninos e as meninas são ouvidos em primeiro lugar. Em agosto, foi realizado em São Paulo o 1º Encontro dos Garotos em São Paulo – SP, para integrar os alunos das sete unidades do projeto. Foram escolhidos, pelos próprios jovens, dois representantes e um educador

de cada unidade. O grupo participou de diversas formações. E levantou suas reivindicações. A principal: utilizar as redes sociais, como Facebook e YouTube, para compartilhar experiências e produções. Os coordenadores ouviram e já decidiram que essa será a prioridade dos próximos três anos do projeto.

GAROTO CIDADÃO

Instituição responsável

Fundação CSN

Responsável pelo projeto

Fábio Silvestre, supervisor do Projeto Garoto Cidadão

Parceiros

Ministério da Cultura, Prefeituras de Araucária (PR), Arcos (MG) e Congonhas (MG), Itaguaí e Volta Redonda (RJ), Mogi das Cruzes (SP)

Abrangência geográfica

Seis cidades de quatro estados: Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mogi das Cruzes

Público

Em 2012, 2.190 crianças e adolescentes, de seis a 16 anos, em situação de vulnerabilidade social

Investimento

Não divulgado

<http://www.garotocidadao.org.br/>

Aulas dentro das empresas

Projeto implanta escolas dentro de ambientes de trabalho e estimula funcionários voluntários a atuar como professores

Frequentar uma escola que fica dentro da empresa em que você trabalha não só facilita os estudos, mas estimula a formação continuada. Uma prova de como uma iniciativa desse tipo pode dar certo é o crescimento do projeto Formare, da Fundação Iochpe, que ano após ano aumenta o número de parcerias e de beneficiários. Desde a primeira experiência, em 1988, com a implantação da então chamada Escola Técnica Iochpe-Maxion (Etim) no município

mudado, e sempre para melhor, é o alcance da iniciativa. De 59 cidades de dez estados, em 2010, passou a 63 cidades de 11 estados, em 2011.

Thais Souza, de 19 anos, estudou na UltraFormare, a escola que funciona dentro da unidade do Grupo Ultra no bairro Bela Vista, região central de São Paulo (SP). Ela estava no último ano do ensino médio quando participou da seleção para o curso, que teve provas de português, matemática, conhecimentos gerais e redação. Na

como é o dia a dia de cada profissão. “Cada um traz um pouquinho do que é sua área, quais as competências exigidas. A gente acaba vendo muita coisa diferente”, conta a jovem. O principal benefício, para Thais, é a ajuda na identificação de novos caminhos profissionais: “É bacana porque abre um leque de possibilidades”. De aprendiz, Thais virou mestre: hoje ela leciona teoria da comunicação na mesma unidade em que estudou, local onde também trabalha.

Cada curso do Formare dura de nove meses a um ano, com aulas de segunda a sexta-feira. A proposta pedagógica leva em conta o perfil de cada empresa, além das demandas da região. Alguns conteúdos, porém, são comuns em todas as atividades, como desenvolvimento da comunicabilidade e trabalho em equipe. Todos os cursos têm capacitação em informática, com conhecimentos que envolvem noções básicas de computação, sistemas operacionais

A proposta considera o perfil da empresa e demandas da região. Há conteúdos comuns a todas as atividades, como comunicabilidade e trabalho em equipe.

de Canoas (RS), 12 mil jovens já passaram pelos cursos e oficinas do projeto. A proposta é a mesma, desde o início: oferecer a estudantes da rede pública de ensino formação complementar, além de orientação para o mercado de trabalho. O que tem

UltraFormare, aprendeu como funciona a rotina de uma empresa. Mas, além do conteúdo programático, ela teve a oportunidade de assistir a palestras com profissionais de áreas como Tecnologia da Informação e Recursos Humanos, que contaram



Divulgação

Os professores dos cursos são funcionários das próprias empresas que recebem o projeto e atuam como voluntários.



De acordo com levantamentos da instituição gestora, 85% dos alunos que saem do curso estão inseridos no mercado de trabalho.

proprietários e livres, programas de edição de textos, planilhas, imagens e apresentação, banco de dados e softwares de gestão.

Os professores são funcionários das próprias empresas, que atuam como voluntários. Para a advogada Gabriela Paulino, 33 anos, educadora na UltraFormare, a troca de conhecimentos é a melhor parte da experiência: “A gente acaba aprendendo porque os alunos nos ensinam muito. Na minha opinião, todas as empresas grandes deveriam ter um Formare”. A fundação estruturou um programa de educação a distância (EAD) para capacitar os voluntários, com aulas de três a quatro meses. O suporte é virtual, feito por uma equipe da fundação composta por um gestor e supervisor da Plataforma EAD e um tutor.

Atualmente, o Formare está em 55 empresas, com 85 escolas / algumas empresas têm o projeto em mais de uma unidade. Para ter uma Escola Formare a empresa deve oferecer instalações com cerca de 60 m² para a sala de aula, definir a equipe de profissionais que atuarão na coordenação e contribuir para o Fundo de Desenvolvimento da Metodologia Formare. O tempo de implantação varia de qua-

tro a cinco meses. Cada empresa investe, em média, R\$ 150 mil por ano, valor que inclui os benefícios oferecidos aos alunos, como bolsa-auxílio de meio salário mínimo, transporte, alimentação, uniforme, assistência médica e seguro de vida.

O objetivo, segundo Carolina Magon, Relações Institucionais do projeto, é investir na expansão: “Nossa meta é ampliar cada vez mais a rede de parceiros porque acreditamos que ainda existe muito espaço para isso e muitas empresas com o perfil para um projeto como este”, afirma. Os prêmios recebidos recentemente também credenciam o Formare para novas conquistas. Um destaque foi o Formare da NTA Brasil que, em fevereiro de 2011, ganhou o prêmio Excellence Award, concedido aos projetos com grande relevância dentro do Grupo Neumayer Tekfor. A premiação ocorreu durante o evento Global Leadership Conference (GLC), realizado em Zurique, na Suíça. A empregabilidade é outro motivo de orgulho para as escolas. Segundo pesquisas do Formare, 85% dos alunos que saem do curso estão inseridos no mercado de trabalho. Para o final de 2012, está prevista a formatura de 1.720 jovens.

Alguns alunos têm conhecimento de informática, já fizeram um curso, mas acabam não utilizando sempre e esquecendo. Queremos incentivar e mostrar que,



no futuro, eles podem gostar de informática e até ter formação nessa área. Muitos não conhecem como é a área de informática nas empresas, não têm a visão mais ampla de como a empresa utiliza a informática em seu favor e para seu crescimento. E eu gosto de dar aulas, então estou unindo o útil ao agradável.

**BÁRBARA MARIA
CARRASCOSA VASCO SILVA**

34 anos, educadora voluntária da UltraFormare, em São Paulo.

PROJETO FORMARE

Instituições responsáveis

Fundação lochpe

Responsável pelo projeto

Beth Calia

Parceiros

3M, Aché, Alstom, AmstedMaxion, ArvinMeritor, Behr, Bosch, CMP, Consórcio Modular Resende, Continental, Coteminas, Cummins, Delphi, DHL, Duratex, Eaton, Ericsson, Federal-Mogul, Fumagalli, Grupo Ultra, Guerra, Hyatt, Insolo, International Paper, Iveco, Knorr-Bremse, Magneti Marelli, Mahle, Mangels, Maxion, Milenia, MWM International, Neumayer Tekfor, Pepsico, Peugeot-citroën, Polimix, Renuka, Saint-Gobain, Santos Brasil, Schaeffler, Schmersal, Siemens, Sodecia, Sulzer, Suzano, Syl, Takata, Usiminas, Valeo, Videolar, Voith, ZF do Brasil

Abrangência geográfica

Nacional

Público

12 mil jovens de baixa renda, entre 16 e 18 anos

Investimento

Em média, cada empresa investe anualmente R\$ 150 mil

www.formare.org.br

Ponto de encontro de educadores

Comunidade virtual da Olimpíada de Língua Portuguesa abriga conteúdos, atividades didáticas e intercâmbio de experiências

O inquestionável sucesso: em 99% dos municípios brasileiros há alguém que conhece a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, promovida pela Fundação Itaú Social e pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). A iniciativa, que

voltadas a melhorar a leitura e escrita de crianças e jovens – que começaram em 2002, em parceria com o Ministério da Educação (MEC).

Um componente importante para o êxito da Olimpíada é a Comunidade Virtual, onde os educadores trocam experiências e para onde converge todo o material de

Comunidade Virtual é um espaço para o encontro dos educadores”, reforça a diretora da Fundação Itaú Social, Valéria Riccomini.

Para o responsável pela Olimpíada da Língua Portuguesa no Rio Grande do Norte, Afonso Gomes, a qualificação dos professores impacta diretamente nos estudantes: “Os alunos ficam mais envolvidos, motivados e inspirados para atividades de escrita e leitura. Acontece um ressignificado para o trabalho de escrever na escola”, afirma Gomes, que também é professor de língua portuguesa.

A Comunidade Virtual foi desenvolvida em Joomla, *software* livre para gerenciamento de conteúdo. A plataforma está associada a um sistema de banco de dados criado especialmente para o projeto, que abriga as funcionalidades da Olimpíada, como inscrições, adesões e comissões julgadoras.

Embora tenha sido idealizada para a Olimpíada da Língua Portuguesa, a Comunidade é aberta a todos os educadores interessados. Basta se cadastrar.

a cada dois anos premia as melhores produções de alunos de escolas públicas de todo o país, contabiliza participação de cerca de 240 mil professores e sete milhões de estudantes dos níveis fundamental e médio de 60 mil instituições. Os números, mais que respeitáveis, se devem à qualidade das ações de formação

apoio ao projeto, além das produções da garotada. A Comunidade virtual tem hoje mais de 200 mil usuários e a média de 17 mil visitas por mês. No *site* há uma variada gama de conteúdos e atividades: cursos *online*, biblioteca virtual, *blogs*, textos de especialistas, fotos, jogos educativos, vídeos e *chats*. “A



Marcia Mimilio

A Comunidade Virtual tem hoje mais de 200 mil usuários e a média de 17 mil visitas por mês, para consulta a conteúdos e atividades.

Embora tenha sido idealizada para os participantes da Olimpíada, a Comunidade Virtual é aberta a todos os educadores interessados. Basta se cadastrar. Como fez a professora Maria Manuela Dias dos Santos, que vive na cidade de Mindelo, em Cabo Verde, na África. Ela conta que conheceu a proposta da Olimpíada e da Comunidade Virtual em julho de 2010, quando participou de um curso de formação em Fortaleza (CE). Desde então, virou uma frequentadora assídua e fiel da comunidade. “Acesso quase todos os dias, em uma média de cinco vezes por semana. É a minha preferência na internet”, revela.

Fã de todos os conteúdos do portal, Maria se anima com a possibilidade de interagir com outros educadores. “Fazer parte da Comunidade Virtual tem sido extraordinário, conheci muita gente e vi que temos muitas coisas em comum. Já me sinto como se estivesse no Brasil”, brinca. Outros professores em sua escola também acessam a Comunidade Virtual. A ideia agradou tanto que, para o próximo ano, já planejam fazer sua própria Olimpíada da Língua Portuguesa.

A Fundação Itaú Social e o Cenpec também são responsáveis pelo desenvolvimento de outro projeto que, além de oferecer um amplo acervo de informações, coloca à disposição do educador números que podem subsidiar a formulação de políticas públicas na área da Educação. Trata-se do banco de dados *online* Brasil Hoje, que entrou no ar no final de 2011. No *site*, pode-se encontrar dados sobre municípios brasileiros produzidos por institutos de pesquisa nacionais. Mas não só. Aplicativos permitem fazer pesquisas segmentadas e simular análises, de acordo com o interesse de cada um – por região geográfica, por tipo de indicador, por município.

O *site* originou-se da primeira

Eugênio Savio



No banco de dados Brasil Hoje, professores e alunos podem fazer pesquisas segmentadas e simular análises sobre municípios brasileiros

versão do banco de dados, criado em 2007 no formato de CD, dentro do programa Melhoria da Educação no Município. “O Brasil Hoje nasceu de uma demanda real dos gestores públicos”, explica a diretora da Fundação Itaú Social. “As ferramentas facilitam o acesso e a compreensão de dados para que os gestores possam fazer diagnósticos e elaborar seus planos municipais de educação”, completa Valéria.

O tratamento e a sistematização dos dados do banco ficam a cargo do Cenpec. O sistema abriga 26 milhões de registros de diferentes dimensões, como educação, população, assistência social, saúde e finanças, apresentados por estados, municípios e país. O Brasil Hoje foi desenvolvido na plataforma Dot Net 4.0, com banco de dados SQL Server 2008. Entre março e junho de 2012, recebeu 5.804 visitas. Está nos planos para 2012 agregar ao sistema um ambiente de formação a distância, focado no uso de dados e indicadores na gestão pública.

COMUNIDADE VIRTUAL ESCREVENDO O FUTURO E BRASIL HOJE

Instituição responsável

Fundação Itaú Social

Responsável pelos projetos

Isabel Cristina Santana, gerente

Parceiros

Escrevendo o Futuro Canal Futura, Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), Ministério da Educação (MEC), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime)

Parceiros Brasil Hoje

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Sistemas Integrados de Acompanhamento Financeiro (Siaf), Unicef

Abrangência geográfica

Nacional

Público

Professores e gestores de instituições de ensino

Investimento

Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro: R\$ 1 milhão
Brasil Hoje: não divulgado

www.escrevendo.cenpec.org.br
www.brasilhoje.org.br

Um horizonte mais promissor

Meninos e meninas de escolas públicas de Manaus recebem formação básica em tecnologia e apoio educacional para seguir estudos

João Henrique Corrêa Felipe, de 15 anos, mudou-se, com a mãe e o padrasto, de Beruri, no interior do Amazonas, para a capital, Manaus, no início de 2012. A esperança por um futuro melhor motivou a família, que enfrentava dificuldades para se manter no pequeno município de 15 mil habitantes. O que João Henrique mais desejava, logo que chegou à cidade grande, era uma oportunidade para se qualificar profissionalmente, já pensando no mercado de trabalho. A família, porém, não tinha condições de pagar um curso de informática, como ele gostaria. Sua chance veio com o Projeto de Inclusão Digital da Fundação Nokia de Ensino (FNE).

Sem computador em casa, seu acesso à máquina sempre foi muito restrito – só ocorria raras vezes na escola, em Beruri, ou quando visitava uma tia, em Manaus. “Eu não sabia formatar texto, só digitar”, conta. Por isso, João Henrique dedicou-se ao máximo em todas as fases da formação, que começa com conhecimentos sobre a máquina e se estende pelos programas e aplicativos, como editor de textos, planilhas, banco de dados e navegação na internet. “O que mais gostei foram das aulas de Word e Excel porque são muito usados no trabalho”, destaca o jovem, cheio de vontade de evoluir. “Quando puder, quero fazer um curso mais avançado”, sonha.

Criado em abril de 2010, o Projeto de Inclusão Digital da Fundação Nokia de Ensino tem como objetivo levar as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) para jovens de baixa renda, o que representa uma forma de melhorar as condi-



Divulgação

Os instrutores, todos voluntários, são alunos egressos da fundação, geralmente convidados durante o 3º ano do ensino médio.

ções de vida da população local. Os resultados têm sido satisfatórios, explica o gerente de Comunicação e Marketing da FNE, Paulo Ariel. “Há alunos que aplicam o que aprendem no trabalho, sendo reconhecidos por isso”, relata.

voluntários, são alunos egressos da fundação – geralmente a FNE faz o convite durante o 3º ano do ensino médio. Os que apresentam interesse em atuar como instrutores voluntários recebem as propostas de cada projeto em uma entrevista. Os vo-

As vagas do projeto são direcionadas a estudantes de escolas públicas. Cada instituição fica responsável por selecionar e indicar dez alunos.

As vagas do projeto são direcionadas a estudantes de escolas públicas. Cada instituição fica responsável por selecionar dez alunos. A fundação oferece dois laboratórios de informática com 40 máquinas, *data show* e tela de projeção. As turmas, de 20 alunos, têm aulas sempre aos sábados, com carga de quatro horas. Já foram capacitados 220 jovens entre 12 e 17 anos. Os instrutores, todos

voluntários são geralmente jovens com formação técnica, universitários de cursos na área de exatas (engenharia e ciência da computação). Eles participam de um curso sobre responsabilidade social e voluntariado e também recebem um manual.

Nos finais de semana, os laboratórios da fundação são abertos à comunidade para acesso livre à internet.

A Fundação Nokia oferece ensi-



Nos finais de semana, os laboratórios da fundação são abertos à comunidade para acesso livre à internet.

no médio técnico e tem um processo seletivo anual no qual 70% das vagas são destinadas a alunos que cursaram os últimos quatro anos do fundamental em escolas da rede pública. De acordo com a renda familiar, o aluno pode receber subsídios que vão desde 50% da mensalidade até uma bolsa integral. Em abril de 2010, a FNE lançou também o curso Pré-Nokianos. São selecionados alunos de 14 escolas públicas da região sul

de Manaus que recebem apoio para entrar em escolas técnicas da região ou em cursos da própria fundação. Marcus Vinícius De Sicco, 15 anos, passou pela seleção para participar do Pré-Nokianos, que incluiu prova e entrevista. Durante um ano, frequentou as aulas aos sábados e, ao final, foi aprovado no Instituto Federal do Amazonas. Para ele, o curso foi o diferencial. “Tudo que ensinaram caiu direitinho na prova”, relembra.

Em informática os alunos precisam não só ver como funciona, mas também precisam fazer. Não adianta eu explicar para um menino como se copia um arquivo de



uma pasta se ele não fizer. Só quando ele faz ele diz ‘ah, agora eu sei como se faz’. É uma relação muito boa, eu aprendo com eles e eles também me obrigam a aprender algumas coisas, ferramentas de informática que eu não sabia. Sempre gostei de trabalhar com pessoas porque, quando a gente começa a se relacionar mais, aprende sobre convivência.

LUCAS MEDEIROS DA SILVA

16 anos, instrutor voluntário do Projeto de Inclusão Digital da Fundação Nokia.



O projeto tem como objetivo levar as tecnologias da informação e da comunicação para jovens de baixa renda, uma forma de melhorar as condições de vida da população local.

INCLUSÃO DIGITAL E CURSO PREPARATÓRIO PRÉ-NOKIANOS

Instituição responsável

Fundação Nokia de Ensino

Responsável pelo projeto

Péricles A.V. Balderrama

Parceiros

Puras e Sodexo (custeiam 75% do valor da alimentação dos alunos)

Abrangência geográfica

Manaus (AM)

Público

Estudantes da rede pública de ensino em situação de vulnerabilidade socioeconômica; até julho de 2012, 220 no Projeto de Inclusão Digital e 255 no Pré-Nokianos

Investimento

Em 2012, R\$ 37 mil reais para o Projeto de Inclusão Digital e R\$ 42 mil para o Curso Preparatório Pré-Nokianos

www.fundacaonokia.org

Ferramentas para semear o futuro

Programa de capacitação em informática ajuda jovens a otimizar suas produções rurais e melhorar suas perspectivas de sucesso



Divulgação

Nos cursos promovidos nas Casas Familiares, jovens agricultores são preparados para utilizar recursos de tecnologia nas atividades do campo.

Aos 15 anos, Deiziane Gomes de Jesus já tem planos para o futuro. Quer ser médica. A jovem, que ainda está no 1º ano do ensino fundamental no Colégio Estadual João Cardoso dos Santos, em Valença (BA), também sabe de outra coisa: independentemente da profissão, entender de tecnologia hoje é mais do que essencial. Foi em busca desses conhecimentos que Deiziane procurou a Escola Tiro de Guerra, em seu município. “Eu já mexia em computador, mas não tinha tanta afinidade, só usava a internet. Agora sei fazer *slide*, planilha, sei o que é memória RAM”, conta, orgulhosa. Com o certificado nas mãos, a adolescente garante que não vai parar por aí: “O computador te deixa para trás a cada dia, então você tem sempre que estar aprendendo”.

A Escola Tiro de Guerra, onde Deiziane estudou, é uma das parcei-

ras do Programa de Inclusão Digital Caia na Rede, mantido pela Fundação Odebrecht. O projeto foi criado em 2005, inicialmente com a meta de melhorar a qualificação dos trabalhadores da construção civil da obra da Odebrecht PRA-1, plataforma fixa da Petrobras para exploração de petróleo no Recôncavo Baiano. Mas a proposta acabou sendo de interesse também dos moradores da comunidade e a iniciativa terminou por capacitar um total de 1,9 mil pessoas com um curso básico de informática. Foi assim que o Caia na Rede começou a se expandir aos demais canteiros de obra da corporação. Primeiro no Baixo Sul da Bahia, em função da dificuldade de acesso a tecnologias pelas famílias dessa região. Conhecida como Costa do Dendê, a área é predominantemente rural, abrangendo 11 municípios e 285 mil habitantes. Em 2008, surgiu uma nova unidade,

Eu aprendi que a gente nunca sabe demais, nunca sabe tudo. O conhecimento que eu tinha aumentou à medida que eu fui dividindo os conteúdos e recebendo informações novas dos próprios alunos. E a metodologia que a gente aplica aqui é uma coisa mais próxima, não é aquele negócio de passar tudo e o aluno só ouvir e repetir. Só tem agregado ao conhecimento que eu já tinha antes, não só conhecimento técnico, mas também de lidar com as pessoas da comunidade. Sou uma apaixonada de carteirinha por tudo isso.



ROSANA COUTINHO

36 anos, monitora da instituição
Construir Melhor.

na Usina Hidrelétrica São Salvador (TO), onde foram capacitados mais 1,2 mil trabalhadores.

De unidade em unidade, em 2009 a iniciativa chegou ao entorno das 43 obras da construtora pelo Brasil, e aos projetos educacionais no Baixo Sul. A partir de 2010, de acordo com a Odebrecht, atravessou fronteiras e chegou às obras em Angola, Estados Unidos, Libéria, Moçambique, Portugal e Venezuela. Embora não saiba precisar quantas unidades do programa estão em funcionamento

ca: “Faço planejamento durante seis meses, desde a preparação da área a ser cultivada até a venda, incluindo o cálculo da receita líquida”, contou ele ao Anuário ARede 2010.

Para Clovis Faleiro, Relações Institucionais da Fundação Odebrecht, a capacitação traz ganhos não somente para os jovens e seus familiares, mas para toda a sociedade: “A tecnologia aproxima as pessoas, as empresas, os mercados, gerando oportunidades crescentes para todos”. No modelo do Caia na Rede, ficam a

aquisição de *notebooks* para projetos apoiados pela fundação no Baixo Sul da Bahia. A própria fundação, com o programa Tributo ao Futuro, desde 2009, realizou um aporte de R\$ 1,4 milhão para compra de equipamentos, infraestrutura e recursos humanos. Além disso, a área de TI da Odebrecht S.A. assumiu contrapartidas da ordem de R\$ 140 mil; a Oi garantiu a conectividade por 36 meses.

O Caia na Rede é considerado um programa porque, além da alfabetização digital, prevê formação continuada de educadores e qualificação profissional.

hoje, a fundação informa que, até o final de 2011, cerca de 20 mil pessoas foram beneficiadas. Destas, 2,5 mil são do Baixo Sul da Bahia, onde, em 2012, o programa contemplou três novos municípios.

Nascido como um projeto isolado, o Caia na Rede agora é considerado um programa porque, além das atividades da alfabetização digital, prevê formação continuada de educadores e qualificação profissional de jovens. Em 2009, a Fundação Odebrecht firmou parceria com as empresas Dell, Microsoft e Oi. O resultado foi o Acordo de Cooperação para inclusão digital de jovens da Casa Familiar Rural da cidade de Presidente Tancredo Neves (BA). O foco do Caia na Rede se voltou à implantação do Programa de Alfabetização Digital, concebido pela Microsoft. Nos cursos promovidos nas Casas Familiares, jovens agricultores são preparados para utilizar recursos de tecnologia nas atividades agrícolas. Aprendem, por exemplo, a fazer planejamento da produção e cálculos de preços com ferramentas Microsoft. Aluno da Casa Familiar, Maurílio de Jesus, de 22 anos, usa o computador para melhorar sua produção de mandi-

cargo dos parceiros *softwares*, computadores e conexão via satélite. Os educadores, selecionados entre moradores locais, são contratados pelo programa e ganham, em média, R\$ 800 mensais.

Assim como Rosana Coutinho, de 36 anos. Com experiência de mais de uma década no ensino de informática em escolas particulares, ela passou a integrar a equipe da instituição Construir Melhor, em Valença, em fevereiro de 2011. As turmas do Construir Melhor têm 15 alunos, o que possibilita dar mais atenção para cada um. “Nossa ideia é que o pessoal entenda que a tecnologia é uma ferramenta que agrega, não é uma coisa que está longe”, afirma.

Os investimentos vêm de várias frentes. Em 2009, a Microsoft doou as 800 licenças do Windows Vista e as 800 licenças de Office 2007 que os gestores do programa contabilizam hoje. E forneceu servidores para o Portal Colaborativo das Casas Familiares e para o site do Programa Tributo ao Futuro Alfabetização Digital. A Dell cedeu 215 computadores para a Fundação Odebrecht, dos quais 151 foram para o Baixo Sul da Bahia; a Semp Toshiba investiu R\$ 372 mil para a

PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL CAIA NA REDE

Instituições responsáveis

Fundação Odebrecht Engenharia e Construção e Fundação Odebrecht

Responsáveis pelo projeto

Clovis Faleiro, Relações Institucionais da Fundação Odebrecht; Emílio Munaro, diretor de Cidadania Corporativa da Microsoft; João Cumerlato, responsável de TI da Odebrecht Engenharia e Construção

Parceiros

Cisco, Dell, Microsoft, Odebrecht, Oi, Telebras, Semp Toshiba

Abrangência geográfica

Brasil, Moçambique, Portugal e Venezuela

Público

Cerca de 20 mil pessoas, até o final de 2011

Investimento

A Microsoft doou licenças de softwares e forneceu servidores para hospedar sites (investimento de R\$ 1,4 milhão); a Dell cedeu 215 máquinas (investimento de R\$ 500 mil); a Fundação Odebrecht realizou aporte de R\$ 1,4 milhão para aquisição de equipamentos, infraestrutura e recursos humanos; a área de TI da Odebrecht S.A. assumiu contrapartidas da ordem de R\$ 140 mil; a Oi garantiu, por 36 meses, a conectividade nos projetos; a Telebras incluiu o município de Presidente Tancredo Neves no Plano Nacional de Banda Larga; a Semp Toshiba investiu R\$ 372 mil para a aquisição de notebooks para projetos apoiados pela fundação no Baixo Sul da Bahia

www.caianarede.net

Desenvolvimento regional

Mais de 30 cursos gratuitos são oferecidos a comunidades carentes, com propósito de melhorar as condições de vida locais.

Durante seis meses, Murilo Henrique Ribeiro, de 16 anos, perdeu muitas horas em um pesado trânsito intermunicipal. Todos os dias, ele conciliava as aulas do ensino médio, no município paulista de Itapevi, com um curso profissionalizante, na capital do estado. Murilo encarou o sacrifício porque queria ficar mais próximo de

tica básica no curso Jovem Aprendiz, uma das opções na grade de formações do Projeto Interação Digital.

Assim como Murilo, milhares de jovens frequentam os Centros Interativos de Tecnologia (CITs), que integram o projeto mantido pela Fundação Orsa. Em 2012, o Interação Digital alcançou a marca de 40 mil pessoas atendidas em dez centros.

coordenador de Novos Negócios da Fundação Orsa, Tiago Biusse Ghion.

De lá para cá, o Interação Digital cresceu. Hoje existem CITs no Amapá, no Pará e em São Paulo. Os centros são implantados em locais escolhidos segundo o Estudo de Viabilidade Social (EVS), que se baseia em entrevistas e levantamentos estatísticos para identificar as necessidades da comunidade a ser atendida. Atualmente, são oferecidos 32 cursos, desde os mais básicos de informática e digitação, até formação mais avançada, de qualificação específica, como *web design*, editoração gráfica e AutoCAD. A maior parte é de conteúdos Microsoft, uma das parceiras do projeto, mas há formações em *software* livre, como Linux Insigne e pacote BrOffice. Também são ministrados cursos de idiomas e profissionalizantes, de auxiliar administrativo, atendimento

Também são ministrados cursos de idiomas e profissionalizantes, de auxiliar administrativo, atendimento ao cliente e marketing pessoal, entre outros.

conquistar uma boa vaga no mercado de trabalho. “Acrescentou bastante na minha vida porque eu não tinha feito um curso assim antes. Os professores têm dedicação, empenho, vão atrás dos alunos para eles aprenderem”, conta o jovem, que aprendeu práticas de administração e informá-

A iniciativa surgiu em 2007, com duas unidades, no Vale do Jari, entre os estados do Amapá e do Pará, região marcada por diversos problemas sociais. A inclusão digital e a qualificação profissional foram soluções encontradas para melhorar as condições de vida locais, explica o



Fotos Divulgação

Atualmente, são oferecidos 32 cursos, desde os mais básicos de informática e digitação, até formação mais avançada, de qualificação específica, como web design, editoração gráfica e AutoCAD.



Os CITs ficam abertos à comunidade das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira. Se não houver curso, podem ser utilizados para acesso livre.

ao cliente e *marketing* pessoal, entre outros. Cada capacitação dura, em média, dois meses, com aulas duas vezes por semana. Cada unidade atende cerca de mil pessoas por ano. O Interação Digital também trabalha com educação a distância (EAD), mas os alunos desses cursos precisam comparecer periodicamente aos CITs para que seu desempenho seja avaliado pelos orientadores. Segundo a Fundação Orsa, o índice de empregabilidade dos jovens que passam pelo programa está em 47%.

Os CITs ficam abertos à comunidade das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira. Se não houver curso, podem ser utilizados para acesso livre. Recebem pessoas de todas as faixas etárias. Rita de Cássia Pereira, 32 anos, é monitora da unidade Cambuci, em São Paulo, e tem alunos que nunca tinham tido acesso a um computador. Por isso, antes de começar as aulas, ela trabalha com essas pessoas a coordenação motora – o que ajuda a usar o *mouse* e o teclado, por exemplo. Ela também foi preparada para lidar com as diferenças entre os alunos. Enquanto crianças e adolescentes absorvem rápido os conteúdos, as pessoas mais velhas demoram um pouco para entender os processos. Então Rita tem

uma estratégia: o melhor incentivo, acredita, é mostrar como a tecnologia pode auxiliar em suas vidas: “Tem pessoas idosas que às vezes queriam buscar alguma coisa na Receita Federal. Então eu explico que, pela tecnologia, eles não precisam enfrentar filas para saber seus benefícios, podem consultar um *site*”.

Cada CIT tem, em média, 15 máquinas com Windows, projetor e TVs. Outras parceiras do projeto são a Brascin, que oferece assistência técnica; a Dr. Micro, que faz a capacitação dos monitores a distância; a Associação Telecentros de Informação e Negócios (ATN) e a Obra Kolping do Brasil. Os monitores são contratados pela Fundação Orsa com o cargo de orientador social, recebendo entre um e dois salários mínimos.

A maior parte dos recursos para os projetos provém da contribuição fixa de 1% do faturamento bruto anual das empresas do Grupo Orsa, independentemente de seu resultado financeiro. Em 2011, o investimento de cada unidade foi de R\$ 100 mil.

A fundação criou projetos complementares, como o Geração Aprendiz, voltado a adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Em 2011, 600 jovens foram contemplados. E desenvolveu, junto

com suas parceiras, o Selo Verde – que tem como proposta “promover a conscientização sobre responsabilidade ambiental em espaços digitais (telecentros, *lan houses*), produtos (TI Verde) e serviços diversos.

Independentemente da idade a gente sempre aprende com o outro. E com esse projeto a gente não visa só o conhecimento do curso, tem outras questões que nós abordamos também, como viver em sociedade, como ser ético. O aprendizado que eu levo é essa questão de você saber lidar com o outro e respeitar, porque uma pessoa nunca é igual à outra. Cada um vai aprender de um jeito e no seu tempo. Eu me sinto feliz de ver a satisfação deles, principalmente de crianças, eles ficam encantados por descobrir.



RITA DE CÁSSIA PEREIRA

32 anos, monitora do Centro Interativo de Tecnologia no Cambuci, em São Paulo.

INTERAÇÃO DIGITAL

Instituição responsável

Fundação Orsa

Responsável pelo projeto

Tiago Biusse Ghion coordenador de Novos Negócios da Fundação Orsa

Parceiros

ATN, Brascin, Dr. Micro, Microsoft e Obras Kolping do Brasil

Abrangência geográfica

Campinas, Itaberá, Itapeva, Nova Campina, São Paulo e Suzano (SP); Laranjal do Jari e Vitória do Jari (AP); Almeirim e Monte Dourado (PA)

Público

Cada unidade atende mil pessoas/ano, entre crianças, jovens e adultos

Investimento

Em 2011, cerca de R\$ 100 mil por unidade

www.interacaodigital.org.br

Somando forças criativas

Telefônica | Vivo integra ações sociais e promove projetos de cultura digital como o festival R.I.A.

Duas iniciativas de responsabilidade social integradas. O resultado só pode ser uma ação redobrada, com resultados mais impactantes. É o que se pode esperar da Fundação Telefônica | Vivo, surgida com a compra da Vivo pelo Grupo Telefônica, em 2010. A Fundação Telefônica, responsável pelo investimento social do grupo no Brasil, incorporou o Instituto Vivo em 2012, ganhando escala de presença em todo o país. Quatro linhas de atuação foram adotadas como prioritárias: combate ao trabalho infantil, educação e aprendizagem, desenvolvimento local; e voluntariado. Todas têm o suporte da área de Debate e Conhecimento, cujo objetivo é sensibilizar, mobilizar e disseminar conhecimento entre os públicos envolvidos.

Um projeto que se destacou em 2012 foi o R.I.A. Festival, realizado em agosto, em São Paulo, idealizado para estimular o diálogo e a criatividade. A proposta de Refletir, Interagir e Agir (R.I.A.) em torno da cultura digital resultou de uma parceria com o Itaú Cultural e o Centro Ruth Cardoso. “A iniciativa privada é um importante agente de inovação na sociedade e a Fundação vem se caracterizando por propor a experimentação de metodologias e de novos formatos de atuação. Foi nesse contexto que nasceu o R.I.A. Festival”, conta Françoise Trape-nard, presidente da Fundação Telefônica Vivo. O festival de cultura digital reuniu cerca de 1.500 pessoas, presencialmente, e mais de 18,8 mil por streaming, em seis países.

O R.I.A. promoveu painéis de debates com nomes de referência

como Pierre Lévy, Miguel Nicolelis, Eduardo Giannetti da Fonseca, Viviane Mosé, Lala Deheinzelin. No módulo Open Spaces, foram criados espaços para a continuação de reflexões e discussões. No Diálogos Criativos, atividades ligadas a arte. O R.I.A. abrigou também o encontro nacional do Festival de Ideias 2012, evento criado com o intuito de divulgar propostas que melhorem, de alguma forma, o funcionamento

da sociedade. O Festival desenvolveu um site onde qualquer pessoa pode inscrever soluções. As propostas recebem comentários e são melhoradas aos poucos, em debates virtuais e em reuniões presenciais regionais. Todos os autores, para participar, permitem a “cocriação”, a modificação e republicação de suas ideias.

Além da Fundação Telefônica | Vivo, o Festival teve patrocínio da



Fotos Divulgação

O Festival de Ideias 2012 foi criado com o intuito de divulgar propostas que melhorem, de alguma forma, o funcionamento da sociedade.



A Fundação mantém sua atuação nos demais frentes já consolidadas, como o Programa EducaRede, o portal Pro-Menino.

Fundação Lemann, do Instituto Unibanco e da TAM. As empresas formaram um fundo de financiamento que seria repartido entre os melhores projetos. No evento, aberto ao público, cada visitante foi convidado a conhecer, opinar, apontar novos caminhos para os 19 projetos selecionados. Ao longo das cocriações, as pessoas foram estimuladas a su-

vai mostrar famílias que optam por educar seus filhos por conta própria, fora das escolas convencionais. O outro é o Esquadrilha da Risada, um serviço para “desestressar” os passageiros presos nos aeroportos por diversos motivos – de atrasos a cancelamentos de voos.

A Fundação mantém sua atuação nos demais frentes já consolidadas,

Ao longo das cocriações, as pessoas foram estimuladas a sugerir modos para reduzir os custos dos projetos. Com isso, seria possível financiar um número maior de ideias

gerir modos para reduzir os custos dos projetos. Com isso, seria possível financiar um número maior de ideias. Foi o que aconteceu: todos os inscritos ganharam algum aporte do fundo de R\$ 68 mil. Duas ideias receberam os maiores investimentos, R\$ 8 mil cada. Um foi o projeto Vida Fora da Escola, documentário que

como o Programa EducaRede, o portal Pro-Menino, além de ações que otimizam o uso das tecnologias da informação e da comunicação em favor do desenvolvimento de comunidades de baixa renda, da produção de conteúdos digitais para a educação pública e do combate ao trabalho infantil.

R.I.A.

Instituições responsáveis
Fundação Telefônica | Vivo

Parceiros

Fundação Lemann,
Instituto Unibanco e TAM

Abrangência geográfica
Nacional

Público

Crianças e jovens de todo o país

Investimento

Não divulgado

www.fundacaotelefonica.org.br
<http://riafestival.com.br>

Ganho dos dois lados

Escolas e comunidades estabelecem vínculos, trabalham juntas e trocam experiências, gerando conteúdos para ser compartilhados

Quando um projeto social leva as escolas e as comunidades onde estão inseridas a trabalhar junto e estreitar vínculos, ganham os dois lados. Os estudantes aprendem mais porque a teoria dos livros encontra, no cotidiano local, representações concretas. E os moradores passam a reconhecer a escola como um equipamento público, onde, além de estudar, as pessoas podem conviver e gerar iniciativas que trazem benefícios para a vida de cada um e de todos. Essa concepção foi a base do Projeto Rede Jovem Comunica, uma das ações do Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar (NCCS), que fica no bairro de São Miguel Paulista, zona Leste de São Paulo (SP). O projeto, criado em 2008 pela Fundação Tide Setubal, vem aumentando seu alcance e conquistando novos parceiros.

Na prática, a proposta é estimular estudantes a produzir conteúdos relacionados às suas realidades por meio do uso de tecnologias da comunicação e da informação (TICs). Uma vez por semana, integrantes do Núcleo vão às escolas ministrar oficinas



Fotos Divulgação

Uma vez por semana, integrantes do Núcleo vão às escolas ministrar oficinas de audiovisual, rádio, veículos impressos, luteria, teatro, internet, fotografia, entre outras.

Como a ideia é fortalecer o desenvolvimento regional, o projeto estabelece que todos os trabalhos tenham como foco o bairro de São Miguel Paulista e seu entorno, onde as escolas estão inseridas. O coordenador do Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar, José Luiz Adeve, destaca que “o principal benefício é as pessoas se interessarem em participar do processo de construção de uma educação volta-

ajudando escolas de outras partes da cidade a desenvolver projetos semelhantes. A Rede Jovem Comunica colabora com a formação de 20 educadores nas organizações não governamentais Assistência Comunitária de Ação Social (Acas), Centro Social Marista Irmão Justino e Centro Educacional Comunitário da Criança e do Adolescente (Cecra) Ademir Lemos.

A Rede Jovem Comunica já surgiu com vocação para o trabalho colaborativo. Não foi um projeto idealizado e implantado de cima para baixo: partiu de um grupo de trinta jovens que participava do São Miguel no Ar, o embrião do atual Núcleo de Comunicação. Eles queriam trabalhar os conteúdos de comunicação voltados para a realidade local em suas escolas. Professores e outros alunos foram se encantando com a ideia e logo, logo, começaram a confeccionar fanzines.

Uma das principais atividades

Não foi um projeto idealizado e implantado de cima para baixo: partiu um grupo de trinta jovens que participava do São Miguel no Ar.

cinas de audiovisual, rádio, veículos impressos, luteria, teatro, internet, fotografia, entre outras. A partir daí, os alunos produzem programas de rádio e TV, blogs e textos impressos. A cada dois meses, todas as escolas se reúnem para trocar experiências e apresentar o que fizeram.

da para um melhor viver junto”, diz.

Atualmente, seis escolas / duas estaduais e quatro municipais / fazem parte da rede, que soma 130 alunos e 65 professores. Mas a iniciativa já beneficiou cerca de mil estudantes de 11 escolas. Agora, semeia novos frutos: o Núcleo está

da rede é a Rádio de Rua, que circula pelo bairro, promovendo intervenções ao vivo em diversas feiras livres. E a programação não é “só” brincadeira, não. “Antes não tinha posto de saúde em São Miguel. Com a Rádio de Rua conseguiram um posto”, relata Eduardo de Oliveira Souza, de 14 anos, aluno da Escola Estadual Reverendo Urbano que participa do projeto há três anos. O diretor da escola, Álvaro José Algatao, acrescenta mais resultados positivos do projeto: “O comportamento dos alunos melhora, eles se tornam mais tranquilos no relacionamento com as pessoas. Todo mundo sai ganhando”. Como ex-professor de informática, Algatao tem um prazer ainda maior ao ver os estudantes envolvidos com tecnologia. “Eles aprendem, por exemplo, a consertar cabo de som, microfone... É bastante conhecimento extracurricular”, diz.

A infraestrutura para bancar toda essa produção vem de diversas fontes. Algumas escolas têm seus próprios equipamentos multimídia. E, no Núcleo, há nove computadores - três com programas proprietários de edição e diagramação; seis com Linux -, gravador de voz, três câmeras fotográficas digitais, duas filmadoras miniDV, tripé e dispositivos de iluminação.

A internet é o canal de divulgação dos trabalhos, responsabilidade dos próprios estudantes. Ferramentas como *blogs* e redes sociais têm papel fundamental para mostrar e fazer crescer a rede. “Eles mandam os produtos deles uns para os outros, de escola para escola, marcam encontros”, conta o professor. A próxima meta é criar uma plataforma *online* que vai reunir todo o material produzido pelas escolas.

A Fundação Tide Setubal mantém ainda o Núcleo de Estudos e Gestão do Conhecimento, criado para consolidar a geração do conhecimento e fortalecer profissionais a partir das experiências práticas. No portal da fundação estão disponíveis textos para discussão, artigos e sugestões de leitura que subsidiam o planejamento e a fundamentação teórica de atividades, além de publicações que apresentam metodologias e reflexões sobre os projetos. A experiência do Núcleo de Comunicação Comunitária foi tema da publicação *EduComunicação em Movimento*, lançada em 2012. O livro, disponível na internet, registra os desafios e as conquistas na trajetória do projeto, mas também pretende se tornar um estímulo a novas ações semelhantes. Por isso, inclui manuais de TV, rádio de rua, *blog* e jornal comunitário / www.fundacaotidesetubal.org.br/conhecimento/publicacoes/388.

Gosto de ver os resultados acontecendo.

Todo dia na escola tem alguma coisa que deixa a gente feliz, seja um aluno

que não gostava de escrever e agora está

escrevendo para o jornal ou um aluno tímido que está perdendo a timidez e vira repórter na rádio.

Essas pequenas coisas são gratificantes. Você nunca sabe o

que vai acontecer porque cada escola é diferente, tem sua

demanda. A gente pensa que escola é uma rotina, mas não é

assim. É um lugar de constante transformação e movimento.



ANDRELISSA RUIZ

26 anos, educadora, é formada em Jornalismo, faz pós-graduação em Redes Digitais, Terceiro Setor e Sustentabilidade.

REDE JOVEM COMUNICA

Instituição responsável

Fundação Tide Setubal

Responsável pelo projeto

José Luiz Adeve, coordenador do Núcleo de Comunicação Comunitária São Miguel no Ar

Parceiros

EE Reverendo Urbano, EE Shinquichi Agari, EMEF Antonio Carlos Andrada, EMEF Armando Cridez Righetti, EMEF José Honório Rodrigues, EMEF Pedro Luis Cordeiro

Abrangência geográfica

Cidade A. E. Carvalho, Itaim Paulista, Jd. Kemel, São Miguel Paulista, Vila Curuçá e Vila Itaim, todas na zona Leste de São Paulo (SP)

Público

130 alunos e 65 educadores

Investimento

R\$ 90 mil / cerca de 20% vêm de recursos captados por assessorias tecnológicas que o Núcleo de Comunicação Comunitária realiza para terceiros

<http://nccsaomiguelnoar.blogspot.com.br>



Uma das principais atividades da rede é a Rádio de Rua, que circula pelo bairro, promovendo intervenções ao vivo em diversas feiras livres.

Casa aberta à formação

Fundação reformula antigos programas e dá início a novas ações de inclusão combinadas com atividades de leitura e arte

Com pouco mais de dez mil habitantes, a pequena São Gonçalo do Rio Abaixo (MG) é conhecida como “cidade do ferro”. Ali localiza-se a mina de Brucutu, explorada pela Vale e segunda maior reserva de minério de ferro do país, com produção estimada em 30 milhões de toneladas por ano. O município, cercado pelas bucólicas serras do Catungui e do Tamanduá, detém o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de Minas Gerais e altos índices de oferta de emprego.

Se a economia de São Gonçalo do Rio Abaixo vai bem, a educação caminha para isso. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) chega a seis pontos, devido à formação de professores e gestores educacionais. Parte desse crédito deve-se à parceria da Prefeitura com a Fundação Vale. Em junho de 2012, um acordo firmado com o programa Ação Educação, da fundação, garantirá a formação, por três anos, da equipe da Secretaria de Educação,



Fotos Divulgação

A previsão do Cedac é que o Ação Educação, com a Casa do Aprender, sejam implantados em cinco estados.

pelos ministérios da Cultura e da Educação e pela Organização dos Estados Ibero-americanos para Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). “A Casa do Aprender será aberta a toda a comunidade, garantindo acesso irrestrito a um equipamento público.

sejam implantados em cinco estados. Até agosto de 2012 foram firmados convênios em São Pedro da Água Branca e Bom Jesus das Selvas (MA), Parauapebas e Ourilândia do Norte (PA), Itabira, Rio Piracicaba, São Gonçalo do Rio Abaixo e Barão de Cocais (MG). Municípios de Tocantins e Sergipe devem assinar os acordos até o final de 2012. O espaço abrigará salas de encontro, biblioteca com no mínimo sete mil títulos, videoteca, ateliê de artes e brinquedoteca. Nas ações de inclusão digital planeja-se o uso de lousa digital, e-books e jogos virtuais. O espaço para acesso à internet será coordenado por técnicos e professores de informática, com foco na formação e no desenvolvimento humano.

Organizado pelo Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (Cedac), o “novo” Ação Educação começou a funcionar em

O objetivo é criar um local de referência no município, onde o cidadão encontrará pessoal qualificado, recursos tecnológicos, espaço para palestras.

diretores e os professores de português e matemática da rede municipal que atuam do 1º ao 9º ano.

A principal novidade será a Casa do Aprender. Trata-se de uma repaginação da Casa do Professor, projeto nacional da Fundação Vale originalmente destinado apenas a educadores e que em 2011 recebeu a menção honrosa “José Mindlin”, na 6ª edição do Prêmio Viva Leitura, outorgado

O objetivo é criar um local que seja referência no município, onde o cidadão encontrará pessoal qualificado, recursos tecnológicos, espaço para palestras e formação e um banco de dados de boas experiências a serem compartilhadas”, diz Sandra Maymi Murakami Medrano, da coordenação executiva do projeto.

A previsão do Cedac é que o Ação Educação, com a Casa do Aprender,



Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (Cedac), o “novo” Ação Educação substituirá dois programas educacionais.

agosto. Substituirá, gradualmente, dois programas educacionais da Fundação Vale, que entre 1999 e 2011 beneficiaram 783 mil alunos e 1.800 educadores. O primeiro é o programa também chamado Ação Educação, que desde 2009 auxiliava os municípios a entender e implantar programas nacionais e estaduais de educação, a partir dos parâmetros definidos pelo PAR Plano de Ações Articuladas, do Ministério da Educação (MEC).

O outro projeto a ser substituído gradualmente é o Escola que Vale, desenvolvido desde 1999 em municípios do Maranhão, Pará, Minas Gerais e Espírito Santo, onde a Vale atua. Ainda em funcionamento em algumas localidades, o Escola que Vale é direcionado ao desenvolvimento de práticas que ajudam os gestores no trabalho em sala de aula. Em 2011 o programa ofereceu formação, presencial e a distância, a 657 supervisores e coordenadores pedagógicos em língua portuguesa, matemática, artes e gestão escolar,

com ênfase na educação infantil e no primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 4º ano). Com esse trabalho, calcula-se que 200 mil alunos foram beneficiados. O alcance do programa o colocou, em 2011, entre os 15 finalistas do prêmio mundial de práticas mais eficientes na educação, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

No “novo” Ação Educação, a formação dos educadores e gestores é feita em encontros presenciais bimestrais e por meio de atividades virtuais programadas de acordo com a realidade local. Para dar suporte ao programa, o Cedac coordena a criação do Portal de Aprendizagem, para acesso de professores, formadores, secretaria e equipe da Casa do Aprender. O site, lançado em agosto de 2012, abriga conteúdos dos cursos de formação, tutoriais e espaço para troca de experiências. “A intenção é diminuir a desigualdade tecnológica e inserir os professores na era digital”, relata Sandra.

AÇÃO EDUCAÇÃO

Instituições responsáveis

Fundação Vale

Responsável pelo projeto

Sandra Maymi Murakami Medrano, coordenadora pedagógica do Programa Ação Educação, do Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (Cedac)

Parceiro

Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Abrangência geográfica

Em agosto de 2012, oito municípios nos estados do Maranhão, Minas Gerais e Pará. Expansão prevista para os estados de Espírito Santo e Sergipe, a partir de plano de atuação da Fundação Vale

Público

Em 2012, previsão de atendimento de gestores de oito municípios e 97 escolas, envolvendo 2.341 professores do ensino fundamental 1 e 2, e 54 técnicos das secretarias de educação participantes (dados parciais)

Investimento

Informação não disponível

www.comunidadeeducativa.org.br

Brincadeira educativa

Computador com programas interativos facilita assimilação das disciplinas, aumenta a confiança de alunos e motiva professores

Referência na área de transplantes para o público infantojuvenil e especializado em atendimento de longa duração, o Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba (PR), viu no Projeto KidSmart uma forma eficaz e prazerosa de melhorar a vida dos pequenos internados. Segundo Maria Gloss, supervisora do setor de Educação e Cultura da instituição, para o hospital, eles não são apenas pacientes, mas indivíduos que precisam ser atendidos em seu direito aos estudos. Por isso, seguindo uma orientação de dar autonomia à criança, para que construa seu próprio conhecimento, o projeto ajuda a recuperação e mantém a criança em contato com as disciplinas escolares. “Ninguém diz o que a criança vai fazer. Ela começa a mexer no computador tendo ao lado um dos 17 pro-

fissionais cedidos pelas secretarias estadual e municipal de educação que trabalham sob a nossa supervisão”, descreve Maria.

Embora o hospital não tenha dados quantitativos que indiquem a melhora nos tratamentos como impacto do projeto, Maria diz que é possível perceber as alterações de quadros, pois a criança passa a ser agente de seu processo de restabelecimento da saúde. “A recuperação é um processo desgastante, que exige energia e deixa as pessoas cansadas. Com o projeto, a mudança é visível no comportamento e no brilho dos olhos. O que a gente percebe é o viés da produção. Os médicos observando isso fazem questão de nosso atendimento no sentido de minimizar os efeitos colaterais para que essa pessoa seja cuidada e não saia daqui com outras cicatri-

A gente aprende que a ferramenta, por si só, não garante aprendizagem. Há toda uma dinâmica envolvida e uma articulação em rede. As pessoas que participaram do curso em vários estados trocam experiências. Já tinha algum conhecimento de informática, mas não navegava. Hoje participo do mundo virtual das redes sociais e dos fóruns, dos quais antes tinha receio.



PLAUTILA NEVES

36 anos, professora do Centro Municipal de Educação Infantil Baronesa de Sautipe, em Salvador (BA).



Fotos Divulgação

O kit é composto de um computador em formato de brinquedo, com programas educacionais nas áreas de geografia, matemática e ciências.

zes que não sejam físicas”, observa Maria Gloss.

Criado em 2002, o Projeto KidSmart, desenvolvido pela IBM, já foi implantado em mais de 500 escolas públicas e em aproximadamente cem ONGs e hospitais de 66 cidades espalhadas por 27 estados brasileiros. Mais de 1.800 professores e coordenadores já foram capacitados, atendendo cerca de 500 mil crianças desde 2002.

O KidSmart é um kit composto de um computador em formato de brinquedo, com programas educacionais nas áreas de geografia, matemática e ciências. Foi desenvolvido com a proposta de levar o acesso à tecnologia para crianças de quatro a seis anos das pré-escolas de todo o país. A IBM doa a solução a pré-escolas públicas municipais. O conteúdo interativo do KidSmart trabalha o raciocínio e a criatividade, além de possibilitar que as crianças se apropriem do mundo digital desde pequenas.

“O professor também fica mais motivado. No início, apenas doávamos os equipamentos. Mas vimos que não eram muito utilizados. Aí fomos mostrando os benefícios pedagógicos e capacitando os professores a usá-los de forma integrada com outras disciplinas. Então a adesão aumentou”, conta Alcely



O conteúdo interativo trabalha o raciocínio e a criatividade, além de possibilitar que as crianças se apropriem do mundo digital desde pequenas.

implantação do projeto apontam 90% de adesão dos professores de educação infantil da rede oficial de ensino da cidade e nas atividades de comunicação via rede; 85% das

Além da doação dos equipamentos e dos softwares educacionais, há capacitação de professores, coordenadores e monitores de instituições.

Barroso, executiva de Cidadania Corporativa da IBM Brasil. Além da doação dos equipamentos e dos softwares educacionais, a IBM oferece capacitação aos professores, coordenadores do ensino público e monitores de instituições. No Portal KidSmart, uma rede de educadores faz intercâmbio de práticas de educação infantil.

Segundo Alcely, indicadores de

crianças matriculadas nas salas de pré-escola alfabetizadas; 100% de implantação dos cantos de atividades diversificadas nas salas das pré-escolas e de continuidade do KidSmart no projeto pedagógico da escola; e 100% de suporte e manutenção do patrimônio doado pela IBM, após o período de garantia dos equipamentos. O projeto é todo financiado pela IBM.

KIDSMART

Instituição responsável

IBM Brasil

Responsável pelo projeto

Alcely Barroso, executiva de Cidadania Corporativa

Parceiros

Secretarias municipais e estaduais de Educação: Belo Horizonte, Caraguatatuba, Cascavel, Caxias do Sul, Chapecó, Curitiba, Fortaleza, Hortolândia, Itaquera, Mangaratiba, Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, além de ONGs, hospitais, creches, fundações

Abrangência geográfica

São 66 cidades de 27 estados

Público

Mais de 1.800 professores e monitores de instituições já foram capacitados e cerca de 500 mil crianças atendidas até 2012

Investimento

Informação não disponível

www.ibmcomunidade.com.br/KidSmart

Educação compartilhada

Boas práticas pedagógicas são fomentadas por programa de formação a longo prazo de educadores de escolas públicas.

Até 2010, giz e lousa eram os principais instrumentos pedagógicos da Escola Municipal de Educação Básica (Emeb) Doutor Valeriano Gomes do Nascimento, em Franca (SP). Tecnologia era um bicho de sete cabeças. De um lado, os professores pouco se arriscavam a utilizar os computadores e ferramentas do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), implantados na escola. Do outro, os cerca de 700 alunos que estudam no colégio do bairro City Petrópolis, grande parte deles da área rural, raramente entravam na sala de informática, com 16 equipamentos conectados à internet, mas pouco utilizados.

Essa realidade começou a mudar em 2011, depois que a diretora Juliana Cunha de Melo participou do curso do programa Algar Educa, do Instituto Algar Educa (IAR). Com o estímulo para que participassem de

oficinas educacionais virtuais, em pouco mais de um ano os professores aprenderam a usar e-mails, abriram fóruns virtuais e criaram *blogs*, com a participação dos alunos. “Houve uma grande mudança na sala de aula regular e na de recuperação paralela, de reforço escolar em horário alternativo às aulas”, comemora Priscila de Oliveira Canto, professora de uma turma de quarto ano em que apenas duas crianças

Maria Batista Bastianini fez um relato de uma atividade na cozinha do colégio. A mistura de conteúdos de matemática, português e ciências resultou em dois bolos, de chocolate e de fubá: “Hoje eu adorei a aula. Aprendi sobre os sacos plásticos e que quase a maioria das tartarugas marinhas morre com a ingestão de sacolinhas plásticas. E que nós podemos reutilizar (aproveitar) os lixos orgânicos para fazer adubo. Adorei

Na nova fase, o programa deu prioridade à formação de diretores e coordenadores escolares, considerados líderes fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem.

têm computador em casa. “A tecnologia, além de ajudar na inclusão digital, auxilia na prática da pesquisa e da escrita e abre novos horizontes para os jovens”, diz.

As aulas interativas dão resultado. No final de 2011, a aluna Gabriele

o bolo também”. Tudo foi devidamente registrado em fotos e vídeos e publicado no *blog* da turma.

Por trás das mudanças de práticas pedagógicas está o Algar Educa, que em 2011 redirecionou o foco e voltou-se à gestão escolar. O programa teve início em 2008 e até o final de 2010 esteve voltado à formação de educadores, com ênfase no desenvolvimento de atividades e metodologias para o ensino de língua portuguesa, matemática e ciências, a partir do uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Na nova fase, o programa deu prioridade à formação de diretores e coordenadores escolares, considerados líderes fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem. Em 2012 o programa estendeu a rede a um professor de cada escola, também considerado líder.

A formação dura três anos. Os educadores participam de dois encontros de formação presencial e desenvolvem atividades por meio de uma comunidade virtual, que



No primeiro semestre de 2012, o espaço virtual teve alto índice de participação. Foram 1.567 acessos e 295 postagens – uma média de 57 acessos/dia.

funciona como ferramenta de comunicação, hospeda as tarefas decorrentes dos encontros e oferece um curso a distância, de 36 horas. Uma das tarefas é a execução de um plano de ação na escola que viabilize os objetivos do programa em todos os contextos, com a avaliação final dos alunos. As propostas são compartilhadas em um *blog*, sediado no site do Instituto Algar (www.institutoalgar.org.br/algareduca).

No primeiro semestre de 2012, o espaço virtual teve alto índice de participação. Foram 1.567 acessos e 295 postagens. “Os dados revelam uma média de 57 acessos/dia, o que para nós significa boa resposta”, avalia Priscilla Nogueira, analista de programas sociais do Instituto Algar. Em 2012, integram o programa 218 pessoas, das quais 27 técnicos das secretarias municipais de Educação e das Superintendências Regionais de Ensino, pontos de referência que fazem a ligação entre as escolas e o IAR. A turma é formada ainda por 63 diretores de escola, 47 coordenadores pedagógicos e 81 professores de 93 escolas. “Como buscamos a educação integral em uma pers-

pectiva de desenvolvimento humano, nossas metas não são de curto prazo. A ideia é trabalhar em toda a cadeia educacional, do técnico ao diretor, até formar integralmente o educador, para transformar a educação. Com o grupo atual, chegamos a atingir três mil alunos de 14 cidades”, calcula Priscilla.

O programa é desenvolvido prioritariamente em escolas públicas localizadas em regiões de alta vulnerabilidade social, indicadas pelas secretarias de Educação. Até 2011 eram dez cidades, em regiões de atuação do grupo Algar nos estados de Goiás, Minas Gerais, Maranhão e São Paulo. Em 2012, o número subiu para 14, com a inclusão dos municípios mineiros de Araguari, Araxá, Divinópolis e Patrocínio.

Desde sua criação, o Algar Educa tem assessoria pedagógica do Criação Consultoria. Os recursos, de R\$ 1.135 mil em 2011, vêm unicamente pelo Instituto Algar. Os bons resultados estão rendendo reconhecimento: em 2011, o instituto recebeu o selo Empresa Cidadã e o selo Amigos da Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia (MG).

Sou formada em história e há 12 anos trabalho com ensino fundamental. Leciono para uma sala do 4º ano e para uma turma em recuperação.



Até o ano passado, nunca tinha pensado em usar tecnologia nas aulas. No começo foi difícil, nem sabia usar e-mail. Aprendi na prática, errando e acertando. Mas vale a pena ver os alunos interagirem e questionarem, sugerindo atividades e se envolvendo. E o mais bonito é ver a reação dos pais, trabalhadores rurais que não têm acesso à internet, orgulhosos e com autoestima elevada diante dos blogs feitos pelos filhos.

PRISCILA DE OLIVEIRA CANTO

Professora do ensino fundamental na Escola Municipal de Educação Básica.

Doutor Valeriano Gomes do Nascimento, Franca (SP)

PROGRAMA ALGAR EDUCA

Instituição responsável

Instituto Algar

Responsável pelo projeto

Priscilla Nogueira, analista de programas sociais do Instituto Algar

Parceiros

Municípios de Balsas, Porto Franco (MA); Franca e São José do Rio Preto (SP); Araguari, Araxá, Divinópolis, Ituiutaba, Pará de Minas, Patos de Minas, Patrocínio e Uberaba (MG); secretarias municipais de Educação de Itumbiara (GO), Superintendências Regionais de Ensino de Pará de Minas e Uberlândia e Unidade Regional de Educação de Balsas (MA)

Abrangência geográfica

Catorze cidades dos estados de Goiás, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo

Público

Em 2012, 95 escolas públicas de ensino fundamental, envolvendo 218 educadores e cerca de 3.500 alunos

Investimento

Em 2011, R\$ 1.135 mil, com recursos próprios

www.institutoalgar.org.br



Os educadores participam de dois encontros de formação presencial e desenvolvem atividades por meio de uma comunidade virtual.

Boas práticas valem muito

Premiação identifica projetos de impacto, valoriza iniciativas de inclusão e cultura digital e promove trabalho de organizações sociais

Zoom é o movimento de câmera que aproxima as imagens no campo visual. Foi com esse propósito, de chegar mais perto, que a assistente social Adriana Fátima Sala e a educadora Angela Oliveira Luz idealizaram o Instituto Zoom Aproximando Pessoas Especiais. A instituição, criada em 2009, começou fazendo diagnóstico e prestando atendimento a autistas. A partir de 2012, passou a receber também portadores do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Hoje são beneficiadas pelo instituto 27 crianças, além de adultos, em um total de 40 pessoas. Seria mais uma instituição com foco na área de saúde não fosse a metodologia de terapia pioneira, desenvolvida por pais de autistas, e o inovador uso de *tablets*

no resgate da interação social desses pacientes especiais.

Foram essas características, entre outras, que levaram o instituto Zoom a ganhar, em 2011, o Prêmio Instituto Claro. A iniciativa valoriza projetos que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em duas modalidades: Inovar na Escola e Inovar na Comunidade. As propostas chegam de universidades, ONGs, associações, cooperativas e escolas, e são analisadas por uma comissão de especialistas em tecnologia e educação. Desde a primeira edição, em 2009, o Instituto Claro recebeu inscrições de 3.852 projetos, dos quais 16 foram contemplados com prêmios em dinheiro (de R\$ 100 mil a R\$ 150 mil), além de equipamentos e cursos no Senac. Entre maio e novembro de 2011, na

Este trabalho é maravilhoso porque muitas vezes a gente não tem tempo livre para brincar e mostrar que brincar com alguém é muito mais divertido do que isoladamente. O tablet ajudou muito, pois tem aplicativos que fazem a criança entender que para toda ação há uma reação. Eu amo este trabalho e não me vejo fazendo outra coisa.

FERNANDA DE FÁTIMA PEREIRA CONTINI

27 anos, mãe de um menino autista de cinco anos e facilitadora do Projeto Zoom.



Fotos Divulgação

Desde a primeira edição, em 2009, foram inscritos 3.852 projetos, dos quais 16 foram contemplados com prêmios em dinheiro, além de equipamentos e cursos no Senac.



As propostas chegam de universidades, ONGs, associações, cooperativas e escolas, e são analisadas por uma comissão de especialistas em tecnologia e educação.

terceira edição, foram inscritos 1.101 projetos de todas as regiões do Brasil. Quatro vencedores dividiram o prêmio de R\$ 150 mil e receberam o curso Web Colaborativa Aplicada à Educação, do Senac. Além do Zoom, foram premiados também os projetos Ecoweb (Campo Bom – RS);

indo para a escola sem orientação. Muitos sequer eram corretamente diagnosticados. Decidimos redirecionar o projeto e, por meio de um trabalho de divulgação e conscientização, as pessoas começaram a aparecer”, conta Adriana. A equipe tem apoio da psiquiatra Silvia Stall Merlin, que

A iniciativa valoriza projetos que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação em duas modalidades: Inovar na Escola e Inovar na Comunidade.

Aprender Brincando com Processing e Arduino (Rio de Janeiro – RJ) e NeuroAventura (Rio de Janeiro – RJ).

O Zoom surgiu como uma organização não governamental (ONG) na cidade de Salto, no interior de São Paulo, município com 120 mil habitantes e próximo a grandes centros urbanos como Campinas e Sorocaba. Inicialmente, instalou-se no Centro de Orientação e Educação Social (Coeso), que já cuidava de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. “Mas percebemos que não havia na cidade nada referente aos portadores de autismo, nem mesmo estatísticas e setores especializados. O autista estava dentro de casa ou

atende como voluntária e, junto com uma equipe de avaliação, começou a diagnosticar até mesmo pessoas que desconheciam ter a doença.

O instituto adota o Sunrise, método desenvolvido por pais de autistas para estimular a interação social por contatos sociais e físicos. Uma grande inovação no tratamento, porém, veio com a introdução dos *tablets*. Esse equipamento se mostrou uma ferramenta bastante eficaz com as crianças por conta dos jogos e pela própria interface de uso, baseada em toque e gestos, elementos bastante familiares dentro do universo do autista.

“O *tablet* reage ao toque. E pro-

curamos trabalhar com aplicativos que exigem a interação com mais alguém. O nosso foco é a interação social, pois essas crianças não têm nenhuma dificuldade cognitiva”, observa Angela. Entre os aplicativos utilizados nas terapias estão *TalkBoard*, *GarageBand*, *Photogene*, *OmniGraffle*, *Comic Life* e *Talking Tom Cat*. Angela destaca que os autistas têm muito mais facilidade em lidar com a tecnologia do que em se relacionar com as pessoas, e essa característica é observada cuidadosamente.

“Se não usarmos corretamente o equipamento, o autista vai se isolar. O que fazemos é estimular que ele use o *tablet* para se comunicar ou para colocar fotos e se ver individualmente, e também com outras pessoas. As crianças adoram essa atividade, que é uma construção da identidade de cada um. Uma das primeiras etapas é ensinar o valor do contato visual e o valor das palavras, sinais que compõem o diálogo e que eles têm dificuldade de enxergar. O *tablet* também permite que eles falem de sentimentos ou do estado de humor. Enfim, o que procuramos ensinar é que eles usem o *tablet* e não sejam usados por ele”, diz Angela.

PRÊMIO INSTITUTO CLARO

Instituição responsável

Instituto Claro

Responsável pelo projeto

Maria Tereza de Oliveira Sita, gestora do Instituto Claro

Parceiro

Senac

Abrangência geográfica

Nacional

Público

ONGs, instituições educativas, educadores e estudantes. Desde 2009, 16 iniciativas foram contempladas com prêmios que variam de R\$ 100 mil a R\$ 150 mil

Investimento

R\$ 400 mil - R\$ 100 mil em 2009, R\$ 150 mil em 2010 e R\$ 150 mil em 2011

www.institutoclaro.org.br

Distâncias aproximadas

Projeto leva conteúdos, cursos e atualização a comunidades que vivem em regiões de difícil acesso

Cláudia Ramires Félix, de 14 anos, não sentiu muito a diferença, em termos de acesso à tecnologia, quando se mudou da capital Manaus (AM) para a Ilha da Marchantaria, que fica bem no meio do Rio Solimões. A ilha faz parte do município amazonense de Iranduba e tem apenas 500 habitantes. Mas já dispõe de conexão em alta velocidade, que chega via 18 quilômetros de cabos de fibra óptica submersos no leito fluvial. Em Manaus, Cláudia fez um curso de informática e agora, na ilha, usa o computador para fazer pesquisas escolares. Isto é, quando há energia. Porque isso só acontece em alguns horários do dia, que variam de acordo com a disponibilidade de um único gerador local, propriedade de um dos moradores da ilha e que “empresta” para os demais. “O único problema é a falta de energia.

Quando estiver disponível, vou fazer mais coisas. O que mais gosto são as pesquisas para ampliar o que aprendemos nas aulas”, diz a aluna do 9º ano do ensino fundamental.

A Marchantaria é uma das localidades atendidas pelo Instituto Embratel, com o Projeto Embratel Educação, que tem como eixo levar conhecimento por meio da internet para localidades remotas, onde há di-

fícil acesso a infraestrutura e a conteúdos educacionais. A Embratel, dentro de sua atuação como operadora, fornece a conexão por satélite ou, como no caso da ilha, por fibra

óptica. Até 2012, 107 escolas em comunidades ribeirinhas afastadas, quilombolas e reservas indígenas nessas condições foram conectadas. Porém, pensando nessas populações, mais do que levar conectividade, o instituto criou o Projeto Embratel Educação, que beneficia qualquer pessoa, pois consiste em um portal de conteúdos educacionais de livre consulta. No site, há cursos *online* de

No site, há cursos online de introdução à informática e desenvolvimento web, ambos com enfoque em software livre. Um canal de TV web exibe programação educativa.

ficuldade de acesso a infraestrutura e a conteúdos educacionais. A Embratel, dentro de sua atuação como operadora, fornece a conexão por satélite ou, como no caso da ilha, por fibra

introdução à informática e desenvolvimento web, ambos com enfoque em *software* livre. Um canal de TV web, a TV.com, exibe programação educativa durante 24 horas – a grade



Fotos Divulgação

Iniciado em 2004, o Embratel Educação está implantado nos estados de Amazonas, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Tocantins.



Até 2012, 107 escolas em comunidades ribeirinhas afastadas, quilombolas e reservas indígenas de difícil acesso foram conectadas.

de vídeos é fruto de uma parceria entre o Ministério da Educação e a Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas. O portal também divulga informações do mundo da educação e faz cobertura de congressos e seminários promovidos por diversas universidades brasileiras. Permite ainda acesso virtual a obras das bibliotecas Mário de Andrade (São Paulo) e Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Iniciado em 2004, o Embratel Educação está implantado nos estados de Amazonas, Bahia, Goiás,

Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Tocantins. “São sempre comunidades de difícil acesso e baixo IDH”, diz Branca Heloísa de Souza, gerente do projeto. Após a instalação da conexão, a empresa faz o monitoramento do índice de conectividade do local. “O objetivo é identificarmos o que precisa ser feito para ampliar a utilização. Em alguns casos fornecemos, inclusive, os computadores. Na Ilha da Marchantaria, conectamos duas escolas que ficam em lados opostos da ilha. Cada uma recebeu dois computadores”, conta Branca.

A alegria de poder me comunicar com o mundo só estará completa quando chegar à minha comunidade o Programa Luz Para Todos. Hoje a falta de energia é a única coisa que impede o livre acesso à internet de alta velocidade disponível. Até mesmo telefonia já está disponível em um orelhão alimentado por energia solar.

MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES
34 anos, diretora de escola pública na Ilha da Marchantaria.



Na Ilha da Marchantaria, foram conectadas duas escolas que ficam em lados opostos da ilha; cada uma recebeu dois computadores.

EMBRATEL EDUCAÇÃO

Instituição responsável

Instituto Embratel

Responsável pelo projeto

Branca Heloísa de Souza

Parceiros

Biblioteca Nacional, Biblioteca Mário de Andrade, PUC-MG, PUC-RJ, UERJ, UFMG e UFRJ

Abrangência geográfica

Amazonas, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Tocantins

Público

Professores e alunos de escolas públicas. Já foram beneficiados 3,780 professores e 65-274 alunos

Investimento

Informação não disponível

www.institutoembratel.org.br

Preparação para a vida

Jovens em situação de risco social resgatam autoestima e recebem capacitação para encontrar uma oportunidade melhor na vida

Como toda adolescente, Noemia Martiniano da Rocha vive muitas novas experiências. Aos 17 anos, aluna do último ano do ensino médio na pequena cidade de Itapeverica da Serra (SP), ela cita duas coisas que nunca vai esquecer. Uma foi a oportunidade de fazer estágio como produtora do grupo de teatro do ator Fábio Assunção. Outra foi a participação no projeto Conexão Direta, onde teve aulas de informática, técnicas de vendas e de atendimento a clientes. Porém, o que mais marcou Noemia nessa formação não foram os conhecimentos adquiridos. E sim o resgate da sua autoestima e o que aprendeu sobre cidadania: “Foi um projeto que nos fez refletir sobre a vida e seus valores. O que levo para minha vida é que a gente tem de

aproveitar o momento e as oportunidades”, diz a estudante, que agora começa a se preparar para entrar na universidade.

Noemia é uma das jovens atendidas pelo Conexão Direta, iniciativa do Instituto Nextel, que também mantém o projeto Conexão Digital, de formação de *web designers*. Ambos acontecem desde 2007, com o objetivo de levar formação integral

manos da Nextel, ressalta que formação integral não é apenas o ensino das disciplinas regulares, mas sobretudo “a assimilação da ética e dos valores humanos para o resgate da cidadania de um jovem que chega fragilizado ao instituto”.

Os desafios são enormes. Muitos jovens são vítimas de abuso na família e trazem essas marcas para o instituto. “Precisamos, por exemplo,

O curso tem duração de seis meses, com quatro horas diárias de aprendizado. Utiliza metodologia elaborada pela própria Nextel.

a meninos e meninas em situação de risco social. Já foram beneficiados 2.600 jovens. Américo Figueiredo, presidente do Instituto Nextel e vice-presidente de Recursos Hu-

administrar a questão de envolvimento emocional entre educadores e alunos, que, pela carência, podem confundir os sentimentos. Lidamos com a morte, como a de um aluno



Fotos: Divulgação

Os jovens frequentam aulas de português, matemática, inglês, informática, técnica de atendimento a clientes e de vendas, além de expressão corporal.



Em 2012, foram abertas três novas unidades até agosto e o Instituto Nextel estima inaugurar mais três. A meta é chegar a 2015 com 40 unidades em todo o país.



Discutimos com eles temas que vão de direitos humanos, redes sociais, identidade e diversidade a meio ambiente e sustentabilidade, além de mercado de trabalho e projeto de vida. Como a preocupação é trabalhar a partir do contexto social dos alunos, todos os conteúdos são elaborados a partir da realidade deles.

ELIANE COSTA SANTOS

49 anos, dá aulas de matemática e educação financeira.



do Rio de Janeiro assassinado pela milícia. Isso traz um impacto para a turma e os educadores. Tudo é parte do Brasil real com que temos que lidar”, conta Figueiredo.

Reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), o Instituto Nextel selou parcerias estratégicas para o desenvolvimento das atividades e para a contratação de educadores. As formações pedagógicas e profissionalizantes apresentam resultados animadores. “Temos um índice de 71% de inclusão no mercado de trabalho, após três meses de conclusão do curso”, comemora Figueiredo.

O Conexão Direta tem duração de seis meses, com quatro horas diárias de aprendizado. Utiliza uma metodologia elaborada pela própria Nextel. Os cursos recebem jovens de 16 a 24 anos. Eles frequentam aulas de português, matemática, inglês, informática, técnica de atendimento a clientes e de vendas, além de expressão corporal. A programação inclui ainda oficinas de debates sobre temas contemporâneos. A estrutura curricular é a mesma em todas as unidades, mas é customi-

zada para se adequar à cultura de cada local. Por exemplo, há aulas de expressão corporal e oficinas de gravura na unidade de Pinheiros, na capital paulista, que funciona dentro do Instituto Tomie Ohtake. Em Salvador e no Rio de Janeiro foram acrescentadas aulas de dança.

Em 2012, em parceria com o Centro Paula Souza, o Instituto Nextel passou a oferecer o pós-técnico na área de desenvolvimento de aplicativos para smartphones e celulares utilizando a plataforma Android. Com duração de 5 horas, o curso é organizado nos módulos básico, tecnológico e de gestão; e oferecido em duas Escolas Técnicas Estaduais (Etecs): Parque da Juventude, em São Paulo, e Bento Quirino, em Campinas. A Nextel, por meio do Instituto Nextel, além de capacitar professores, forneceu smartphones e montou um laboratório com 20 computadores na Etec de Campinas.

O Instituto Nextel encerrou 2011 com quatro unidades. Em 2012, abriu três novas até agosto e estima inaugurar mais três. A meta é chegar a 2015 com 40 unidades em todo o país. Até o momento, foram

investidos R\$ 16 milhões nos projetos. Além de toda a infraestrutura, os alunos recebem ticket alimentação (cesta familiar), material didático, uniforme, convênio odontológico e têm acesso a bens culturais, participando de excursões, visitas a museus e teatros.

CONEXÃO DIRETA E CONEXÃO DIGITAL

Instituição responsável

Instituto Nextel

Responsável pelo projeto

Wandrea Ferreira, gerente de Responsabilidade Social da Nextel

Parceiros

HayGroup, OdontoPrev, Sodexo

Abrangência geográfica

Bahia: Salvador; cidade do Rio de Janeiro: bairros de Botafogo e Guadalupe; estado de São Paulo: Campinas, São Paulo (bairros de Santo Amaro e Pinheiros), Santos

Público

Jovens entre 16 e 24 anos, em situação de risco social, que tenham concluído o ensino médio ou que sejam estudantes de escolas públicas. Até o momento já foram beneficiados 2,6 mil alunos

Investimento

Até 2012, todos os centros receberam investimentos da Nextel da ordem de R\$ 16 milhões

www.institutonextel.org.br

Rumo ao primeiro emprego

Jovens de baixa renda e portadores de deficiências aumentam empregabilidade aprendendo a usar softwares de gestão de negócios

O Instituto da Oportunidade Social (IOS) comemora o crescimento de seu projeto de capacitação profissional e inclusão no mercado de trabalho para jovens de baixa renda e pessoas com deficiência. Até o primeiro semestre de 2010, eram oito Unidades de Acompanhamento, que são os locais onde se realizam as formações. Dois anos depois, já são 18 unidades, sendo 17 no Brasil e uma em Luanda, capital de Angola. Criado em 1998 com apoio da empresa Totvs, o instituto hoje é uma organização social sem fins lucra-

tivos que oferece cursos voltados à Tecnologia da Informação e Administração. A iniciativa atende, por ano, cerca de duas mil pessoas. O público é formado prioritariamente por jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica, entre 15 e 24 anos, estudantes ou formados em escolas públicas.

O modelo de capacitação do IOS qualifica os alunos para o uso de *softwares* de gestão. A base da formação é o sistema ERP da linha Microsiga Protheus, desenvolvido pela Totvs, uma das maiores empresas de *software* do país. Kelly Christine

B. do Valle Lopes, gestora Social do IOS, explica que a companhia entende que quem sabe lidar com seu sistema é capaz de se sair bem com qualquer outro. “O IOS trabalha com conceitos de negócio,s e isso não se aprende em cursos técnicos nem na universidade”, ressalta Kelly.

Assim, os jovens aprendem a utilizar ferramentas de gerenciamento de fluxos de informações em departamentos como compras, faturamento, estoque, contabilidade, fiscal e folha de pagamento. Para provar que aproveitaram o treinamento, no Trabalho de Conclusão de Curso,



Fotos Divulgação

Para provar que aproveitaram o treinamento, no Trabalho de Conclusão de Curso, feito em grupo, os alunos precisam vencer um desafio: criar uma empresa e desenvolver o ciclo completo de um processo de produção.

feito em grupo, precisam vencer um desafio: criar uma empresa e desenvolver o ciclo completo de um processo de produção.

As aulas alternam noções mais básicas de informática, utilizando programas proprietários, com os conhecimentos mais avançados em *softwares* de gestão. “Colocamos o complexo e o simples junto para ir agregando uma bagagem ao aluno, para que ele se acostume àquela linguagem empresarial do sistema”, relata o educador Gabriel Lopes Ricardo. “O profissional com essa qualificação é escasso no mercado de trabalho, e geralmente sobram vagas por falta de candidatos”, acrescenta a diretora do IOS, Rosane Chene.

Em 2012, o IOS abriu 40 vagas para seu primeiro curso de programação, que reúne o ensino de lógicas e linguagens de programação.

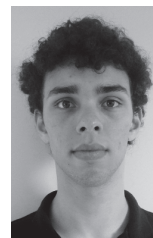
-se outra vez, agora para um curso de *software* de gestão de pessoal. Aluna do segundo ano do ensino médio, Talita já está pensando em qual carreira seguir. Por enquanto, cogita faculdade de Administração ou Tecnologia da Informação. Segundo ela, a decisão será mais fácil em função do que já aprendeu no instituto: “Com esses cursos e com a motivação dos professores, você consegue ter noção do que quer fazer no futuro”.

Os cursos têm duração de um semestre, com carga mínima de 300 horas. As aulas acontecem no contra turno escolar, de segunda a sexta-feira. O IOS entra com a metodologia de ensino, a capacitação da equipe técnica e o material didático para os alunos. As empresas e instituições parceiras, que recebem as chamadas Unidades de Acompanhamento, se

Algumas pessoas são bem carentes, de baixa renda, muitas não têm nenhum conhecimento básico do computador, não sabem nem ligar uma máquina. A gente

acompanha o aluno desde o início do seu conhecimento até os seis meses, quando ele sai. É uma surpresa a cada aluno. No começo foi um desafio porque eu não tinha tanta vivência com pessoas, mas depois achei muito interessante aprender as peculiaridades de cada um. Você se sentetambém satisfeito por ajudar outras pessoas passando o conhecimento que você adquiriu.

GABRIEL LOPES RICARDO
18 anos, educador.



Os jovens aprendem a utilizar ferramentas de gerenciamento de informações em compras, faturamento, estoque, contabilidade, fiscal e folha de pagamento.

“Como nossa missão é empregar os jovens, quanto mais conteúdo, maior será nosso resultado final”, salienta.

Conquistar uma vaga no mercado de trabalho ainda é um sonho para muitos jovens brasileiros. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a faixa etária entre 15 e 24 anos representa 45% de todos os desempregados do país. Atento a essa realidade, o instituto também dá uma força para a colocação dos jovens, enviando currículos para as empresas que necessitam de profissionais. A meta do IOS, até o final de 2012, é ampliar a empregabilidade dos alunos dos atuais 46% para 60%.

Quando soube dos cursos do IOS, Talita Theodoro, 15 anos, não deixou escapar a oportunidade. Entre agosto e dezembro de 2011 fez o curso do *software* ERP. Gostou tanto que, em 2012, resolveu matricular-

responsabilizam por oferecer o espaço físico - laboratório de informática e sala de aula com projetor e conexão banda larga -, além de arcar com as despesas de manutenção de toda a infraestrutura.

Principal mantenedora da iniciativa, a Totvs, além de aportar mais de 80% do orçamento anual do programa, cede as licenças dos *softwares* utilizados. O investimento anual do Instituto da Oportunidade Social gira em torno de R\$ 3 milhões. Desde 1998, cerca de 21 mil jovens já foram capacitados. Portadores de deficiências física, visual e auditiva, a partir de 16 anos, também são atendidos. Desde 2009, quando entrou em vigor a Lei de Cotas, cerca de cem pessoas com deficiência já foram contempladas.

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO, TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DIRECIONAMENTO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Instituição responsável

Instituto da Oportunidade Social

Responsável pelo projeto

Kelly Christine B. do Valle Lopes, gestora Social do IOS

Parceiros

Accesstage, GRSA e Grupo Itaú, Hochtief, iOS Mentor, Pizza Hut, Totvs, White Martins

Abrangência geográfica

São Paulo e Diadema (SP), Belo Horizonte, Uberlândia, Sacramento, Sete Lagoas e Pouso Alegre (MG), Curitiba (PA), Joinville (SC), Manaus (AM), Goiânia (GO), Cuiabá (MT) e Rio de Janeiro (RJ)

Público

Dois mil jovens são atendidos por ano; no total, 21 mil jovens já foram beneficiados

Investimento

R\$ 3 milhões

www.ios.org.br

Por dentro do computador

Além da instrumentalização, projetos valorizam o pensamento crítico, o trabalho em grupo e o posicionamento dos jovens diante dos problemas de suas comunidades

Com o propósito de inspirar a inovação no ensino e no aprendizado, a Intel desenvolve e implanta, não só no Brasil, mas em diversos países, projetos focados em educadores e educandos. Por aqui, ganharam terreno e prestígio iniciativas como Intel Aluno Técnico e Intel Aprender, entre outras. Em 2012, em especial, um grande impulso potencializou a abrangência do Aprender, que oferece conteúdos para telecentros, “não só visando a instrumentalização, mas valorizando o pensamento crítico, o trabalho em grupo e o posicionamento dos jovens diante dos problemas de suas comunidades”, explica Rubem Saldanha, gerente de Educação da Intel no Brasil.

Uma parceria com o governo de Minas Gerais possibilitou levar os cursos do Aprender a uma população estimada em 20 mil pessoas.

Por meio de ferramentas de ensino a distância, 150 seniores, dos 84 Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs) administrados pelo estado, foram formados no curso Tecnologia e Comunidade. Esses seniores devem capacitar 1.350 mediadores dos CVTs e de 487 telecentros do entorno dos centros. Até o final do ano, os mediadores aplicarão o curso aos usuários, nas pontas.

O Aprender é composto por três

na Nave do Conhecimento, espaço de inclusão cultural e digital inaugurado em junho pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Para 2013, a previsão, de acordo com Saldanha, é levar essa formação aos Núcleos de Apoio ao Empreendedor, órgãos vinculados ao governo de Minas.

O Intel Aluno Técnico, que funciona desde 2004, já beneficiou mais de dez mil jovens com qualificação profissional em montagem e manuten-

As iniciativas promovem não apenas a empregabilidade dos jovens, mas impulsionam a inclusão digital nas instituições de ensino públicas.

módulos: Tecnologia e Comunidade, que está sendo ministrado no projeto mineiro; Tecnologia e Trabalho; e o novo módulo Tecnologia e Empreendedorismo, criado este ano. Este último já formou duas turmas

ção de computadores. Dois cursos, de cinco módulos cada, contabilizam 80 horas-aula, todas presenciais. Nas primeiras 40 horas, de montagem, os alunos aprendem, entre outras coisas, a identificar os principais



O Aluno Técnico, que funciona desde 2004, já beneficiou mais de dez mil jovens com qualificação profissional em montagem e manutenção de computadores.



O Aprender tem três módulos em Tecnologia: Comunidade, Trabalho e Empreendedorismo.

dispositivos externos e internos dos computadores e conhecem as funções de cada um. Na etapa seguinte, de manutenção, trabalham com soluções para problemas comuns de *hardware* e *software*, além de receber noções de rede (criar um IP ou fazer o compartilhamento de impressoras, por exemplo). No último dia, os alunos passam por uma prova com 30 questões no próprio portal do projeto. Se aprovados, recebem na hora o certificado.

O interesse em atuar na área de informática levou Wanderson Sá Cavalcante, de 18 anos, ao Intel Aluno Técnico. O jovem concluiu a formação este ano no Centro Paula Souza, em São Paulo, instituição profissionalizante parceira da iniciativa. Graças ao pai, que trabalha com peças e equipamentos, ele já tinha alguns conhecimentos sobre manutenção. E o curso foi a oportunidade para adquirir novas habilidades: “Aprendi a trabalhar com redes, isso eu não sabia”. E a vontade de se aperfeiçoar continua. Poucas semanas depois de concluir esse curso, Wanderson começou outro. Para o futuro, pla-

neja ingressar em um curso técnico e, se tiver condições, fazer uma graduação. “Quero trabalhar com TI. E o que aprendi no curso vai facilitar isso”, garante.

Em alguns locais, como o Centro Paula Souza, o Intel Aluno Técnico também é aberto a pessoas com idade mais avançada, que estão com dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Como José de Oliveira Tavares, de 63 anos. Depois de 23 anos no Japão, ele retornou ao Brasil no final de 2011, fugindo da crise econômica no país. Para ele, o curso representou não apenas novos conhecimentos, mas a chance de um recomeço: “Voltei em uma situação que não era boa, e esse curso era tudo o que eu precisava”.

O Aluno Técnico é resultado de um termo de cooperação firmado entre o principal executivo da Intel, Craig Barret, e o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O acordo, que também envolveu o Ministério do Trabalho e Emprego, o Ministério da Educação e o Senai, surgiu para ampliar o acesso de mais jovens à tecnologia, além de qualificá-los para o mercado de trabalho.

Desde 2010, os cursos também são realizados em várias unidades do Exército, como parte do projeto Soldado Cidadão, que qualifica jovens das Forças Armadas.

Um dos principais objetivos, segundo o gerente de Educação da Intel no Brasil, Rubem Saldanha, é formar técnicos para atuar em laboratórios de informática de escolas públicas. Para ele, a iniciativa promove não apenas a empregabilidade de mais jovens, mas impulsiona a inclusão digital nas instituições. “Colocar tecnologia nas escolas não é só comprar mais máquinas, envolve a capacitação de professores e alunos. E o programa ajuda em um pedaço desse quebra-cabeça”, explica.

A maioria dos jovens já conhece bastante de informática, mas não conhece muito de hardware. Eles vêm com interesse e se empenham bastante.



Hoje a informática está em tudo no mercado, e manutenção é uma coisa que haverá sempre. Existem vários que já conseguiram emprego na área, em lojas de informática. Tem aluno que abriu loja para trabalhar com isso. Toda vez que um aluno chega aqui com um sorriso estampado falando que conseguiu um emprego ou abriu um negócio a gente se sente gratificado também.

REGINALDO DE OLIVEIRA POLYCARPO

41 anos, professor do Centro Paula Souza, de São Paulo, parceiro do Intel Aluno Técnico.

INTEL ALUNO TÉCNICO E INTEL APRENDER

Instituição responsável

Intel Brasil

Responsável pelo projeto

Rubem Saldanha, gerente de Educação da Intel Brasil

Parceiros

Centro de Integração EmpresaEscola – Ciee, Centro Paula Souza, Centro Profissionalizante de Itanhaém, Companhia de Processamento de Dados do Município de São Paulo (Prodam), Exército Brasileiro, governo federal, Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec – Fortaleza-CE), Prefeitura de São Paulo/Idort, Secretarias de Educação de Goiás e do Rio Grande do Sul, Senai, Universidade Estadual Paulista (Unesp), empresas privadas

Abrangência geográfica

Brasil e México

Público

Jovens com até 21 anos, estudantes do ensino médio e soldados do Exército Brasileiro

Investimento

Informação não disponível

www.alunotecnico.com.br

Toda força aos professores

Projetos oferecem capacitação para educadores, conteúdos didáticos e oficinas multimídia para os moradores da região

Entre as iniciativas de responsabilidade social da operadora NET, o EduConexão faz parte do pacote de ações reunidas no portal NET Educação. O principal foco do projeto é a capacitação de professores no uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Criado em 2010, beneficiou 207 professores de 132 escolas. Atualmente participam os municípios de Botucatu, Taubaté e Marília, em São Paulo; Vitória (ES), Farroupilha, Lajeado e Pelotas (RS); e Manaus (AM). Mas a empresa afirma que pretende levar o curso a todas as cidades onde tem operação comercial, cerca de cem.

Para se apropriar das novas tecnologias, os educadores fazem um curso em uma plataforma de ensino a distância, sob a gestão do Instituto Crescer Para a Cidadania, parceiro do projeto. “Eles trabalham interpretação de texto, criação de *websites*, *blogs*, pesquisa e seleção de informações na internet”, explica Daniely Gomiero, gerente de Comunicação Interna e Responsabilidade Social da NET. Após a fase remota, acontece uma etapa de formação presencial. O curso completo tem carga horária de 40 horas e é realizado em cerca de dois meses. O certificado de conclusão é considerado pelas secretarias municipais de Educação dentro do plano de carreira docente.

No NET Educação, estão disponíveis conteúdos para apoiar o processo de ensino. Livres para ser acessados por qualquer interessado, não necessariamente integrante das escolas que participam do projeto, os materiais incluem indicação de *links*, *podcasts*, jogos interativos, vídeos, orientações de como montar e utili-



Divulgação

Os materiais estão abertos no site e podem ser acessados por qualquer interessado, não necessariamente integrante das escolas que participam do projeto.

zar *blogs* ou páginas nas redes sociais. Tudo com foco em aplicações educativas. Estão disponíveis, por exemplo, dossiês sobre temas quentes da atualidade, como a questão ambiental. O material multimídia sobre o tema inclui o Novo Código Florestal e textos sobre biopirataria. Além dos documentos, há contatos de onde conseguir uma palestra sobre o assunto. Um dos indicadores do sucesso do projeto é o acesso ao portal, hoje com 17.200 visitas mensais, em um total de 36,9 mil *pageviews*.

O portal também abriga o conteúdo produzido pelo projeto NET Comunidade, em que educadores trabalham com as comunidades na produção multimídia. O objetivo é valorizar a comunicação comunitária e o protagonismo social. Hoje funcionam duas unidades do programa, uma no bairro do Cambuci, em São Paulo, e outra na Vila União, em Campinas (SP). Os espaços são abertos, preferencialmente, a moradores de regiões próximas ou que tenham relação di-

reta com a comunidade local. O NET Comunidade oferece cursos, oficinas e sessões de cinema gratuitamente. Os participantes recebem informações sobre técnicas de entrevista, redação de textos, fotografia, produção e edição de vídeos.

NET EDUCAÇÃO

Instituição responsável

NET Serviços de Comunicação

Responsável pelo projeto

Daniely Cristina Gomiero, gerente de Comunicação Interna e Responsabilidade Social da NET Serviços

Parceiros

Secretarias municipais de educação e Instituto Crescer para a Cidadania

Abrangência geográfica

Botucatu, Marília e Taubaté (SP); Farroupilha, Lajeado e Pelotas (RS); Vitória (ES); Manaus (AM)

Público

207 professores de redes públicas de ensino fundamental brasileiro

Investimento

Total do NET Responsabilidade social em 2012: R\$ 1,2 milhão

www.neteducacao.com.br

Instituto GEA

ética e meio ambiente

OSCIP especializada em projetos socioambientais para empresas, escolas, condomínios e municípios. Formamos e capacitamos cooperativas de catadores para o empreendedorismo solidário. Fazemos também palestras e treinamentos ambientais

Conheça alguns de nossos projetos

Meio Ambiente no Palco

Grupo de teatro com jovens adolescentes da periferia da Zona Leste de São Paulo, que puderem realizar a Educação Ambiental por meio da expressão artística.



Horta em Casa

Desenvolvimento de hortas em vasos e canteiros em casas e condomínios do bairro União de Vila Nova (antiga favela Pantanal), zona Leste de São Paulo, visando incentivar hábitos de alimentação saudável na população, além de reduzir despesas na compra de alimentos.



Projeto Eco-Eletrô

Projeto que visa capacitar catadores de cooperativas a coletar e processar resíduos de equipamentos eletrônicos de forma mais rentável e evitando a contaminação dos indivíduos ou do meio ambiente.



Programa de gerenciamento de resíduos das Casas Bahia

Consultoria técnica para implantação de Programa de Gestão Sustentável de Resíduos e Logística Reversa nas Casas Bahia.



A história de cada um

Formação crítica e tecnologia aliadas levam jovens a aumentar o conhecimento sobre as próprias comunidades e fortalecer vínculos com suas origens

Preparar jovens para um mercado exigente quanto ao domínio das novas tecnologias e possibilitar a inserção desses profissionais no segmento de economia criativa é a proposta do Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, projeto idealizado e mantido pela Oi Futuro. Mas esse objetivo é atingido por

dução cultural de artistas baianos de maneira poética. Os jovens teriam de registrar seu olhar sobre a cidade com latas-câmeras, a partir das músicas de Dorival Caymmi. Muitos ficaram surpresos ao ser apresentados à obra do compositor, que não conheciam. Aconteceram reuniões em grupo, escuta das músicas, ati-

criações visuais. O resultado foi organizado e publicado pelos próprios jovens no *blog* do projeto.

Atividades desse tipo acontecem em todas as unidades. São abertas a jovens de 16 a 18 anos, residentes em comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e estudantes da rede pública. A duração média das ações é de 18 meses. As aulas, diárias, têm duração de quatro horas.

O projeto já está ganhando corpo e visibilidade. Pela primeira vez, foi realizada, em um dos centros culturais do Oi Futuro no Rio de Janeiro, uma exposição fotográfica coletiva de artistas que já se formaram ou ainda estudam na Oi Kabum! – o projeto já formou 800 jovens. Foi o primeiro resultado artístico de maior

Depois da Oi Kabum!, os jovens podem ingressar no Núcleo Avançado em Educação (Nave), onde aprofundam as habilidades desenvolvidas, além de amadurecer suas escolhas profissionais.

meio de uma metodologia que privilegia a formação crítica, de modo que os jovens aumentem o conhecimento sobre as próprias comunidades e fortaleçam os vínculos com suas origens.

Na prática, os integrantes dos projetos realizam cursos de *design*, computação gráfica, vídeo, fotografia e *web design*. O grande diferencial está no conteúdo trabalhado: enquanto aprende a usar as ferramentas multimídia, o jovem se envolve no resgate da história e da cultura do lugar onde vive. Desde o processo seletivo, os responsáveis pelo projeto buscam identificar jovens com potencial de replicar seu aprendizado técnico ou que se destaquem por atitudes cidadãs em suas comunidades. Os que têm participação ativa na escola, ou em outro espaço coletivo, têm prioridade.

O projeto começou em 2003, no Rio de Janeiro. Estendeu-se para Recife (PE), Salvador (BA) e a última unidade, em Belo Horizonte (MG), foi implantada em 2009. Em Salvador, por exemplo, a iniciativa buscou incentivar o conhecimento da pro-

vidades de releituras das letras das canções e saídas das turmas para fotografar lugares citados. Feitas as fotos, os alunos de *design* gráfico foram agregados para desenvolver



Fotos Divulgação

Desde o processo seletivo, os responsáveis buscam identificar jovens com potencial de replicar seu aprendizado técnico ou que se destaquem por atitudes cidadãs em suas comunidades.



As atividades são abertas a jovens de 16 a 18 anos, residentes em comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e estudantes da rede pública.

abrangência do programa, que promoveu também a mostra multimídia Festas Populares de Salvador, em três espaços da capital baiana, em 2010, e chegou ao Centre Civic Pati Llimona, em Barcelona, este ano.

O trabalho é desenvolvido em parceria com organizações não governamentais (ONGs). Em Belo Horizonte, tem parceria com a Associação de Imagem Comunitária (AIC), com realização de Plug Minas e governo de Minas Gerais. A Oi Kabum! Recife é parceira da Auçuba Comunicação e Educação, com apoio da Prefeitura de Recife. A Oi Kabum! Rio de Janeiro tem parceria com o Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip). A parceira em Salvador é a Cipó Comunicação Interativa. Cada escola dispõe, em média, de 12 educadores e três gestores, além de equipe administrativa.

Paola Scampini, diretora de Educação do Oi Futuro, diz que uma das maiores preocupações é não limitar a formação à qualificação técnica: “Nosso objetivo é formar jovens com pensamento crítico, consciência ambiental. E em contribuir para o bom uso da língua portuguesa. Esses temas são desenvolvidos e dis-

cutidos em sala de aula nas disciplinas Oficina da Palavra, Ser/Conviver e em projetos multidisciplinares”.

Depois da formação na Oi Kabum!, os jovens têm a oportunidade de ingressar no Núcleo Avançado em Educação (Nave), onde podem aprofundar o aprendizado e as habilidades desenvolvidas, além de amadurecer suas escolhas profissionais. O Nave é voltado para a pesquisa e o desenvolvimento de soluções educativas que usam TICs no ensino médio e capacita jovens para profissões na área digital. Criado em 2007, funciona em parceria com as secretarias de Estado de Educação do Rio de Janeiro e de Pernambuco, abrigando atualmente cerca de 960 alunos e 102 educadores. Com um pé no mercado de trabalho, os jovens do Núcleo recebem demandas de diversos tipos de clientes. Podem fazer um simples registro audiovisual ou criar sites, produzir vídeos institucionais, animações de curta duração, documentários, instalações de arte imersiva interativa.

O Oi Futuro mantém ainda o Oi Conecta, um portal destinado a estudantes e educadores do ensino fundamental II (5º ao 9º ano). Para ter

acesso a conteúdos de matemática, português, sustentabilidade e games educacionais, alunos, professores e gestores precisam se cadastrar.

OI KABUM! ESCOLA DE ARTE E TECNOLOGIA E NÚCLEO AVANÇADO EM EDUCAÇÃO (NAVE)

Instituição responsável

Oi Futuro

Responsável pelo projeto

Maria Arlete Gonçalves, diretora de Cultura da instituição

Parceiros

Em Belo Horizonte, parceria com a Associação de Imagem Comunitária, com realização de Plug Minas e governo de Minas Gerais; em Recife, parceria com Auçuba Comunicação e Educação, com apoio da Prefeitura de Recife; no Rio de Janeiro, parceria com o Centro de Criação de Imagem Popular; em Salvador, parceria com Cipó Comunicação Interativa

Abrangência geográfica

Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro e Salvador

Público

Já formou mais de 800 jovens entre 16 e 18 anos em linguagem multimídia desde o início do projeto em 2003

Investimento

Não divulgado

www.oifuturo.org.br

Tablets ao mar

Comunidade pesqueira Santa Cruz de Cabrália profissionaliza e incrementa a produção com uso de tecnologia sem fio

A Qualcomm é conhecida por fazer *chips* poderosos para celulares inteligentes e *tablets*, aparelhos que facilitam a vida do homem da cidade com mapas, notícias em tempo real, conexão à internet, entre outros recursos. Mas essa tecnologia também pode fazer muito por populações litorâneas,

“difíceis de mexer”, explica Fabrício Alves, sócio do IABS. Foi então que mudaram para *tablets*, da empresa chinesa Huawei. Os novos dispositivos são equipados com o sistema operacional Android e aplicativos especialmente desenhados para atender às necessidades da comunidade. *Modems* 3G da ZTE tam-

bém foram distribuídos para facilitar o acesso aos aplicativos para quem tem computador em casa.

Um *software* usado nos barcos permite acompanhar as despesas realizadas e o que é pescado durante a saída para o mar, além de dar previsão do tempo, de ondas e tábua de maré. As antenas instaladas na comunidade conseguem prover internet para até 25 milhas da costa – a operadora de telefonia Vivo doou estações de radiobase para distribuir o sinal em Santa Cruz Cabrália. Se o barco vai além desse limite, o sistema opera *offline* e sincroniza as no-

Um software usado nos barcos permite acompanhar as despesas realizadas e o que é pescado durante a saída para o mar, além de dar previsão do tempo, de ondas e tábua de maré.

com economia baseada na pesca. Previsão do tempo, administração dos recursos e até uma loja virtual podem ser gerenciadas por meio desses equipamentos. Essa é a proposta do projeto Pescando com Redes 3G, que financia e dá apoio técnico às comunidades pesqueiras da cidade de Santa Cruz Cabrália (BA), onde vivem aproximadamente 31 mil pessoas.

Implementado pelo Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS) em 2009, o projeto distribuiu dispositivos móveis com conexão 3G (a banda larga móvel) a pescadores e maricultores. “A ideia é envolver a comunidade com a tecnologia avançada para fazer com que a atividade econômica local cresça”, diz Francisco Soares, diretor de Relações Governamentais da Qualcomm. No início, foram doados 25 *smartphones* para uso em 15 embarcações, mas a ideia não vingou. “Como os pescadores têm as mãos calejadas e grossas por causa dos trabalhos manuais, houve muita rejeição. Os celulares eram mais



Fotos Divulgação

Quando o barco volta, um sistema de e-commerce organiza os estoques e a distribuição do pescado para estabelecimentos da região.



O IABS firmou convênio para oferecer cursos a distância para a comunidade, que acessa a internet no telecentro da Associação de Pescadores.

vas informações assim que encontra uma nova rede. Para evitar problema com a água, inimiga nº 1 dos *hardwares*, os *tablets* são envoltos em capas de neoprene. Enquanto isso, em terra firme, o dono do barco acompanha tudo, em tempo real, com a ajuda de outro *tablet*.

Quando o barco volta com a pesca, um sistema de *e-commerce* organiza os estoques e a distribuição do pescado para estabelecimentos da região. Cerca de 50 empresas, como restaurantes, hotéis e barracas de praia, já fazem suas compras *online*, de acordo com Alves. Por meio de comércio eletrônico, já foram vendidas duas toneladas de peixes dos cerca de 300 beneficiários do programa.

O projeto também trouxe benefícios aos índios pataxós da localidade de Guaiú, que puderam participar de uma formação para o cultivo de ostras. Pelo *tablet*, é possível acompanhar as fases do crescimento dos moluscos e verificar a qualidade da água em salinidade, oxigênio, PH e temperatura. “Nossa pesca é um orgulho. Tem gente que vem aqui ver como são nossos procedimentos e fica impressionada”, afirma a pata-

xó Luena Ferreira dos Santos, de 29 anos, que foi designada gerente do projeto. Ela garante que tem o controle de “cada notinha emitida”, mas não cuida só da parte administrativa e não faz braço-curto quando é preciso descarregar um barco ou executar outras tarefas manuais.

Em breve, a produção deve ficar ainda mais criteriosa. Em 2011, o IABS firmou convênio com o Instituto Federal do Paraná para fazer cursos a distância para a comunidade. São ministradas aulas de 2º grau e o curso técnico em Aquicultura ou Pesca. De acordo com Francisco Soares, a iniciativa se insere na chamada segunda fase do projeto, cujo principal objetivo é ampliar as funcionalidades do Pescando com Redes 3G. Depois que o conhecimento e a técnica estiverem solidificados, a ideia é passar para a terceira fase do projeto, expandindo o alcance para outras comunidades.

O Pescando com Redes 3G é um braço da iniciativa Wireless Reach, da Qualcomm, que leva redes sem fio a comunidades carentes de todo o mundo. O projeto foi o vencedor do Prêmio ARede 2011 na categoria Serviços aos Usuários.

Nossa pesca é um orgulho. Tem gente que vem aqui ver como são nossos procedimentos e fica impressionada.



LUENA FERREIRA DOS SANTOS
29 anos, gerente do Pescando com Redes 3G.

PESCANDO COM REDES 3G

Instituições responsáveis

Qualcomm e Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS)

Responsáveis pelo projeto

Fabício Alves, sócio do IABS e Francisco Soares, diretor de Relações Governamentais da Qualcomm

Parceiros

Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional (Usaid), Huawei, Prefeitura de Santa Cruz Cabrália, Vivo, ZTE do Brasil

Abrangência geográfica

Município de Santa Cruz Cabrália (BA)

Público

Cerca de 60 pessoas diretamente, 500 pessoas indiretamente, 50 empresas cadastradas como clientes dos pescadores

Investimento

Informação não disponível

www.pescandocomredes3g.com.br

Da inclusão básica à experimentação avançada

Formação em informática gera inclusão social, subsidia pesquisas científicas e proporciona ambiente para desenvolvimento de metodologias educacionais



Fotos Divulgação

O projeto do Mutirão recebe a colaboração de estagiários de graduação da universidade nas oficinas, que têm duração de seis meses.

Manter o contato com quatro filhos que moram em cidades distantes passou a ser uma dificuldade para Marli Pinho Neckel, de 69 anos. Além dos custos das ligações não serem nada camaradas, é complicado acompanhar os horários de cada um. Uma boa alternativa é trocar notícias por *e-mail*, ferramenta que ela aos poucos está dominando, graças ao Mutirão pela Inclusão Digital, projeto da Universidade de Passo Fundo (UPF), do Rio Grande do Sul. “Antes tarde do que nunca, quero aprender, me esforçar”, conta Marli, que trabalhava em plantações de soja antes de se aposentar.

Iniciativa consolidada na região, o Mutirão, idealizado e realizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão Digital (Gepid), foi vencedor do prêmio ARede 2011. Começou em 2004 como uma forma de

aproveitar os horários ociosos do Laboratório Central de Informática da universidade, compartilhando-o com estudantes do 1º ao 8º ano da rede pública. Hoje os cursos e oficinas recebem também idosos. “Os mais velhos estão entrando em ambientes como o Facebook para falar

li, por exemplo, está aprendendo a criar e administrar uma conta de *e-mail* com o intuito de se comunicar. Como desdobramento natural, também aprende a digitar e a navegar na internet. “As pessoas entram absolutamente desconectadas e no final sabem usar *mouse*, teclado e fazer

Os cursos são sempre voltados a um objetivo e a apropriação da tecnologia se dá como decorrência do processo de aprendizado.

com filhos e netos”, conta o professor Adriano Canabarro Teixeira, coordenador do Mutirão.

Em oito anos, mais de 1.500 pessoas participaram de 55 oficinas (os dados de 2012 ainda não estão fechados). Os cursos são sempre voltados a um objetivo e a apropriação da tecnologia se dá como decorrência do aprendizado. Mar-

várias operações no computador”, diz Teixeira.

Se por um lado o Mutirão estimula o *bê-á-bá* da informática, no outro extremo é um laboratório para o desenvolvimento do conhecimento na UPF. Entre outros, o livro *Inclusão Digital - Experiências, desafios e perspectivas*, editado em 2009, reúne artigos científicos produzidos

a partir do dia a dia com os alunos. Mais ainda, a iniciativa de inclusão digital mantida pela UPF abriga práticas pedagógicas. “Uma das novidades deste ano é que trabalharemos, em uma das turmas, com o Scratch, ferramenta de programação para crianças baseada em *software* livre”, conta Teixeira. A ideia é criar alternativas diferenciadas e inovadoras de uso dos laboratórios de informática das escolas que, na maioria das vezes, reproduz a verticalidade e a rigidez da sala de aula.

O Scratch vai possibilitar o início do trabalho com *hardware* livre. Teixeira relata que está sendo aberta uma frente de pesquisa com robótica educacional livre utilizando o Arduino (popular componente para fazer máquinas de código aberto). Os integrantes dessa atividade vão dispor do Laboratório Interdisciplinar de Robótica Educativa Livre (LIREdu/ICEG), criado para desenvolver experiências na área de robótica educacional como recurso tecnológico para aprendizagem de ciências e matemática na educação básica.

O projeto do Mutirão recebe a colaboração de estagiários de gra-

duação da universidade nas oficinas, que têm duração de seis meses. No começo os estagiários eram apenas do curso de Ciência da Computação. Com a expansão das ações, estudantes de outras áreas enxergaram o Mutirão como um novo espaço para pesquisas. Entre esses está Josiane Muller, de 22 anos, aluna de letras. Ela integra o projeto desde 2011 e pretende continuar até onde permitirem, por mais que já tenha cumprido a cota de cursos externos necessários para a conclusão de sua graduação. “Chegam alunos que desconhecem quase completamente a internet. É incrível vê-los compreender o poder da rede”, conta Josiane.

Há seis anos, o Gepid promove um Seminário de Inclusão Digital, que em 2011 ganhou *status* de internacional. Outra iniciativa de grupo é o Kit Escola Livre. O projeto, apelidado de Kelix, consiste em uma coletânea de *softwares* educacionais desenvolvidos sob a licença GPL (GNU Public License). No Espaço Kelix, crianças de escolas públicas participam de oficinas de introdução à informática, mídias sociais, leitu-

ra na web, entre outras. Dentro da linha de pesquisa em Tecnologias e Metodologias de Inclusão Digital do Gepid, o projeto possibilitou criar uma disciplina optativa para os alunos do curso superior de Ciência da Computação, denominada Tópicos Especiais em Informática na Educação: Inclusão Digital na Ciberultura.

Tem alunos que
chegam e
desconhecem quase
completamente a
internet. É incrível
vê-los ganhando uma
noção mais definida do
poder da rede.



JOSIANE MULLER

22 anos, estudante de letras e voluntária no Mutirão Digital.



A UPF tem tradição em promover a inclusão digital; há seis anos, realiza um seminário que reúne interessados de todo o país.

MUTIRÃO PELA INCLUSÃO DIGITAL, KIT ESCOLA LIVRE

Instituição responsável

Universidade de Passo Fundo

Responsável pelo projeto

Adriano Canabarro Teixeira, coordenador

Parceiros

Apae Getúlio Vargas, Centro de Referência em Literatura e Multimídia (UPF), Fundação Universidade de Passo Fundo, Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão Digital, InfoEduca: Soluções em Informática Educativa, Instituto Federal de Educação, Junior Chamber Internacional, ONG Moradia e Cidadania da Caixa Econômica Federal, Prefeitura de Passo Fundo, Projeto Kit Escola Livre, Projeto Transformação e arte

Abrangência geográfica

O Mutirão atua no município de Passo Fundo. O Seminário de Inclusão Digital recebe participantes de todo o país

Público

Mutirão: 313 participantes das oficinas em 2011

Investimento

Mutirão: R\$ 78.496,88 (2011)

<http://mutirao.upf.br>

<http://senid.upf.br>

PROJETOS DESTA EDIÇÃO

■ Sociedade Civil ■ Setor Privado

A

Ação Educação **pág. 114**
Agentes de Desenvolvimento da Comunicação (ADC) **pág. 54**
Amigos do Planeta - Inclusão Digital **pág. 90**

B

Brasil Hoje **pág. 102**

C

Capacitação profissional em administração, tecnologia da informação e direcionamento para o mercado de trabalho **pág. 126**
CDI Comunidade **pág. 28**
Centro Cultural Coco de Umbigada **pág. 72**
Centro Infante Juvenil Zona Sul **pág. 50**
Centro de Vivência Redentora **pág. 52**
Comunidade Virtual Escrevendo o Futuro **pág. 102**
Connecting Classrooms **pág. 24**
Conexão Amazônica **pág. 80**
Conexão Digital **pág. 124**
Conexão Direta **pág. 124**
CRC Cesmar e CRC do Recife **pág. 32**
CRC Oxigênio **pág. 70**
Curso Preparatório Pré-Nokianos **pág. 104**
CyberCafé Rural **pág. 20**

E

Embratel Educação **pág. 122**
Escrevendo com Escritor **pág. 62**
Estações Digitais **pág. 78**
Estação de Metarreciclagem de Samambaia **pág. 78**

G

Garoto Cidadão **pág. 98**

I

Inclusão Digital **pág. 104**
Inclusão Digital de Três Lagoas **pág. 42**
Índio Educa **pág. 86**
Índios Online **pág. 86**
Informática Educativa **pág. 68**
Intel Aluno Técnico **pág. 128**
Intel Aprender **pág. 128**
Interação Digital **pág. 108**
Intercâmbios Sonoros **pág. 38**

K

Khan Academy **pág. 48**
KidSmart **pág. 116**
Kit Escola Livre **pág. 136**

L

Lidera **pág. 48**

M

Mutirão pela Inclusão Digital **pág. 136**

N

Núcleo Avançado em Educação (Nave) **pág. 132**
Net Educação **pág. 130**

O

Observatório Fora do Eixo **pág. 34**
Oca Digital **pág. 86**
Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia. **Pág. 132**

P

Parceria para Oportunidades de Empregos através da Tecnologia nas Américas (Poeta) **pág. 44**
Paulo Freire Memória e Presença **pág. 38**
Pescando com Redes 3G **pág. 134**
PlanSeQ – Próximo Passo **pág. 70**
Polo Centro-Oeste do Programa Telecentros.BR **pág. 78**
Polo Sudeste Meridional do Programa Telecentros.BR **pág. 44**
Pontão de Cultura Nós Digitais **pág. 84**
Porto Digital **pág. 74**
Prêmio Instituto Claro **pág. 120**
Ponto de Cultura Cordão Cultural por Milho Verde **pág. 64**
Produtor Informado e Criança do Café na Escola **pág. 92**
Programa Algar Educa **pág. 118**
Programa Cidadania Digital **pág. 96**
Programa Enter Jovem Plus **pág. 60**
Programa Escola Conectada **pág. 56**
Projeto Formare **pág. 100**
Programa de Inclusão Digital Caia na Rede **pág. 106**
Projovem Trabalhador – Juventude Cidadã **pág. 70**

Q

Qualificar para Incluir **pág. 94**

R

Recursos Educacionais Abertos-Brasil **pág. 58**
Rede Gemas da Terra de Telecentros Rurais **pág. 82**
Rede Jovem Comunica **pág. 112**
Rede Mocambos **pág. 26**
R.I.A. **pág. 110**
R.I.S.A.D.A. **pág. 86**

S

SeLiga! **pág. 66**

T

Telecentro Cadesc **pág. 40**

W

Wikimapa - Localização ao Alcance de Todos **pág. 76**

Proporcionando crescimento mútuo entre jovens e empresas



“O Formare é um transformador social: estimula e integra os nossos colaboradores à prática de voluntariado e ainda capacita jovens de comunidades do entorno das nossas unidades a encontrarem novos caminhos”

Carlos Alberto Griner, diretor executivo de RH - SUZANO Papel e Celulose



“O Formare supre a necessidade da usina, atende demandas da comunidade e faz com que a atuação dos jovens no ambiente profissional seja diferenciada.”

Claudio Luna Scalise, gerente-geral de RH - USIMINAS Cubatão



“O Formare é parte da cultura da empresa, pois reflete um futuro promissor e uma sociedade mais justa. Proporcionar oportunidade para que estes jovens possam ser qualificados e direcionados para o mercado de trabalho é motivo de respeito, orgulho e satisfação para todos os colaboradores.”

José Eduardo Luzzi, presidente - MWM International



“Os sonhos são a união da mente e do coração. Queremos encorajar estes garotos do Formare para que consigam realizá-los.”

Miguel Angel Bermejo, diretor regional de RH - GRAND HYATT SP



REDE de empresas parceiras FORMARE:

- 3M • ACHÉ • ALSTOM • AMSTED MAXION • BEHR • BOSCH • CMP • CONSÓRCIO MODULAR RESENDE • CONTINENTAL • COTEMINAS • DELPHI • DHL • DURATEX • EATON • ERICSSON • FEDERAL MOGUL • FUMAGALLI • GRUPO ULTRA • GUERRA • INSOLO • HYATT • INTERNATIONAL PAPER • IVECO • KNORR-BREMSE • LEÃO ENGENHARIA • MAGNETI MARELLI • MAHLE • MANGELS • MAXION • MERITOR • MILENIA • MWM INTERNATIONAL • NEUMAYER TEKFOR • NIVEA • PEPSICO • PEUGEOT-CITROËN • POLIMIX • RENUKA • SAINT-GOBAIN • SANTOS BRASIL • SCHAEFFLER • SCHMERSAL • SIEMENS • SODECIA • SULZER • SUZANO • SYL • TAKATA • TEKSID • USIMINAS • VIDEOLAR • VOITH • ZF SACHS • USIMINAS • VALEO • VIDEOLAR • VOITH • ZF DO BRASIL

FORMARE
www.formare.org.br

FUNDAÇÃO
IOCHPE